

FABIANNA MARIA WHONRATH MIRANDA

AUDIOVISUAL NA SALA DE AULA: *Estudo de trabalhos de produção de vídeo como instrumento pedagógico no processo de ensino-aprendizagem.*

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Mestre em Multimeios.

Orientador: Prof. Nuno César Pereira de Abreu.

CAMPINAS
2008

FABIANNA MARIA WHONRATH MIRANDA

AUDIOVISUAL NA SALA DE AULA: *Estudo de trabalhos de produção de vídeo como instrumento pedagógico no processo de ensino-aprendizagem.*

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Mestre em Multimeios.

Orientador: Prof. Nuno César Pereira de Abreu.

Este exemplar é a redação final da Dissertação defendida pela Sra. Fabianna Maria Whonrath Miranda e aprovada pela Comissão Julgadora em 20/08/2008

Prof. Dr. Nuno César Pereira de Abreu

CAMPINAS
2008

Orientador

iii

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP**

M672a Miranda, Fabianna Maria Whonrath.
 Audiovisual na sala de aula: Estudo de trabalhos de produção
 de vídeo como instrumento pedagógico no processo de ensino-
 aprendizagem./ Fabianna Maria Whonrath Miranda – Campinas,
 SP: [s.n.], 2008.

Orientador: Prof. Dr. Nuno César Abreu.
Dissertação(mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Artes.

1. Gravações de vídeo - Produção e direção. 2. Educação. 3.
Audiovisual. 4. Procedimentos de produção de vídeo. 5. Vídeo na
escola. I. Abreu, Nuno César. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

(em/ia)

Título em inglês: “Audiovisual education: a study of video production as a pedagogical instrument in the teaching-learning process.”

Palavras-chave em inglês (Keywords): Video recordings - Production and direction ; Education ; Audiovisual ; Procedures for production of video ; School teaching.

Titulação: Mestre em Multimeios.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Nuno Cesar Pereira de Abreu.

Prof. Dr. Antonio Fernando Passos.

Prof. Dr. Milton Ameida.

Data da Defesa: 20-08-2008

Programa de Pós-Graduação: Multimeios.

Instituto de Artes

Comissão de Pós-Graduação

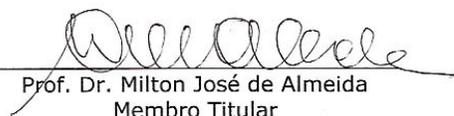
Defesa de Tese de Mestrado em Multimeios, apresentada pela Mestranda Fabianna Maria Whonrath Miranda - RA 962289 como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre, perante a Banca Examinadora:



Prof. Dr. Nuno César Pereira de Abreu
Presidente/Orientador



Prof. Dr. Antonio Fernando da Conceição Passos
Membro Titular



Prof. Dr. Milton José de Almeida
Membro Titular

Dedico este trabalho a Luiz Felipe Whonrath Miranda, meu grande amigo e irmão, a minha amada mãe, Eliana Mariza Whonrath e à Flávia Renatta Miranda, minha querida irmã. Acima de tudo a minha família, sempre presente e dando a força e o apoio nos momentos necessários. Ao meu marido, amigo e companheiro Christiano, pelas sugestões, pela paciência e pelo seu amor. Aos meus alunos, que participaram ativamente das produções e que, com empenho e dedicação, foram os protagonistas do resultado da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Nuno César Abreu pelas sugestões de bibliografia. Pela orientação quanto ao encaminhamento do trabalho e pelas críticas pertinentes responsáveis por resultados mais objetivos e profícuos. Por acreditar neste trabalho.

Aos meus colegas de trabalho que participaram direta ou indiretamente dos projetos.

À Escola Comunitária de Campinas e ao Colégio Franciscano Ave Maria, estabelecimentos de ensino em que realizei os projetos e que cederam o espaço, equipamentos e infra-estrutura para a realização dos trabalhos.

Ao professor Fernando Passos pelas inúmeras dicas preciosas quanto à construção de roteiros e produção audiovisual. Pelas sugestões pertinentes e críticas ao texto.

Ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas e à Rádio TV Unicamp, na figura do seu diretor Nuno César Pereira de Abreu e seus funcionários, pela cessão de equipamentos e técnicos para a filmagem.

A todos os amigos que, de alguma forma, me incentivaram a realizar os trabalhos e a transformá-los em objeto de pesquisa acadêmica, meu agradecimento.

*“O ruído vários da rua
Passa alto por mim que sigo.
Vejo: cada coisa é sua.
Oíço: cada som é consigo”.*

Fernando Pessoa

RESUMO

A presente pesquisa investiga metodologias de produção audiovisual na escola através da análise de cinco vídeos produzidos por alunos do Ensino Médio. A exposição detalhada dos procedimentos utilizados em cada um dos trabalhos, somada à análise e discussão bibliográficas, denota possibilidades interessantes quanto ao papel do recurso audiovisual nos processos de ensino-aprendizagem. Os resultados mostraram que a experiência prática e a constante opção por tais estratégias de ensino do conteúdo, inseridas no programa regular das disciplinas, promoveram um avanço técnico e estético ao longo dos anos em que os vídeos foram realizados. *Brésil, Brazil*, a primeira experiência de produção, em 2003, contribuiu sobremaneira para que as produções subsequentes fossem, a cada ano, aprimoradas até culminar na última das produções (*ECC Repórter* - um programa televisivo de 40 min de duração), um trabalho denso e longo que contou com a participação de 100% dos alunos no processo de pré-produção, produção e pós-produção. Dentre as várias questões analisadas ao longo do trabalho, destacam-se as seguintes: a diferenças e semelhanças entre os processos de produção; os pontos positivos e negativos de cada trabalho; o registro e análise dos bastidores das produções; os relatos dos processos de produção; análise dos resultados dos projetos.

Com esta pesquisa, pretende-se contribuir não apenas com a discussão acerca das experiências de produção de vídeo em sala de aula; mas, também e, sobretudo, alcançar uma perspectiva mais ampla por meio da reflexão acerca das formas de viabilizar, em mais espaços e com mais alunos, o ensino de audiovisual. Neste estudo, o objetivo foi debater a questão da imagem na educação como uma questão metodológica, e, também, epistemológica e cultural, tentando articular relações entre imagem e conhecimento. Procura-se mostrar que sua presença na escola é, sim, viável e, por possuir contornos próprios, é necessário empreender um processo de investigação que extraia do relato e da análise objetiva dos vídeos, habilidades, métodos e estratégias a respeito da relação entre imagens e sons e a educação.

Palavras-chave: Ensino audiovisual, Produção de vídeo, Educação, Vídeo na sala de aula

ABSTRACT

The presented research investigates methodologies of audiovisual production in schools through the analysis of five videos produced by High School students. The detailed exposition of the methods used in each of these videos, besides their analysis and discussion of bibliographical references, brings interesting possibilities regarding the role of audiovisual resources in the teach-learn process. The results show, also, that the practical experience and the constant option for these teaching strategies, inserted in the regular content program of the matters, inducted a technical and esthetical development through the years the methodology was used. *Brésil, Brazil*, the first production experience in 2003, contributed in a very important way to improve the sequent productions, year by year, until reaching the last production (*ECCReporter* – a TV show 40min long), a long and intense work that counted with 100% of the students in the pre-production, production and post production. Among innumerous questions analyzed throughout this research, the following could be highlighted: the positive and negative aspects of each work; the registration and analysis of the productions' backstage; the audiovisual language and the written language; the production processes reports; the analysis of the projects' results. Through this research, it's intended not only the contribution around the video production experiences in classrooms; but also, and beyond all, to achieve a broader perspective through the reflection on the suggested methodologies as a way to make viable, in more spaces and with more students, the audiovisual teaching process. In this study, the objective was to raise the image issue in education not only as a methodological matter, but also as a knowledge and cultural matter, trying to articulate the relations between image and knowledge. It's intended to show that its presence in school is viable and for its specific contours, it's necessary to create an investigation process that extracts from a report and from an objective analysis of the videos, skills, methods and categories concerning the image and sounds languages' relationship with education.

Key Words: Audiovisual, Video Production, Education, School Teaching

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

FALE - Faculdade de Letras

IBAV - Instituto Brasileiro do Audiovisual

SESC – Serviço Social do Comércio

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA.....	5
2.1 – Fundamentos da nova LDB.....	5
2.2 – Audiovisual.....	9
3. PRODUÇÕES.....	17
3.1. Projeto: “Brèsil, Brazil” – doc. 15 min – 2003.....	23
3.2. Projeto: “Pobre Vila Rica” – doc. 23 min – 2004.....	33
3.3. NÓS – doc 15 min – 2005.....	39
3.4. VIDEOCLIPES – 5 min - 2006.....	45
3.5. ECC REPÓRTER – programa de reportagem de TV – 45 min – 2007.....	51
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
5. REFERÊNCIAS.....	67
6. BIBLIOGRAFIA.....	69
7. ANEXOS.....	75

1. Introdução

O avanço da ciência e da tecnologia ampliou a variedade e a acessibilidade dos recursos comunicacionais. Nesse sentido, o campo de abrangência do audiovisual mostra-se extremamente diversificado e passível de uma série de encaminhamentos por diferentes áreas do conhecimento. O alcance científico, pedagógico, artístico das imagens e dos sons pode contribuir, sobremaneira, para o aprimoramento da linguagem verbal, na medida em que complementa a mensagem e amplia seu campo semântico através a representação da realidade.

Visto que o público-alvo da escola – crianças e jovens – não é mais igual ao de cinco décadas atrás, ao longo dos últimos anos, algumas práticas pedagógicas foram desenvolvidas a fim de promover um maior e mais diferenciado uso desses novos recursos na educação. Em todos os níveis de ensino, incluindo instituições públicas e privadas, as pesquisas comprovaram que os recursos audiovisuais mais simples - como a televisão e o videocassete – são, sim, usados nas escolas; contudo, ainda de forma ilustrativa. O uso mais comum consiste na exibição e no debate acerca de algumas características com potenciais relações com as disciplinas. Há poucos relatos de trabalho com produção de vídeos.

Um das conclusões a que é possível aludir, frente ao número escasso de relatos de projetos audiovisuais na escola, é que a pouca bibliografia é resultado, em parte, da resistência que tanto a instituição, como os professores têm em relação a mudanças de prática. A ausência de manuais técnicos sobre produção audiovisual, somada à idéia de que - não só usar, mas produzir vídeos - é mais trabalhoso e difícil, tornam o processo de transformação mais lento, a longo prazo.

Para ratificar as hipóteses acima descritas, além de uma pesquisa quantitativa com base em dados do INEP/IBGE¹, sobre a evolução do uso do vídeo na sala de aula e da pesquisa em livros acerca do assunto, este trabalho abrange o relato e a análise de experiências práticas de produção de curtas-metragens em vídeo. Com a descrição pormenorizada de cada projeto, foi possível identificar pontos positivos e negativos que, sendo aprimorados a cada ano e com novos projetos, culminaram na produção, em 2007, de um programa de reportagem de qualidade e que contemplou os objetivos pedagógicos pretendidos.

O relato das experiências com produção de vídeo na escola busca estudar algumas formas de trabalho com audiovisual no dia-a-dia da sala de aula. Nesse sentido, descrever o processo é uma tentativa de analisar uma ‘metodologia em movimento’ que aponta algumas estratégias, advindas de procedimentos diferentes. O motivo por que se examinam esses processos de produção é o de estudar os procedimentos utilizados para, assim, corroborar a viabilidade do ensino do audiovisual e a possibilidade de a escola e os professores se adaptarem a esse novo contexto.

O objetivo desse trabalho é apontar aspectos significativos dos procedimentos descritos que permitam o avanço de técnicas para a produção de vídeo na escola, uma vez que os resultados obtidos denotam uma melhora notável de qualidade estética e uma maior eficiência didático-pedagógica do vídeo como mais uma forma de assimilação de conteúdos, de análise crítica da realidade e de produção de conhecimento.

Certamente, o aproveitamento dos resultados e dos procedimentos descritos pode ser aperfeiçoado por novos projetos, realizados em contextos, instituições e com finalidades diversas; contudo, o objetivo maior desse trabalho é o de, através do relato e reflexão sobre a prática, aprimorar estratégias para que essas sejam passíveis de utilização, de forma regular e sistematizada, na sala de aula.

¹ INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Os trabalhos de produção que serão descritos tiveram, à época em que foram realizados, um objetivo didático e fizeram parte do programa pedagógico da disciplina de Língua Portuguesa. O fato de, ao mesmo tempo, existirem duas motivações (uma de investigação e pesquisa de uma nova forma de transmissão de mensagens e a outra, conceitual) promoveu tanto o desenvolvimento de novas maneiras de adaptar a prática docente à realidade da informação e da imagem, como a aptidão do aluno no ato de se comunicar de uma outra forma, diferente da comumente ensinada nas escolas. A produção de vídeo, desse modo, tornou-se um recurso pedagógico importante capaz de promover mudanças positivas para a proposta pedagógica da escola e de fazer com que alunos fossem protagonistas do seu desenvolvimento; produtores e não apenas espectadores passivos dos produtos audiovisuais.

2. Análise Bibliográfica

2.1 – Fundamentos da nova LDB

Desde sua primeira citação na Constituição de 1934, até os dias atuais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) busca definir e regularizar o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição. Em relação à primeira LDB criada em 1961 e a segunda versão de 1971, a atual Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996 trouxe algumas mudanças em relação às anteriores.

No novo texto, as Diretrizes Curriculares e os novos Parâmetros Curriculares que circulam pelo país postulam maior proximidade entre a escola e os diferentes sistemas e processos comunicacionais. Além disso, introduzem mudanças que permitem ao docente trabalhar a interdisciplinaridade, a contextualização, diversidade e autonomia, o que denota, claramente, que, no texto da lei, essas habilidades e competências estão em primeiro plano. Se por um lado, busca-se a educação do cidadão para o mundo do trabalho, por outro, pretende-se a formação de um ser crítico e flexível capaz de continuar aprendendo novas condições de ocupação do espaço e de comunicação em sociedade; um indivíduo apto a compreender os fundamentos tecnológicos, de relacionar a teoria com a prática.

Paulo Nathanael e Eurides Brito em *Como entender e aplicar a nova LDB*², afirmam que o novo texto da lei busca contemplar todos os processos formativos do aluno através de fontes diferentes de estímulos (a formal/escolar e a informal/não-escolar) na medida em que não mais prioriza o resultado do processo de ensino-aprendizagem como objetivo único; e sim, todas as etapas de aquisição de

² SOUZA, Paulo Nathanael Pereira de; BRITO, Eurides. *Como entender e aplicar a nova LDB : lei 9.394/96*. São Paulo: Pioneira, 1997.

conhecimento igualmente importantes para a plena formação do indivíduo³. Os autores ratificam, também, que para entender por completo os conceitos e os objetivos da nova LDB, é necessário atentar para a formação dos docentes, uma vez que a proposta teórica depende de quem se disponha a aplicá-la.

Comparando as duas versões do texto legal – a antiga e a recente - foi possível constatar que houve pouquíssimas modificações e complementações. A maior diferença foi que a partir da lei de 1996, a qualificação para o trabalho deixou de ser um objetivo decisivo na formação de alunos de 1º e 2º graus e priorizou-se o progresso do educando nos seus estudos posteriores e a preparação para a vida.

O texto recente da lei dedica dois artigos inteiros ao papel da escola e do professor - o que deixa claro o tipo de projeto político-pedagógico considerado mais profícuo e funcional. Tanto o artigo 12º como o 13º são dedicados a regulamentar os papéis dos intermediadores da relação ensino-aprendizagem⁴; embora, ambos os artigos,

³ **Art. 1º** - A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (LEI 9394/96)

⁴ **Art. 12º** - Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

- I - elaborar e executar sua proposta pedagógica;
- II - administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;
- III - assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;
- IV - velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;
- V - prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;
- VI - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;
- VII - informar os pais e responsáveis sobre a freqüência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica.

VIII – notificar ao Conselho Tutelar do Município, ao juiz competente da Comarca e ao respectivo representante do Ministério Público a relação dos alunos que apresentem quantidade de faltas acima de cinquenta por cento do percentual permitido em lei.

Art. 13º - Os docentes incumbir-se-ão de:

- I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III - zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;
- V - ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
- VI - colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

na visão dos autores citados acima, ao descreverem as incumbências da escola para a formação do aluno e intervenções pedagógicas esperadas de um professor, reafirmam práticas já presentes na maioria das escolas brasileiras.

Todavia, a lacuna entre a letra da lei e sua aplicação concreta no cotidiano escolar deixa claro que, muitas vezes, as condições reais (econômicas e materiais) para sua implantação funcional e efetiva existem de forma ainda incipiente. Uma forma de comprovar facilmente esse fato é que, embora o ensino de Educação Artística, implantado pela LDB de 1971 (5.692/71) já houvesse contemplado, na teoria, o ensino de música, teatro e artes plásticas, a formação de um professor polivalente em Artes permaneceu rara e o pouco espaço no currículo regular também não se alterou.

“Educação artística é uma disciplina do currículo escolar com uma hora/aula semanal. Às vezes, o professor é um leigo que não compreende nem o significado da arte na educação, nem metodologias de aplicação. A arte continua sendo encarada, na escola, como um mero lazer, uma distração entre as atividades “sérias” das demais disciplinas” (Duarte, 1988, p. 131)⁵.

Enquanto a maioria dos artigos ratifica as práticas da lei antiga, os artigos 35º e 36º, por outro lado, têm extrema valia para o embasamento de algumas das teses defendidas no presente estudo, visto que este trabalho de pesquisa tem como objeto estudantes de Ensino Médio. Basicamente, as retificações realizadas em relação à lei anterior dizem respeito à mudança de enfoque no resultado do processo: tornar o Ensino Médio um curso não apenas voltado para o mercado de trabalho, tecnicista; mas para o preparo dos jovens para uma sociedade de comunicação em que a velocidade e os avanços tecnológicos são uma realidade no cotidiano das pessoas⁶. O item II do artigo

⁵ DUARTE, João Francisco Jr. *Fundamentos estéticos da educação* – 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1988.

⁶ **Art. 35º** - O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

35º corrobora uma preocupação com a transformação do ensino e da aprendizagem do aluno do Ensino Médio, na medida em que prevê flexibilidade no aprendizado e aperfeiçoamento de metodologias mais adequadas ao novo contexto do aluno e da sociedade.

Segundo os autores citados, há uma urgente necessidade de se multiplicarem, em larga escala, as oportunidades para que cada pessoa desenvolva as capacidades de buscar e localizar informações; de avaliá-las quanto à sua veracidade; de discriminar o que é relevante e o que não é; de aplicá-las para solucionar problemas.

Em verdade, o processo de aprendizagem proposto pela nova LDB deve ser entendido não apenas no sentido da acumulação conceitual de conhecimentos e, sim, com relação à aquisição de capacidades ou habilidades que permitirão aperfeiçoar, de forma mais dinâmica, o nosso modo de viver. Esse tipo de aprendizagem tem, portanto, como objetivo fundamental a transformação de capacidades potenciais em capacidades reais.

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Art. 36º - O currículo do ensino médio observará o disposto na Seção I deste Capítulo e as seguintes diretrizes:

I - destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;

II - adotará metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes;

III - será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição.

§ 1º Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre:

I - domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;

II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem;

III - domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.

§ 2º O ensino médio, atendida a formação geral do educando, poderá prepará-lo para o exercício de profissões técnicas.

§ 3º Os cursos do ensino médio terão equivalência legal e habilitarão ao prosseguimento de estudos.

§ 4º A preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional, poderão ser desenvolvidas nos próprios estabelecimentos de ensino médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional.

2.2 – Novas Linguagens

O audiovisual possui características específicas associadas à compreensão e transmissão de mensagens. Enquanto na leitura cada palavra tem sua importância e, lendo, é possível progredir de maneira linear até a compreensão final no término da frase ou parágrafo, na mensagem audiovisual há um fluxo contínuo de signos. A rapidez com que o som e as imagens são decodificadas pelo cérebro somada às inúmeras sensações perceptivas estimuladas por elas, fazem do audiovisual um recurso proficiente no processo de ensino-aprendizagem.

“O nível de representação do audiovisual está governado intensamente pela experiência direta que vai além da percepção. Aprendemos sobre coisas que não podemos experimentar diretamente graças aos meios audiovisuais, graças às demonstrações, aos exemplos em forma de modelo. Ainda que uma descrição verbal possa ser uma explicação bastante efetiva, o caráter dos meios audiovisuais diferencia-se muito da linguagem oral, particularmente por sua natureza direta. Não é necessário utilizar nenhum sistema codificado para facilitar a compreensão. Muitas vezes, basta ouvir e ver um processo para compreender seu funcionamento. Ver e ouvir um procedimento proporciona, freqüentemente, um conhecimento suficiente para avaliá-lo e compreendê-lo. Esse caráter de observação/audição não serve apenas como um artifício que nos capacita a aprender, mas também como um vínculo mais estreito com a realidade que está em nosso redor com o ambiente” (Wohlgemuth, 2005, p.51)⁷.

Dada a amplitude do alcance dos recursos audiovisuais, é interessante refletir sobre de que maneira esses meios poderiam contribuir para contemplar, também, objetivos educacionais e todo o potencial que imagens e sons oferecem aos processos didático-pedagógicos.

Não obstante haja uma série de benefícios relacionados à utilização do audiovisual na escola, há uma série de empecilhos que dificultam um trabalho regular

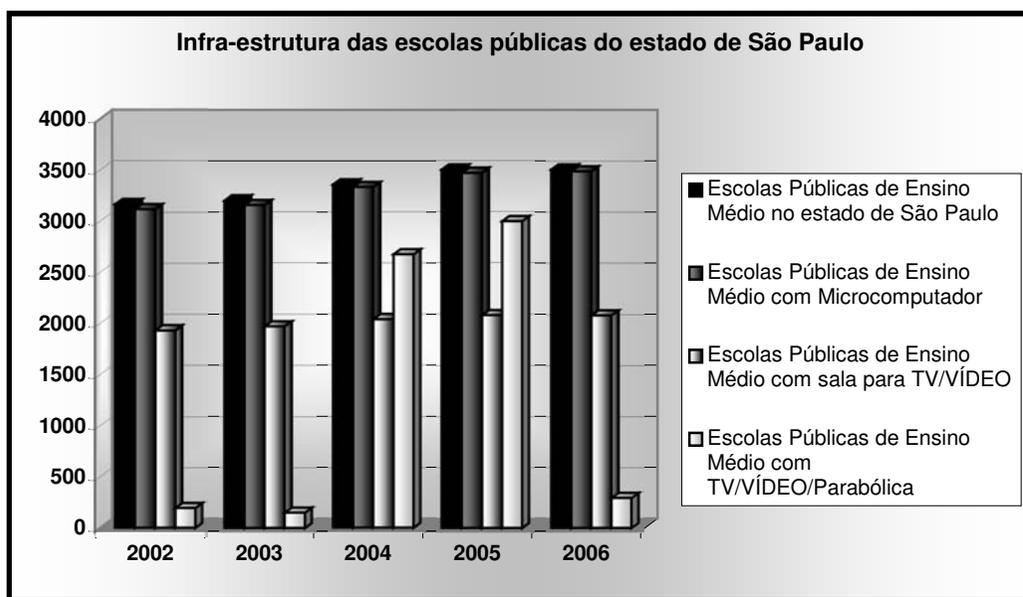
⁷ WOHLGEMUTH, Julio. *Vídeo Educativo: uma pedagogia audiovisual*. Brasília: Editora Senac, 2005.

com projetos com produção de vídeo. Dados quantitativos e qualitativos divulgados diariamente em importantes meios de comunicação denotam um ensino público deficiente, no qual um conjunto de fatores, tais como: o número grande de alunos por sala de aula, a má remuneração dos professores, a infra-estrutura precária - contribuem para que o processo de inserção dessas tecnologias e instrumentos audiovisuais seja mais lento do que o desejado.

Isso porque, o Brasil vive uma dicotomia: ao mesmo tempo em que detém a tecnologia e usufrui de seus produtos, é carente de políticas econômicas para promover o avanço necessário para que os recursos se tornem acessíveis à grande parte da população, principalmente a de baixa renda. A maioria das escolas públicas, por exemplo, são desprovidas de salas de vídeo adequadas e de equipamentos de reprodução de sons e imagens de qualidade.

O gráfico abaixo mostra a evolução do uso desses recursos nas escolas públicas do estado de São Paulo nos últimos cinco anos:

Gráfico 1



Fonte: Inep/ IBGE.

Pesquisas demonstram que o uso mais comum do vídeo na educação é o ilustrativo, isto é, como representação de algum fato ou fenômeno que se quer abordar numa determinada disciplina. É a apresentação da imagem, a explanação e posterior discussão e explicação. Exibir vídeos, por muitas vezes, é uma prática bastante interessante e que desenvolve habilidades essenciais no aluno. O debate, a discussão, a interpretação da mensagem é, sim, uma atividade meritória para o professor e extremamente proveitosa para o aluno.

Contudo, trabalhar com produção de vídeo promove a melhor percepção do indivíduo sobre o mundo, uma vez que com criatividade, com criticidade e espírito investigativo propõe a interpretação do conhecimento e não apenas a sua aceitação. Possibilita-se que o aluno deixe de ser objeto e torne-se sujeito do próprio conhecimento.

Ao mesmo tempo em que o *'layout'* das salas de aula precisa mudar, o professor precisa, também, aproximar-se dos meios audiovisuais, familiarizar-se com eles, apropriar-se de suas potencialidades, controlar sua eficiência, criar novos saberes e novos usos, para poder controlar as tecnologias e orientar, com propriedade, seus alunos.

As transformações nesse sentido na educação dependem, em primeiro lugar, de educadores maduros intelectual e emocionalmente, que sejam, ao mesmo tempo, curiosos, entusiasmados e abertos aos novos estudos pedagógicos. O *'novo'* educador deve estar apto a mediar essa relação do indivíduo com as imagens, tornando-se um espectador especializado para ser, também, o intérprete dessa nova linguagem.

Nota-se que, hoje, há uma certa infra-estrutura tecnológica e um programa de utilização dos recursos tecnológicos; contudo, sem que os professores sejam treinados operacionalmente, capacitados metodológica e filosoficamente para a utilização dessas novas tecnologias na sua prática pedagógica. Os professores, diante desse novo contexto de trabalho, se sentem desprovidos de recursos tanto teóricos como técnicos para realizar esse projeto. Os cursos de Pedagogia precisam preparar os

professores para adquirirem o controle da tecnologia que se dispõem a usar em suas salas de aulas para ajudar os alunos a compreender e utilizar novas linguagens.

“Os cursos de pedagogia e os de licenciatura pouco ou nada incluem elementos para a utilização de recursos audiovisuais em sala de aula. Soma-se ainda o preconceito de que professor que passa filminho quer matar a aula” (Franco, 1993, p. 21)⁸.

Mesmo frente às dificuldades existentes para a mudança das propostas de ensino para a incorporação efetiva do trabalho com audiovisual, há, por outro lado, relatos de experiências de incorporação do vídeo na proposta pedagógica na maioria dos níveis de ensino. O uso do audiovisual na escola cada vez mais é objeto de estudos e teses acadêmicas. Muitos educadores se esforçam para a construção de um olhar cinematográfico que possa interferir na renovação das práticas pedagógicas.

Contudo, segundo pesquisas recentes realizadas por especialistas em educação, o Brasil ainda está bem distante desse objetivo. A pesquisa feita por Nelson De Luca Pretto em 1991, descrita em seu livro *Uma escola com/sem futuro*⁹, procurou identificar o foco da preocupação da pesquisa acadêmica na área de educação/comunicação usando como base de dados de duas importantes universidades públicas: USP e UFRJ. Analisados os dados, ele conclui: “os resultados indicaram, claramente, que essas questões preocupam mais profissionais da comunicação do que educadores”¹⁰.

Paralelamente à investigação realizada com base em dados estatísticos oficiais, buscou-se pesquisar iniciativas concretas, realizadas nos últimos anos por professores e escolas da rede pública e privada. Apesar de poucos exemplos de trabalhos práticos de produção, foi possível concluir que a maioria de projetos

⁸ FRANCO, Marília S. *Escola audiovisual*. Tese de doutorado, Biblioteca da ECA/USP, 1988.

⁹ PRETTO, Nelson. *Uma escola com/sem futuro, educação e multimídia*. São Paulo: Papyrus, 2001

¹⁰ A pesquisa de campo foi realizada em cinco escolas públicas e cinco privadas no ano de 2007 e, por meio de visitas, entrevistas com professores, funcionários e alunos foram levantados dados estatísticos do processo de inserção do vídeo no cotidiano escolar.

audiovisuais ainda está concentrado no ensino superior. Seja pela maior infra-estrutura, seja pela disposição dos professores e alunos em realizar os projetos, as universidades contam com mais exemplos de iniciativas didático-pedagógicas. Para exemplificar, abaixo, estão exemplos de três trabalhos pesquisados.

Um deles acontece, periodicamente, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O Laboratório de Vídeo Educativo da universidade atua na área da produção audiovisual, desde 1972, desenvolvendo materiais em diferentes formatos: filmes, vídeos, programas de slide-som, livros e apostilas. Ao final da década de 80, o laboratório passou a se concentrar exclusivamente na área do vídeo educativo acumulando, hoje, mais de duzentos programas voltados para a área da educação e da saúde. Essa longa trajetória de experiências tem sido acompanhada de ampla reflexão sobre as relações existentes entre imagem e educação, seja no campo dos processos de produção, seja no campo da aprendizagem com o audiovisual. O Laboratório de Vídeo Educativo oferece disciplinas teórico-práticas nas áreas de roteiro, montagem e análise e produção da imagem. Apoiado por uma infra-estrutura totalmente revitalizada em 1999, a experimentação vem se juntar aos espaços de produção num mesmo ambiente acadêmico. Há parcerias com órgãos públicos e privados para o financiamento da produção.

Também no Rio de Janeiro, há iniciativas paralelas à universidade e, por vezes, resultado de investimento privado. A Escola Darcy Ribeiro, em atividade há três anos, formou em julho de 2008, as primeiras turmas de Direção Cinematográfica e de Montagem e Edição de Imagem e Som. É uma escola particular independente, sem fins lucrativos, amparada pelo Instituto Brasileiro do Audiovisual (IBAV), e, para funcionar, depende de uma série de parcerias, a começar pelo prédio. O projeto da escola foi pensado em 1993, quando a produtora Irene Ferraz contou ao amigo Darcy Ribeiro sua experiência como coordenadora da Escola Internacional de Cinema de San Antonio de Los Baños, em Cuba. Explicou ao educador o modelo de ensino, com parâmetros curriculares bem mais flexíveis que os cursos universitários tradicionais. O centro de documentação tem mais de cinco mil itens. Recentemente, o ator José Wilker

transferiu para lá sua coleção de quase dois mil filmes, nacionais e estrangeiros, no formato *videolaser*. Tudo está disponível para consulta pública, inclusive roteiros originais, doados por diretores brasileiros, com anotações de figurinistas e continuístas.

Igualmente, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) desenvolve, desde 1998, o projeto de pesquisa “A tela e o texto”. Direcionado a alunos da Graduação da FALE (Faculdade de Letras), sob orientação da Profa. Maria Antonieta Pereira, durante três anos consecutivos, rendeu o 1º lugar da área de Literatura, na Semana de Iniciação Científica da UFMG. Além disso, eles realizaram pesquisas, participaram de congressos regionais e nacionais, publicaram textos e ofereceram oficinas sobre Literatura e Cinema.

Além desses trabalhos citados, muitos outros exemplos de trabalho com produção de vídeo foram encontrados, mas sem relatos pormenorizados do processo metodológico. Dentre estes: dramatizar situações importantes do vídeo assistido e discuti-las comparativamente; ou mesmo, comparar - principalmente em aulas de literatura portuguesa ou estrangeira - um vídeo baseado em uma obra literária com o texto original destacando os pontos fortes e fracos do livro e da adaptação audiovisual.

José Manuel Moran¹¹ sugere alguns princípios metodológicos para nortear o trabalho do professor dessa nova linguagem, dentre elas: integração entre metodologias, tecnologias e atividades; a aproximação entre as mídias, a experimentação das mesmas atividades com mídias diferentes, a criação de um universo audiovisual para dentro de escola, e a variação das formas de dar aula, das técnicas e dos instrumentos de avaliação. Em seu livro, são propostas algumas formas de utilização da televisão e do vídeo na educação escolar e algumas dinâmicas de análise das atividades. A maioria delas tem a ver com a preparação do professor ao selecionar, exibir e discutir os filmes e documentários com os alunos. Seja para usar o vídeo como forma de sensibilização/preparação para a entrada dos alunos no universo das imagens, seja para ilustrar o conteúdo lecionado.

¹¹ MORAN, José Manuel. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, Sp: Papyrus, 2000.

Dentre as experiências citadas por Moran, está a análise de uma produção de vídeo. Ele propõe a discussão com os alunos dos aspectos positivos e negativos do trabalho e, em equipe, sugere que os alunos visualizem possíveis mudanças na estrutura e o tema principal. Propõe a criação de um roteiro, gravação, edição, sonorização e futura exibição para a comunidade escolar.

“As crianças adoram fazer vídeo e a escola precisa incentivar o máximo possível a produção de pesquisas em vídeo pelos alunos. A produção de vídeo tem uma dimensão moderna, lúdica. Lúdica pela miniaturização da câmera que permite brincar com a realidade e transportá-la para todo lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes tanto para crianças como para adultos” (Moran, 2000, p.41).

Sem dúvida, há uma vastíssima gama de materiais e equipamentos audiovisuais em potencial para produzir resultados que se traduzam em um aprendizado efetivo, de boa qualidade e duradouro, resultados de uma combinação equilibrada do trabalho da escola, do aluno e do professor. Todavia, textos e relatos de experiências para formar profissionais com diferentes competências audiovisuais como o domínio da produção de vídeos (diretores, produtores, roteiristas, operadores de câmera, de áudio, engenheiros de som, cenógrafos, iluminadores); ou seja, especialistas no conteúdo a ser ensinado/aprendido e na orientação pedagógica da produção não é algo tão simples encontrar discutido em livros sobre o assunto.

“Lamentavelmente, não dispomos de bons manuais de iniciação audiovisual em língua portuguesa, como os que existem em outros idiomas. As pesquisas empíricas nesta área são relativamente escassas. Quando chegam a ganhar a forma de teses, dissertações, artigos, têm pouca divulgação e acabam esquecidas nas prateleiras das bibliotecas universitárias” (Pfromm Netto, 1998, p. 20)¹².

¹² PFROOMM NETTO, Samuel. *Telas que ensinam: Mídia e aprendizagem pelo computador*. São Paulo: Alínea, 1998.

Ou, segundo Franco:

“Um fato preocupante é a pobreza total ou praticamente a inexistência de uma bibliografia brasileira quantitativamente expressiva e qualitativamente adequada em tecnologia da educação. Faltam textos simples sobre a preparação e uso dos recursos para professores e estudantes. Faltam artigos nas revistas sobre pesquisas e revisões de literatura. O livro mais recente sobre cinema educativo publicado no Brasil é da década de 30” (Franco, 1976 p. 39)¹³.

¹³ FRANCO, Op. Cit.

3. Metodologias de produção

Um produto audiovisual não é uma ilustração de um discurso e, sim, resultado de uma linguagem múltipla, da mixagem da imagem e do som. Assim, a sua produção pressupõe, além de uma certa alfabetização visual e auditiva, criatividade no tratamento do tema e um certo conhecimento técnico.

Para que os vídeos tenham essa qualidade técnica e para que os objetivos pedagógicos sejam contemplados, é necessário que se estabeleça uma seqüência de trabalho que organize todos os passos. Mesmo que incipiente, uma base de análise é imprescindível para que os estágios sejam produtores e eficazes. A ausência de um prumo, ou de um roteiro de fases a serem realizadas, pode comprometer o resultado pedagógico e técnico.

A idéia do presente trabalho é esboçar um método de ensino baseado no tratamento formal dos processos de produção audiovisual. Os diferentes resultados desses modelos comprovam a eficiência dessa prática para o aprimoramento da linguagem e comunicação do ser humano por ser um processo de ensino, ao mesmo tempo, individual e coletivo que possibilita uma aprendizagem teórica e prática.

De forma básica, descrevem-se, a seguir, algumas etapas essenciais para a produção de um vídeo na escola, que, obviamente, foram adaptadas de acordo com a necessidade e o contexto de trabalho. Mesmo existindo essa espécie de suporte metodológico, é importante dizer que as etapas de realização dos vídeos analisados neste trabalho são independentes uma das outras. Contextos e objetivos diferentes culminaram em cinco trabalhos bem distintos entre si, por seguirem caminhos específicos, e dependerem dos objetivos e condições de produção.

Mesmo que de formas distintas, os passos para a realização dos projetos seguiam alguns caminhos em comum. As etapas de produção, em todos os exemplos pesquisados na bibliografia foram, essencialmente, quatro: projeto, preparação, execução e pós-produção. Uma vez que as produções analisadas nesse trabalho também

passaram por estágios semelhantes, o relato das produções segue, aproximadamente, o mesmo padrão, o qual será descrito a seguir.

I - Projeto

a) Pesquisa bibliográfica sobre o tema e técnicas de produção¹⁴: o objetivo dessa etapa é buscar informações gerais acerca do assunto/tema da produção audiovisual.

b) Definição do tema da produção audiovisual e debate sobre os principais pontos relevantes para serem abordados¹⁵: nessa fase, trabalham-se a análise, o ordenamento a seleção dos assuntos levantados pela pesquisa. Essa etapa exige o desenvolvimento de habilidades intelectuais múltiplas para o aprendizado da linguagem audiovisual. Intervenções pedagógicas como seminários, debates, redações sobre os temas em questão se mostraram boas estratégias didáticas.

c) Definição dos métodos de ação: na realização dessa fase, determinam-se os critérios de trabalho e as melhores estratégias para a condução do projeto levando em conta os objetivos e as condições de cada atividade.

- Organização dos conteúdos: consiste no trabalho de elencar os conceitos que serão abordados no vídeo produzido.
- Determinação das etapas de realização do trabalho: para produzir uma peça audiovisual, é necessário avaliar a dificuldade de cada estágio e redistribuir as ações para serem realizadas em momentos diferentes.

¹⁴ Às vezes em que os alunos tiveram participação efetiva foram mais ricas em desdobramentos do tema. Contudo, ficou mais difícil de encontrar o foco para discussões em que surgiam várias abordagens para a mesma questão.

¹⁵ Essa etapa foi conduzida, em todos os trabalhos abordados nesta pesquisa, pela equipe de professores, auxiliados, apenas por vezes, pelos alunos.

- Elaboração do argumento audiovisual: descrição escrita da proposta do vídeo expondo detalhes das práticas a serem utilizadas no processo.

d) Produção do material pedagógico auxiliar que prepara os alunos para operarem os equipamentos e exercerem determinadas funções: o material escrito montado e entregue aos alunos é a base do processo de produção audiovisual. É ele que direciona todo o trabalho de pré e produção. Portanto, não basta apenas o conhecimento prático. É preciso que alguns conteúdos técnicos também existam, a fim de melhorar a qualidade da mensagem transmitida. Nesse momento, oficinas teóricas e práticas para a familiarização com a produção e reprodução da mensagem audiovisual. É a etapa em que os alunos entram em contato com modelos de produção assistindo a filmes, curtas-metragens e reportagens de TV. Aspectos técnicos, como planos e movimentos de câmera, iluminação, continuidade, roteiro, áudio, montagem das cenas, são discutidos e apresentados na forma de apostila de texto para os alunos.

e) Listagem do aparato tecnológico necessário: é a relação prévia dos equipamentos necessários para a produção. Incluem-se câmeras de vídeo, fios, extensões, transformadores, carregadores de bateria, tripés, refletores, lâmpadas sobressalentes, fitas, microfones, fones de ouvido, programa de edição de vídeo, computador com configuração compatível com as necessidades do projeto. Nesse momento, é feita a previsão de gastos.

II - Pré-produção

- a) Divisão das funções de cada membro no grupo¹⁶

¹⁶ Esse passo foi bem diferente nas produções analisadas nesse trabalho. Na verdade, era seguido um critério apenas: ter, no mínimo, as funções essenciais. Com a experiência de produção dos vídeos. Foi possível descobrir meios de incluir mais alunos no processo de produção. E isso fez com que as funções fossem ficando cada vez mais específicas e variadas.

b) **Elaboração do roteiro:** O primeiro passo, após montar o projeto, é o de materializar as idéias contidas no argumento para um texto na linguagem audiovisual. Todos os roteiros, produzidos pelos alunos e analisados neste trabalho, seguem os mesmos critérios que os roteiros profissionais de produtoras de televisão ou vídeo adotam como modelo de escrita. O roteiro, cuja elaboração se dá através de diversos ‘tratamentos’, é a etapa de criação, em que todas as idéias serão pensadas e escritas para, depois, através de aulas teóricas e de um material sobre técnicas de roteirização (previamente preparado pela professora), os alunos transformem a linguagem literária em imagética e sonora. Como os alunos já vão ter tido contato com outros aspectos técnicos (como planos e movimentos de câmera) através do material preparado, isso acaba facilitando a transformação do texto literário em roteiro audiovisual.

c) **Decupagem:** Esse é o momento da ordenação da produção audiovisual – o que, como, onde vai ocorrer a primeira gravação a segunda e assim por diante. Na decupagem, as cenas são agrupadas conforme o local de gravação e das características de cenário e figurino. É neste momento que é feita a lista de planos e movimentos de câmera.

d) **Pesquisa de fotos:** as imagens são selecionadas e pesquisadas. Podem ser escaneadas ou obtidas via *internet*.

III - Produção

a) **Captação de sons e imagens:** nessa etapa, os instrumentos de registro audiovisual (microfones, refletores e câmera) são, efetivamente, manuseados pelos alunos, que, previamente treinados e escolhidos para cada função, registram o que estava previsto no roteiro (do qual também são os autores). Nesse momento, eles colocam em prática os conhecimentos técnicos adquiridos durante a pré-produção.

- captação de *inserts*
- captação de pessoas em movimento
- captação de som direto (voz em entrevistas) e som ambiente
- captação de cenas previstas no roteiro
- captação de cenas montadas

IV. Pós-produção

a) Reunião do material gravado: Todo o material captado pelos alunos é exibido para todos os grupos que farão a avaliação conjunta da qualidade e aproveitamento de imagens e sons.

b) Seleção de cenas e cortes: Embora a qualidade estética não seja o maior objetivo do trabalho com produção e divida lugar com a transmissão de conceitos ao interlocutor também, o critério de seleção de cenas precisa prezar pela clareza na emissão da mensagem e, por isso, eliminar as falhas de som e imagens mal iluminadas.

c) Montagem – edição: O trabalho de montagem é a ordenação final das imagens e sons. Nas primeiras produções os alunos tiveram uma participação comedida nessa etapa, que foi evoluindo, aos poucos, para uma participação efetiva que contribuiu para que o aluno se percebesse efetivamente como sujeito no processo de aprendizagem. O ritmo da edição foi diferente entre os vídeos analisados porque os objetivos e funções eram variados entre si. Nos dois últimos trabalhos analisados houve duas oficinas de preparação para os alunos serem editores.

d) Gravação da locução/narração: Os alunos são levados ao estúdio de gravação onde lêem os textos dos roteiros dos colegas do grupo.

e) Seleção da trilha sonora: inédita ou não-inédita¹⁷.

V- Avaliação

O processo de avaliação varia de produção para produção, mas é interessante que seja realizado durante todas as etapas do processo. Basicamente, os critérios de avaliação pautam-se nas habilidades procedimentais, conceituais e atitudinais.

Avaliação inicial:

- participação nos seminários;
- provas orais individuais;
- provas escritas.

Avaliação processual:

Nesse momento, se comprovam (ou não) questões de aprendizagem trabalhadas na preparação e nos trabalhos práticos. Acontece por meio de intervenções diretas, observação das atividades práticas ou mediante a provas orais após os trabalhos práticos, de volta à sala de aula.

Avaliação final:

Com base no resultado do trabalho, avaliam-se os conteúdos apreendidos e presentes na produção audiovisual.

¹⁷ Em todos os vídeos foram selecionados trechos de músicas para servir de pano de fundo para a narração

3.1. Projeto: “Brésil, Brazil” – doc. 15 min – 2003

Sinopse: O curta-metragem Brésil, Brazil, que nasceu de um projeto escolar e foi produzido por alunos do Ensino Médio, é uma viagem pela história do Brasil com foco nas transformações da língua e da arte brasileiras frente às modificações econômicas e sociais ocorridas no país ao longo de cinco séculos. Brésil, Brazil demonstra de que maneira, desde a chegada dos portugueses até os dias atuais, a influência estrangeira moldou (e ainda molda) a língua e a cultura brasileira. O documentário mostra, através de uma análise histórica e literária, a(s) identidade(s) brasileira(s) e seus valores. Afinal de contas, quem somos nós?

3.1.1 – Relato da produção

I - Projeto

Brésil, Brazil foi uma produção que surgiu do desejo de ampliar os recursos pedagógicos de aprendizagem. O conteúdo programático de literatura a ser trabalhado no primeiro semestre do 3º ano do Ensino Médio, o qual compreende o estudo dos textos e autores do século XX (no Brasil e na Europa), sempre permitiu que várias atividades extras à sala de aula fossem propostas e realizadas. Projetos como a dramatização da ‘Semana de Arte Moderna’, apresentação de seminários temáticos, confecção de cartazes, produção de textos foram, até então, intervenções pedagógicas interessantes e profícuas para que os alunos pudessem aprender os conteúdos e conceitos.

No ano de 2003, numa tentativa de diversificar os métodos de ensino desse conteúdo literário, foi proposto um projeto que ilustrasse de uma maneira diferente as conclusões dos alunos acerca do estudo da escola literária denominada Modernismo.

Cabe dizer que, até aquele momento, nada relacionado à produção audiovisual havia sido proposto na escola. Os usos do vídeo pelos professores eram

exatamente aqueles a que os autores referidos nesta pesquisa aludem: como um recurso que ilustra a aula. Envolver os alunos na produção de um curta-metragem, sem que antes, tenha havido qualquer tipo de experiência prévia, foi um desafio bastante grande.

Muito do que foi aprendido durante a produção desse primeiro vídeo foi utilizado nos vídeos subseqüentes e contribuiu muito para a melhora da qualidade estética e pedagógica dos projetos posteriores. A idéia precisou ser bastante discutida e estudada para se transformar numa proposta viável/executável dadas as condições financeiras e logísticas daquele momento. Muita pesquisa de conteúdo e muita leitura de textos técnicos sobre filmagem, iluminação e roteiro foram essenciais para o sucesso do trabalho. O fato de ser uma iniciativa inédita para os alunos e professores exigiu um maior cuidado teórico com a preparação do trabalho já que não havia experiência alguma que permitisse conhecer o caminho entre a teoria e a prática.

A etapa inicial de um projeto, que compreende, conforme descrito anteriormente, a pesquisa bibliográfica, os debates, a definição de estratégias de trabalho, a elaboração do material pedagógico e a escolha do suporte tecnológico necessário para a produção do vídeo, foi plenamente realizada nesse vídeo. Seja por precaução, seja por insegurança, procurou-se cuidar com mais atenção desses estágios que, se bem feitos, garantiriam a realização efetiva do vídeo pelos alunos.

O argumento do roteiro partiu de um texto sobre a Modernidade e suas transformações no século XX, produzido, coletivamente, em 2002 por alunos do Ensino Médio para o Concurso Nestlé de Literatura (anexo 1). Foi a partir dele que surgiu o questionamento sobre o papel da língua portuguesa para a valorização da nação brasileira. Vários debates em sala de aula culminaram no argumento de um vídeo-documentário que iria explicitar a preocupação surgida nas discussões.

Após definido o argumento, os professores de Literatura e História montaram a apostila teórica com informações técnicas sobre a forma do roteiro e sobre as possíveis funções de cada membro para a produção do audiovisual com o objetivo de fazer com que os próprios alunos pudessem participar, de maneira efetiva, da produção do curta-metragem (anexo 2). Contudo, a escassa coletânea de textos relacionados ao

assunto dificultou, em parte, a produção do material pedagógico auxiliar. A turma de trinta e dois alunos foi dividida em quatro funções, subdivididas da seguinte forma:

DIREÇÃO

- Diretores gerais
- Diretores de produção
- Diretores de fotografia
- Diretores de arte

ATORES

- Oswald de Andrade
- Olavo Bilac
- Índio
- Português
- Francês
- Alemão
- Italiano
- Figurantes

CÂMERA

- Operador de câmera
- Assistentes de câmera

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO

- Assistentes de direção
- Assistentes de áudio
- Seleção de trilha sonora
- Cenógrafos
- Figurinistas
- Cabeleireiras
- Maquiadores

Durante a produção, as funções previstas e distribuídas entre os alunos foram avaliadas pelos professores. Muitas delas foram suprimidas naturalmente frente ao grau de necessidade do contexto de produção. Alguns alunos tiveram participação mais efetiva que outros nas filmagens. Os demais participaram de forma passiva, observando todos os detalhes de cada gravação de cena.

As limitações técnicas, nesse momento, restringiam-se aos equipamentos disponíveis para a filmagem e edição, pois só havia uma câmera, um tripé, um refletor e um microfone. Foi preciso adaptar as cenas para a filmagem para se obter uma boa qualidade de vídeo com recursos restritos.

Este projeto foi o que teve a previsão orçamentária mais bem organizada. Primeiramente, propusemos algumas parcerias com algumas empresas e obtivemos um patrocínio de mil e quinhentos reais, cedido pela editora do material didático da escola e algumas cotas de valor bem menor doados por empresas interessadas em divulgar o nome (Escola de idiomas, *Shopping Center*, etc). O valor dos gastos da produção e pós-produção ficou concentrado na compra das mídias de gravação e reprodução, na divulgação (gráficas), no pagamento de um profissional de edição, na logística (transporte, gasolina, etc) e nas horas de gravação no estúdio de áudio. O valor restante (aproximadamente 40% do total arrecadado) foi investido numa recepção para pais e amigos para o lançamento do vídeo no Sesc Campinas.

II – Pré-produção

Essa etapa do projeto – que durou de abril a junho de 2003 - foi de suma importância para a realização do vídeo porque organizou, efetivamente, as estratégias de ação subsequentes. Basicamente, consistiu na decupagem do roteiro e na pesquisa de fotos. Mas, para que isso acontecesse com mais fundamento, foi preciso trabalhar com algumas estratégias prévias, tais como:

- Assistência a filmes/ Leituras de roteiros de cinema
- Leitura de textos teóricos sobre roteiro
- Produção do(s) texto(s) – Versões e versão final.

Foi necessário, também, para embasar as aulas teóricas sobre produção de vídeo, pesquisar em sítios especializados na *internet* e livros acerca de metodologias de produção de roteiros. Todavia, nos livros, encontraram-se, apenas, informações específicas e mais direcionadas à produção profissional e técnica. Isso fez com que os professores, além de selecionarem textos extras aos alunos, escolhessem um repertório de filmes que serviriam de base para a elaboração do roteiro. A seleção de filmes para a composição do repertório audiovisual dos alunos foi de grande importância para o sucesso do projeto. A seguir, as obras selecionadas e vistas pelos alunos:

“Estrada” – Jorge Furtado¹⁸

“Ilha das Flores” – Jorge Furtado¹⁹

Trechos de “Uma janela indiscreta” – Alfred Hitchcock²⁰

Trechos de “Cães de aluguel” – Quentin Tarantino²¹

Após a exibição dos filmes e da discussão sobre aspectos técnicos de iluminação, fotografia e de linguagem cinematográfica, o roteiro escolhido para servir de modelo para a produção foi o de “Ilha das Flores” de Jorge Furtado. Com o texto do roteiro do filme em mãos, os alunos puderam estudar melhor a estratégia narrativa do

¹⁸ ESTRADA. Direção de Jorge Furtado. Elenco: Débora Bloch, Fabiano Post, Lila Vieira, Pedro Cardoso, Zé Adão Barbosa, Zé Victor Castiel. 17min – 35mm. Brasil, 1995.

¹⁹ ILHA DAS FLORES. Direção e Roteiro: Jorge Furtado. Elenco: Ciça Reckziegel, Gozei Kitajima, Takehijo Suzuki. 13 min – 35 mm. Brasil, 1989.

²⁰ UMA JANELA INDISCRETA. Direção e produção: Alfred Hitchcock. Roteiro John Michael Hayes, baseado em estória de Cornell Woolrich. 107 min – 35 mm. EUA, 1954.

²¹ CÃES DE ALUGUEL. Direção e Roteiro: Quentin Tarantino. 99 min – 35 mm. EUA, 1992

documentário e visualizar de que maneira poderiam ser feitas as adaptações para que a questão levantada no argumento do roteiro fosse contemplada. O modelo do ‘roteiro cíclico’ de Jorge Furtado permitiu que diferentes conceitos de literatura e história fossem abordados no documentário de forma inter-relacionada e interessante, já que, a cada debate, novas referências ampliavam as possibilidades de desdobramentos do tema. Assim, surgiu a primeira versão do roteiro (anexo 3). Durante duas aulas, através de leituras e releituras desse primeiro esboço, foram se configurando outras versões, menores e mais concisas, seja pela sugestão dos professores, seja pela inferência consciente e pertinente dos alunos. Entre o primeiro esboço (32 cenas) e a versão final (85 cenas) do texto estão versões diferentes que, à medida que eram lidas em voz alta na sala de aula e analisadas pela classe, recebiam sugestões de cortes e acréscimos de frases e palavras (anexo 4)

Com base no material preparado sobre técnicas de roteiro, o texto começou a ser pensado em conjunção com imagens. Ao longo das aulas, a classe foi debatendo e propondo cenas, criando personagens e cenários. A tendência dos alunos, nesse momento, foi a de ilustrar didaticamente o texto, mas, aos poucos, foram propondo alternativas menos denotativas e mais interessantes de trabalhar com as imagens. Nesse processo de criação, ao sugerir algumas cenas, eles mesmos censuravam-se caso não houvesse viabilidade de filmagem e facilidade de obtenção de algum suporte necessário. Obteve-se por parte do aluno, a partir desse estágio, a consciência do processo de aprendizagem e, com isso, a possível intervenção e adaptação de seus meios. A versão final do roteiro coletivo (anexo 5) foi escrita ao longo de quatro aulas.

O próximo passo foi discriminar as imagens fotográficas das imagens em movimento que uma parte dos alunos pesquisasse as fotos e outra parte se incumbisse de cuidar da distribuição dos dias de filmagem e dos detalhes de cenário e figurino de cada um dos momentos diferentes da gravação (anexo 6). Cenários iguais ou próximos foram reunidos e, a seguir, definidos os dias de filmagem (anexo 7). Cada grupo de comprometeu a gerenciar suas funções na produção do vídeo: uns responsáveis por

objetos do cenário, figurino, maquiagem, iluminação, câmera; outros por pesquisar imagens e trazê-las numa mídia de dados num dia definido pelo grupo.

Com o roteiro decupado em mãos, os alunos puderam preparar-se adequadamente para os dias de filmagem, realizando, inclusive, dois ensaios para testar a melhor iluminação e posição de câmera e performance dos atores.

III - Produção

A etapa de produção desse curta-metragem aconteceu em três encontros de 1h30min cada durante as manhãs de aula. O formato de gravação foi vídeo digital (HI-8mm) - com equipamento da escola e, também, dos alunos - e a captação de áudio direto com o próprio microfone da câmera. No primeiro dia de gravação, foram feitas as filmagens externas, que foram menos tensas e demoradas que as internas. Talvez, pelo fato de os equipamentos e da equipe estarem dispostos em um local aberto, a direção teve mais facilidade de controlar os detalhes do *set* e os assistentes de atuar como auxiliares efetivos. Em um grande número de cenas, havia alunos que iriam atuar como personagens e isso fez com que a assistência de produção precisasse fazer um trabalho bem importante e desenvolto, já que, a todo momento, mudavam-se o cenário e o figurino. Como todos os trinta e dois alunos tinham alguma função dentro do *set*, o envolvimento deles na produção das cenas foi real.

As primeiras cenas demoraram bastante para serem filmadas. Mas, sem dúvida, foi um momento importante de aprendizado tanto para os professores quanto para os alunos. Inexperientes e inseguros, aqueles optaram por fazer inúmeros *takes* e gravá-los, o que mais tarde, dificultou a seleção de imagens e a edição. Por sua vez, os alunos, que nunca tinham atuado como atores estavam, em muitos momentos, nervosos ou desconcentrados.

De qualquer maneira, todos exerceram suas funções, mesmo que alguns tenham se destacado mais que outros e foi possível cumprir o cronograma previamente organizado.

IV - Pós- produção

Apesar da grande participação durante a produção, os alunos não se envolveram tanto com a etapa de edição. Após as filmagens, o material bruto (imagens e áudio) foi tratado numa ilha de edição não-profissional, improvisada em ambiente fora da escola. O trabalho de edição foi um processo longo e difícil dadas as condições de acesso aos equipamentos, a pouca familiaridade com o programa de edição e a escassa informação de que dispunham os professores responsáveis pela edição. Entretanto, participar de forma efetiva desse processo capacitou os professores a montarem e coordenarem as produções subseqüentes.

Enquanto o filme ia sendo montado – o que aconteceu em cinco encontros de três horas cada e com auxílio de um técnico de edição - os alunos foram levados para um estúdio de gravação de áudio profissional para fazer a locução do vídeo. Durante essa etapa, houve vários contratempos como, por exemplo, o tempo previsto no estúdio e o tempo realmente gasto para gravar as vozes. Os alunos escolhidos para narrar não conseguiram ensaiar previamente e, após inúmeras tentativas de melhorar a dicção e a entonação, tiveram que ser interrompidos e substituídos pela leitura da professora.

Após reunidos narração e imagens, houve a seleção dos trechos de música que serviriam de fundo para a locução. Apesar de alguns alunos terem ficado responsáveis pela pesquisa da trilha sonora, ela foi definida coletivamente em sala de aula. Não existiu nesse curta-metragem a preocupação com a obtenção de direitos autorais, já que a pretensão do documentário restringia-se a um uso interno – pelo professor na sala de aula – exclusivamente pedagógico.

Foram três exibições públicas. Uma, em junho, na própria escola, para pais, alunos, professores; outra, em setembro, num coquetel na sala de cinema do SESC-CAMPINAS (anexo 8 e 9); e outra, no ano seguinte, numa palestra sobre formas alternativas de ensino, para professores do Colégio Integral – Campinas em 2004.

Obteve-se apoio cultural para divulgação do trabalho no valor de R\$1.500,00 (mil e quinhentos reais) de uma empresa privada responsável, na época,

pelo fornecimento do material didático utilizado no Ensino Médio (Companhia da Escola).

Depois das exibições privadas, o filme foi inscrito em alguns festivais de vídeo e foi selecionado para mostra não-competitiva em dois eventos nacionais:

1º Festival Amazonas Filmes – CURTA BRASIL

Data de realização: setembro de 2003

2º Curta Santos

Data da realização: setembro de 2003

3.1.2 – Avaliação do projeto

O filme, exibido pela primeira vez em junho de 2003, durante o evento cultural do colégio, foi um resultado satisfatório do projeto incipiente de produção de vídeo. O projeto contou com escassas referências bibliográficas, o que, somado ao caráter do ineditismo para os professores e alunos, tornou a produção um projeto complexo e que exigiu muito dos coordenadores do processo já que se dependia de inúmeras variantes desconhecidas para a realização e participação de todos. Além disso, o fato de o roteiro ter partido de um texto literário ampliou o desafio de transformar uma mera ilustração de imagens em um vídeo que tivesse um conteúdo didático a ser transmitido, sem descuidar da técnica. O início da pesquisa trouxe algumas informações relevantes, outras desconexas. Mas, aos poucos, os conceitos diferentes inter-relacionados deram lugar a uma visão mais objetiva do argumento e do tema da discussão.

Outra dificuldade que existiu foi que as intenções documentaristas iniciais se misturam a um caráter ficcional já que o roteiro continha cenas completamente criadas, com cenário, figurino e atores. Por esse motivo, também, que o acesso às informações técnicas foi de extrema importância, uma vez que permitiu que, mesmo com recursos

restritos, o vídeo fosse realizado, embora, inegavelmente, tenha havido uma preocupação maior com o conteúdo do que com a estética.

Era para ter sido um projeto interdisciplinar, mas, das disciplinas que se dispuseram, no início, a participar²², apenas ficaram até as últimas etapas Língua Portuguesa e História, por causa do envolvimento maior com o conteúdo e, também, da disponibilidade em gravar cenas fora do horário regulamentar de aula.

Ao fim do processo foi possível perceber que houve muito mais etapas previstas que realizadas. Muitas das que não aconteceram estavam relacionadas com a preparação técnica de filmagem dos alunos e professores. Mesmo assim, o grupo soube adaptar bem o tempo disponível e as intervenções necessárias para conseguir realizar o trabalho.

A falta de experiência com os programas de edição e a escassa bibliografia sobre métodos de produção dificultaram bastante o processo de finalização, que, graças a essa dificuldade, pode melhorar muito nas produções seguintes.

Sem dúvida, os debates e as discussões promovidas para produção do vídeo enriqueceram o ambiente de sala de aula e essa maior interação entre professor e aluno permitiu um envolvimento grande por parte deles que se organizaram bem e realizaram adequadamente a proposta.

²² As disciplinas que estariam envolvidas no projeto seriam: Língua Portuguesa, História, Artes, Física, Filosofia, Geografia.

3.2. Projeto: “Pobre Vila Rica” – doc. 23 min – 2004

Sinopse: A partir de uma viagem de Estudo do Meio às Cidades Históricas de Minas Gerais, buscou-se investigar os aspectos relacionados aos períodos históricos brasileiros dos séculos XVII e XVIII, bem como as escolas literárias vigentes nesses momentos no Brasil. O curta-metragem investiga a situação de alguns dos patrimônios culturais do Brasil e como o conhecimento sobre a sua história pode promover uma melhor conservação e preservação.

3.2.1 – Relato da produção

I - Projeto

Com a experiência adquirida com o primeiro curta-metragem, foi possível realizar mais um projeto de produção de vídeo no ano subsequente à exibição de *Brésil, Brazil*. Uma vez que os alunos envolvidos no projeto e os professores foram os mesmos do ano e projeto anterior, ficou bem mais simples executar um trabalho em vídeo que, novamente, pudesse contemplar o conteúdo de literatura e história com estratégias pedagógicas diferentes.

Com mais informação e técnica, a produção de *Pobre Vila Rica* possui um caráter muito mais didático que artístico e sua pretensão, desde o início dos debates, foi criar um vídeo educativo que servisse de apoio pedagógico na sala de aula. Como o conteúdo programático de Literatura previa o estudo da época e poetas barrocos e o de História, o período da mineração no Brasil, a idéia era fazer o registro em vídeo de uma viagem de estudo para Ouro Preto e as cidades Históricas de Minas Gerais que discutisse esses conceitos e investigasse o estado de preservação dos bens públicos considerados patrimônios da humanidade. Embora o argumento não estivesse tão bem definido previamente como em *Brésil, Brazil*, havia, advindo das discussões levantadas pelos textos da apostila, um assunto recorrente. Algumas notícias recentes sobre a má

conservação do patrimônio histórico de Ouro Preto apontaram para o preocupante estado de preservação dos prédios e igrejas da cidade. Como esse assunto permitia inúmeros desdobramentos e variadas abordagens, decidiu-se fazer, primeiramente, a filmagem e, num momento posterior, o roteiro.

O projeto se desenvolveu com base em uma apostila preparada pelos professores de História e Língua Portuguesa a qual propunha uma divisão das atividades em três momentos distintos: preparação – execução – finalização. O material continha textos sobre aspectos históricos, econômicos, políticos e literários e propostas de leitura, interpretação e produção de texto em cada um dos treze capítulos. A divisão de capítulos da apostila contemplava vários aspectos do programa curricular das disciplinas de Literatura e História do Brasil com atividades previstas para acontecer em Minas Gerais e, também, em sala de aula. A povoação de Minas Gerais, a Guerra dos Emboabas, a exploração das minas, o pagamento de impostos à Coroa, a Inconfidência Mineira, os heróis na nação, os artistas, a importância dos monumentos culturais, os poetas e os movimentos literários e artísticos da época eram os temas dos debates e exercícios (anexo 10).

Os exercícios propostos na apostila visavam ao aprendizado teórico e prático de épocas históricas e personagens importantes na literatura porquanto o cerne do projeto era a boa preparação prévia dos alunos para que, quando chegassem ao local do estudo, pudessem relacionar os textos lidos com a vivência prática e concreta da viagem. Um dos instrumentos utilizados foi a preparação de seminários temáticos, nos quais os principais monumentos históricos, as igrejas, os poetas barrocos seriam estudados e apresentados aos demais alunos durante a viagem. A partir da pesquisa de textos, os grupos preparavam cartazes, fotos e apresentações e faziam a apresentação para os demais colegas no momento da visita a algum desses locais. Isso foi uma experiência produtiva porque houve bastante envolvimento dos alunos para montar boas apresentações.

Contudo, houve, novamente, as limitações tecnológicas que tornaram o trabalho um pouco mais demorado, pois os equipamentos disponíveis para a filmagem e edição continuaram a ser apenas uma câmera, um tripé, um refletor e um microfone.

O valor da viagem para os alunos era de aproximadamente R\$ 600,00 (seiscentos reais, à época, correspondia a 130% do valor da mensalidade daquele mês), incluindo ônibus, hospedagem, guias e almoço. Fora essa quantia, os gastos foram com compra de mídias e divulgação e com o pagamento das horas de gravação no estúdio de áudio.

II - Pré-produção

Apesar de um assunto mais complexo, que envolveu uma série de conceitos históricos e literários, alguns fatores permitiram que o trabalho de pré-produção fosse bem mais rápido e tranquilo. O fato de os cenários já estarem prontos e, por isso, não ser necessária uma equipe de produção responsável pela sua criação, fez com que os alunos ficassem mais preocupados com o conteúdo das mensagens e não tanto com a questão estética do vídeo. O trabalho de preparação envolveu a organização dos seminários, a montagem da lista de imagens a ser captadas pela câmera e a divisão de funções:

- Roteiristas
- Pesquisador de imagens
- Fotógrafo
- Entrevistador
- Diretor
- Câmera
- Locutor (texto narrado)
- Apoio (microfone – áudio e seleção de trilha sonora)

O texto do roteiro foi escrito após a assistência às duas horas de filmagem captadas e das fotos trazidas pelos alunos.

III – Produção

Uma série de atividades foram preparadas em sala de aula para que fossem finalizadas durante a viagem. As principais informações da cidade (detalhes sobre ruas, monumentos, igrejas, festas populares) contavam no livro pesquisado “*Guia de Ouro Preto*”²³ de Manuel Bandeira, lido pelos professores e utilizado para montar a apostila teórica. Dentre os trabalhos, entrevistas com a população e com turistas e seminários sobre características das principais igrejas e monumentos da cidade foram registrados em vídeo. O trabalho com seminários foi bastante interessante já que os alunos se prepararam para ver os detalhes de cada local histórico e passar essas informações aos demais colegas através da exposição oral acompanhada de cartazes e fotos. Isso fez com que o aprendizado se desse de uma maneira diferente. Os alunos não foram para conhecer Ouro Preto. Já conheciam a cidade e os monumentos através dos textos da apostila e viajaram para conferir, para ver de perto, tudo aquilo que já tinham lido nos livros.

Mas as imagens dos seminários obtidas durante as apresentações nos locais visitados não foram muito utilizadas na produção final, em vista dos problemas técnicos de som e iluminação. Além disso, as entrevistas aconteceram de forma desorganizada. As perguntas não tinham sido bem formuladas e muitos grupos tiveram dificuldade em extrair do entrevistado a resposta clara à pergunta feita.

As imagens foram captadas por uma câmera MINIDV. Menos *takes* foram feitos e isso facilitou bastante a pós-produção.

²³ BANDEIRA, Manuel. *Guia de ouro preto*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

IV - Pós- produção

Após a viagem, os alunos finalizaram os trabalhos propostos na apostila e o roteiro do vídeo. O material bruto (imagens e áudio) foi editado com um equipamento relativamente melhor que o do ano anterior, mas, ainda, não profissional. O processo de edição não foi tão intenso e cansativo como o de *Brésil, Brazil*, porque o programa de edição já era conhecido pelos professores e havia uma quantidade bem menor de *takes* e fotos.

O texto foi escrito durante quatro aulas e transformado em roteiro durante a edição. A narração foi lida pelos próprios alunos - escolhidos pelos colegas da classe - e as vozes gravadas em um estúdio de gravação profissional. Ainda inexperientes, os alunos cometeram muitos erros e tiveram que refazer várias vezes para gravar com clareza e dicção correta. A edição do áudio foi um pouco mais demorada justamente por esses motivos.

Após o filme pronto, houve duas exposições públicas. As duas, na própria escola, para pais, alunos, professores. Não houve, no ano de produção, inscrição para Festivais de Vídeo.

3.2.2 - Avaliação do projeto

O processo de produção foi bastante diferente do ano anterior embora permanecessem alguns aspectos afins ao *Brésil, Brazil*, como o roteiro coletivo e o gênero documentário. Os objetivos do projeto eram conhecer aspectos importantes da história do Brasil no período da mineração, bem como pesquisar a arte barroca e arquitetônica ligadas à exploração do ouro em Minas Gerais e o de produzir um documentário jornalístico em vídeo que registrasse as impressões e descobertas dos alunos acerca da preservação do patrimônio histórico.

O filme, sem dúvida, foi o resultado de um processo que avançou. A idéia embrionária da apostila, durante o ano anterior, havia se transformado em um material

denso com treze capítulos dotados de atividades variadas para a preparação dos alunos. A sua montagem promoveu um crescimento técnico e metodológico que culminou em um vídeo que tem, ao mesmo tempo, conteúdo e estética cuidados. Sem dúvida, haja vista que o projeto possuía um caráter didático explícito, a questão conteudística foi priorizada em detrimento à estética. Por outro lado, foi positivo o fato de não haver roteiro prévio porque isso concedeu uma liberdade maior de captação de imagens que integrou o ‘olhar turístico’/deslumbrado dos alunos que, pela primeira vez, visitavam a cidade, ao olhar crítico e técnico, que objetivava comprovar a tese da má preservação do patrimônio histórico.

A fase de preparação do estudo foi mais complexa que a fase de produção. Analisando o material teórico, pode-se dizer que o aspecto quantitativo se destaca. Apesar de os alunos terem sido bem preparados para explicar os detalhes dos monumentos como verdadeiros guias turísticos, isso significou muitas aulas de correção das propostas, em grande número e, por vezes, complexas demais. No ano seguinte, esse mesmo projeto foi reformulado e algumas modificações: um menor número de atividades e o trabalho final apenas como escrito, não audiovisual. Foi um projeto bem menos trabalhoso; entretanto, que não atingiu objetivos tão amplos como a produção do documentário *Pobre Vila Rica* conseguiu abranger.

Todavia, a intenção de que o vídeo produzido se tornasse um instrumento pedagógico se confirmou. Serviu de apoio didático, ao ser exibido, em sala de aula, para as séries seguintes antes, durante e após a viagem a Ouro Preto.

3.3. Nós – doc 15 min – 2005

Sinopse: Entrevistas com deputados e senadores influentes compõem o mosaico político e social do país. Fruto de um projeto interdisciplinar cujo objetivo foi o de discutir questões de cidadania, o filme confronta discursos políticos captados nos centros de poder com os discursos do povo brasileiro frente ao cenário conturbado do governo do Brasil em 2005. Um filme sobre nós, brasileiros, e sobre os nós do Brasil.

3.3.1 – Relato da produção

I – Projeto

O curta-metragem *Nós* é o primeiro de uma série de três experiências com vídeo feitas durante a viagem de Estudo a Brasília, realizada todos os anos, desde 1998, com os alunos de 1º ano do Ensino Médio. O Estudo é interdisciplinar e envolve as disciplinas de História, Língua Portuguesa, Geografia, Filosofia e Artes. Os professores preparam uma apostila de trabalho de observação e escrita para ser entregue, pelos alunos, no fim do processo. Nela, cada disciplina propõe um roteiro de atividades e questões específicas para o estudo de conceitos e procedimentos do seu conteúdo programático.

A proposta de Língua Portuguesa consistia, até o ano de 2004, na criação e registro das entrevistas com políticos e na produção de um jornal de resenhas e artigos de opinião. Contudo, a partir de 2005, passou a contar, também, com a produção de um documentário em vídeo.

Os objetivos pedagógicos gerais do Estudo são bem mais abrangentes que os específicos de Língua Portuguesa (que prezavam registro escrito e audiovisual das entrevistas, palestras, locais públicos visitados). A partir dessa produção, o vídeo passou a ser um importante instrumento didático-pedagógico na medida em que possibilita um registro artístico das impressões dos alunos, os quais puderam

incorporar, de forma mais sistemática, a linguagem audiovisual como mais um recurso para a transmissão de mensagens.

Para o Estudo de 2005, viajaram, no total, 85 alunos. Contudo, apenas uma pequena parte (dez alunos) compôs o grupo responsável pelo curta-metragem. Os demais se envolveram em outros trabalhos propostos pelas demais disciplinas. O valor da viagem para os alunos foi de mil e trezentos reais, incluindo passagem aérea, hospedagem, guias e alimentação.

Esse grupo de dez alunos recebeu a tarefa inicial de pesquisar em jornais e revistas assuntos atualizados sobre política brasileira e selecionar textos e questões para dividir com o restante do grupo em dois encontros fora do horário normal de aula. Os dois debates - de aproximadamente uma hora cada - possibilitaram as sugestões para o argumento do curta-metragem. Os alunos decidiram que iriam fazer um balanço histórico de Brasília e da democracia brasileira cruzando os dados obtidos nas entrevistas com cidadãos comuns e com as falas dos políticos durante as palestras a que assistiriam.

II – Pré-produção

Durante o período de preparação, tudo se tornou um pouco mais complexo pelo fato de não existir familiaridade (tanto por parte da professora como dos alunos) com a dinâmica do trabalho ou com a logística necessária para produção de um vídeo, em Brasília, com as características previstas nos debates. Embora houvesse a experiência técnica prévia - por causa dos dois trabalhos anteriores -, faltavam informações importantes para fazer uma pré-produção adequada e envolver todos os dez alunos na realização do vídeo. As funções, portanto, tornaram-se mais específicas e em maior número.

- Pesquisador de fotos e de dados históricos
- Produção do texto do roteiro e das perguntas das entrevistas

- Decupagem do roteiro
- Câmera
- Fotografias
- Assistentes de produção (microfones e iluminação)
- Editor
- Trilha Sonora (seleção de trechos)

O próximo passo foi preparar o texto a ser narrado durante a exibição das imagens que iriam ser captadas em Brasília. Cada aluno ficou responsável por escrever uma parte do roteiro dividido em momentos históricos distintos. No caso de *Nós*, o roteiro coletivo aconteceu de uma forma diferente. Os textos foram escritos individualmente por cada um dos alunos e, somente depois, houve uma reunião dos textos escritos para formar uma unidade, um roteiro. Ao reunir todo o material produzido individualmente por cada aluno, fizeram-se necessárias muitas adaptações e muitos cortes, já que havia várias imagens difíceis de serem obtidas.

Feita a síntese do texto, um material teórico básico sobre estratégias de montagem de roteiro foi entregue aos alunos antes da última reunião para montar o roteiro. Como ainda não havia as respostas dos entrevistados e o direcionamento do argumento dependeria muito delas, as perguntas das entrevistas foram pensadas de modo a obter as respostas esperadas para a definição do tema do documentário.

III - Produção

Como o roteiro dependia em muito do conteúdo das palestras e das respostas às entrevistas, decidiu-se que seriam deixadas, para a etapa da edição, as modificações no texto e ajustes finais. Então, foram feitas imagens de *inserts*, palestras (na íntegra) e entrevistas, realizadas com cidadãos nas ruas da cidade e vários homens e mulheres públicas do Senado e Câmara Federais dentre eles: Sen. Eduardo Suplicy, Sen Pedro

Simon, Sen Heloísa Helena, Dep. Denise Frossard. Havia uma só câmera MINIDV e várias câmeras fotográficas com os alunos.

Foram três horas de filmagem, o que, por um lado, dificultou o processo de seleção e edição; por outro, possibilitou uma montagem diferente do roteiro e mais interessante do ponto de vista técnico e estético da linguagem audiovisual, na medida em que aumentou a quantidade de cenas a escolher.

As entrevistas aconteceram durante as palestras e as visitas aos prédios públicos. Não houve tempo reservado no cronograma de visitas para que os dez alunos responsáveis pela filmagem pudessem fazer as perguntas aos moradores e turistas da cidade. Isso aconteceu durante os intervalos entre uma palestra e outra e, também, após o retorno para Campinas, em bairros e ruas da cidade.

IV - Pós-produção

De volta a Campinas, as fitas foram exibidas ao grupo de alunos responsáveis pela produção do vídeo os quais fizeram a transcrição de toda a seqüência de cenas (anexo 11). De posse do total de cenas registradas e da discussão coletiva em que os alunos sugeriram quais trechos deveriam serem usados ou descartados no vídeo, o primeiro esboço da montagem ficou pronto e com 29 min de duração. Havia ainda cenas que estavam previstas, mas que não tinham sido feitas em Brasília. Por isso, foi necessário complementar o trabalho com algumas entrevistas com cidadãos, professores, alunos de Campinas (anexo 12)

Com base na primeira montagem das imagens em seqüência, as locuções foram gravadas num estúdio de áudio. Os três alunos escolhidos pelo grupo foram, acompanhados pela professora, a um estúdio profissional e gravaram as vozes de cada trecho selecionado do roteiro para intercalar a narração com as entrevistas gravadas. Depois dessa etapa de gravação de vozes, o roteiro ainda passou por algumas modificações, sempre no sentido de diminuir o tempo e eliminar cenas redundantes ou

mal captadas. O desafio da montagem foi o de adaptar o texto às imagens que haviam sido realmente obtidas durante a viagem e foi somente durante essa etapa que o argumento do filme definiu-se (anexo 13).

O trabalho final foi selecionado e exibido na mostra não-competitiva do Festival Universitário da UFRJ, e na mostra do Festival Universitário do Instituto de Artes da Unicamp (FEIA – 2005). Também, houve exibições, na própria escola, para pais, alunos e professores e, por fim, numa noite cultural dedicada aos produtores e diretores da cidade de Campinas no ‘Espaço Cinema’ da Cervejaria Universitária – Cambuí – 2006.

O valor gasto para a pós-produção foi com o pagamento de horas de gravação no estúdio de áudio, com a compra de mídias e divulgação (camisetas para os alunos da equipe de produção e aluguel do projetor e telão).

3.3.2 - Avaliação do projeto

Embora tenha trazido consigo alguns aspectos positivos já depreendidos das experiências anteriores, *Nós* tem características bem diferentes dos dois vídeos antes relatados. Sem dúvida, houve um crescimento técnico importante graças ao treinamento de operação de câmera e no uso dos programas de edição de vídeo. Por outro lado, outros aspectos que já tinham sido identificados como negativos, tornaram a aparecer nessa nova produção.

Um deles é a quantidade excessiva de imagens captadas. Embora existisse um roteiro e imagens previstas, o ‘olhar turístico’ de quem conhece a cidade pela primeira vez foi, novamente, algo difícil de evitar. Seria preciso um trabalho mais intensivo do diretor para que selecionasse para a gravação apenas os locais e pessoas importantes para a realização do vídeo. Um outro problema técnico foi o uso demasiado do efeito ‘zoom’ o que tornou algumas cenas repetitivas para o espectador.

Quanto às locuções, pequenos problemas se repetiram. Não houve preparação para esse momento. Os alunos eleitos pelo grupo possuíam boa dicção e

entonação de voz, mas isso não foi suficiente para que não houvesse intervenção dos professores na etapa de gravação da locução. Algumas frases também foram gravadas pela professora, o que acabou sendo uma alternativa para palavras com sílabas mal pronunciadas e difíceis de compreender. Muitos *takes* e muito tempo gasto para os alunos conseguirem ler sem interrupções ou gaguejos.

A pré-produção, também, apresentou falhas na medida em que nem todas as autorizações de imagens das pessoas que deram depoimentos para a câmera foram colhidas, fazendo com que várias cenas e entrevistas fossem eliminadas da montagem.

O grupo de produção, após assistir ao vídeo pronto, avaliou-o como didático demais. As falas contidas no roteiro e, também presentes na locução acabavam por direcionar a análise do espectador, já que o roteiro, na sua primeira versão, ainda estava bastante ilustrativo. Após a primeira exibição na escola, a versão que foi aos Festivais ficou mais curta: sem as falas dos alunos e somente com uma montagem da seqüência de respostas das palestras e entrevistas, com duração de 15 min.

3.4 – Videoclipes – 5min - 2006

Sinopse: Pequenos clipes. Pequenos recortes de questões presentes no dia-a-dia dos cidadãos brasileiros. Através de imagens, vozes e música, assuntos importantes refletem realidade do país.

3.4.1 – Relato da produção

I - Projeto

A produção do *Nós*, apesar de ter sido muito bem sucedida, despendeu um tempo grande de pós-produção e resultou num grau de participação menos intensivo dos alunos em relação aos curtas anteriores.

O desafio desse próximo projeto seria o de envolver a classe toda num projeto audiovisual sem que isso fosse desgastante para os professores e para os alunos. O problema é que produzir um roteiro e um trabalho coletivo com noventa adolescentes não é uma tarefa tão simples. Primeiramente, porque o número grande de fontes de captação de imagem iria aumentar significativamente a quantidade de material a ser selecionado. Segundo, porque seria necessário treinar mais pessoas a operar câmeras, lidar com fontes de luz e escrever roteiros de vídeos. Por isso, no ano de 2006, o objetivo da atividade com produção audiovisual mudara e fora o de envolver todos os alunos no projeto de produção audiovisual. Criou-se uma metodologia de pré-produção mais objetiva e clara que utilizaria apenas fotos pesquisadas e narração.

A proposta do projeto foi a formação de seis grupos (dois por classe) para a produção seis clipes de, no máximo, cinco minutos cada, compostos por fotos, narração e som. Sem imagens em movimento ficaria mais simples de fazer os alunos participarem ativamente do processo de montagem, o que capacitaria tanto professores como alunos a trabalhar com o *software* de edição para, no ano seguinte, lidar com imagens em movimento. A limitação de tempo dos vídeos e a facilidade na obtenção

das fotos e da trilha sonora facilitaram o cumprimento pleno de todas as etapas da construção do roteiro, inclusive, na edição.

O primeiro passo para instigar o pensamento crítico dos alunos e fazer com que definissem o argumento seria fazer uma pesquisa que fosse, ao mesmo tempo, consistente e passível de verificação/avaliação pelo professor. Os alunos precisariam fazer uma imersão de leitura na esfera política do Brasil e conseguir depreender, através dos textos de jornais e revistas, questões para serem debatidas e problematizadas (anexo 14).

Dessa primeira pesquisa nas fontes de informação a que os alunos tinham acesso em casa ou mesmo na escola, é que surgiram os temas para serem trabalhados nos seminários. A série de seminários sobre assuntos que estavam em evidência na mídia televisiva e impressa possibilitou aos alunos trocarem as informações obtidas com os demais colegas e estar, portanto, a par de vários assuntos atualizados para serem capazes de problematizar questões e criar as perguntas das entrevistas. Os seminários eram feitos sempre nos 15 min iniciais da aula e duravam, aproximadamente, três semanas.

No fim das apresentações, houve a leitura coletiva do texto “Diálogo” de Paulo Freire (anexo 15). O debate sobre o texto ampliou bastante o horizonte de análise dos alunos que começaram a fazer relações conotativas e denotativas com os temas expostos nos seminários. Dessas relações é que surgiram os seis argumentos diferentes dos grupos que se tornaram a base para a construção dos roteiros.

Os gastos foram bem menores pois, nessa produção, não houve gravação de imagens, nem de voz em estúdio. A edição foi num computador da própria escola e as mídias compradas pelos alunos.

II – Pré-produção

Com base em uma seqüência de questões de interpretação de texto preparada pelos professores, os alunos, em três aulas, definiram, em grupo, o argumento

dos vídeos (anexo 16). A seguir, discutiram sobre aspectos técnicos da linguagem audiovisual como posição e ângulo de câmera, fotografia, tipos de locações, cenas/objetos que precisavam fotografar, escanear ou pesquisar.

Feita a decupagem do roteiro, o próximo passo foi dividir as três classes de 1º ano do Ensino Médio em grupos de, aproximadamente, quinze alunos. Em seguida, os integrantes se dividiram da seguinte forma:

- 4 fotógrafos
- 2 editores
- 2 assistentes de áudio (trilha sonora)
- 5 roteiristas

O número de alunos em cada função variou de grupo para grupo e não houve, intencionalmente, nenhuma preparação técnica para garantir a qualidade das fotografias. O objetivo era mesmo o de aprimorar a metodologia da pré-produção para depois incluir, no processo, a preocupação técnica com as imagens em movimento.

III - Produção

Etapa bem simples e sem muitos detalhes essenciais a relatar, pois só havia necessidade de fotografar cenas e pessoas. Nesse ano, não foram gravadas em vídeo as entrevistas, nem as palestras realizadas.

IV - Pós-produção

As fotos obtidas durante a viagem foram sendo trazidas e colocadas em pastas discriminadas num computador definido e reservado para o uso dos grupos de

produção audiovisual. A edição foi coordenada pela professora que fez dois encontros com os alunos (com a função de editores) para ensinar os comandos básicos do programa de edição. Esse processo foi simples e não necessitou de muito aprofundamento no tratamento das imagens, já que eram todas fotos e já estavam selecionadas e editadas, previamente, pelos alunos.

As locuções foram gravadas não em um estúdio de áudio profissional, como os vídeos anteriores; mas, sim, dentro de uma sala silenciosa, com microfone conectado à própria câmera. Devido ao tempo curto de cada vídeo, esse processo foi fácil também e pode ser feito durante o período normal de aula.

A edição pelos próprios alunos, em seis encontros monitorados pela professora. Pela primeira vez, eles puderam participar dessa etapa do processo de produção. Embora, dadas as condições de produção e pós-produção, a qualidade de som e imagem tenha ficado muito prejudicada.

3.4.2 - Avaliação do projeto

O caráter positivo desse projeto foi, sem dúvida, o ineditismo quanto à participação de 100% dos alunos na produção do vídeo, o que promoveu um bom trabalho em grupo e possibilitou o ensino de um outro tipo de linguagem a um número maior de alunos. Como todos tinham função, foi possível realizar todas as etapas de pré-produção na própria sala de aula e apenas a pesquisa e a edição das fotos foi feita fora do horário de regulamentar. Embora nem todos tenham se envolvido efetivamente e muitos tenham acabado sendo meros espectadores do empenho de outros colegas, outros alunos puderam, sim, moldar as melhores estratégias de transmissão da mensagem e de expressão através das fotos. Por esse motivo, a etapa da pré-produção foi maior e mais densa que a produção e a pós-produção. Antes da viagem, os seminários e as questões propostas a partir dos textos selecionados promoveram uma interação importante entre os alunos e para o desenvolvimento do argumento do vídeo.

A grande diferença, além do formato das imagens, é que todo o trabalho de edição foi feito pelos próprios alunos, que, pela primeira vez, puderam participar dessa etapa do processo de produção. Foi uma experiência interessante fazer com que todos tivessem alguma função no trabalho de produção de vídeo. Contudo, como objetivo final era instrumentalizá-los para editar imagens em movimento e se tornarem hábeis no manuseio do programa de edição, um trabalho mais cuidadoso e criterioso por parte dos alunos não pôde ser plenamente feito. Todos participaram, mas a qualidade estética dos vídeos não foi satisfatória.

Os vídeos foram exibidos apenas numa noite em que foram feitas as apresentações dos trabalhos das demais disciplinas envolvidas no projeto. No dia da exibição, o som não estava bem regulado e isso prejudicou a compreensão dos textos narrados em alguns vídeos.

3.5 - ECC REPÓRTER – programa de reportagem de TV – 45 min - 2007

Sinopse: Questões como o papel da cidadania, mecanismos do poder e a influência da mídia na sociedade atual denotam que ainda persiste o abismo entre o que se espera do poder público e as reais ações transformadoras do país. O programa é resultado de um trabalho de pesquisa e de produção que envolveu alunos, professores, políticos e cidadãos comuns. Os três blocos que o compõem foram roteirizados, produzidos e editados por alunos. Uma reportagem sobre o Brasil político visto pelos olhos de quem pode (e precisa) mudar a história.

3.5.1 – Relato da produção

I – Projeto

ECCRepórter é um programa de reportagem de 43 min totalmente realizado por alunos sob a supervisão da professora. Ele é, sem dúvida, o resultado da depuração dos quatro trabalhos anteriores e um amadurecimento das estratégias de produção de vídeo na escola. O objetivo desse projeto era a produção de um programa televisivo com uma proposta interdisciplinar inserida, novamente, no Estudo do meio da viagem a Brasília e o desafio era, novamente, contar com a participação de 100% dos alunos.

A preparação começou em março de 2007, sendo que, da leitura da apostila até a edição final, foram oito meses de trabalho. Os alunos receberam um material teórico mais completo, com muitos dados técnicos e isso resultou em roteiros mais consistentes e coesos. Cada classe foi dividida em quatro grupos que produziram doze vídeos distribuídos em três blocos do programa de televisão (quatro por bloco).

Como a idéia era a de que todos os alunos estivessem envolvidos e trabalhassem, efetivamente, na produção, era preciso torná-los aptos a ler e entender imagens. Para tanto, foi selecionado um repertório de filmes (curtas-metragens) para serem exibidos e discutidos com a classe:

- “A Morte do Rei de Barro”²⁴ – Marcos Buccini
- “Para continuar”²⁵ – Marcos Luporini
- “Estrada”²⁶ – Jorge Furtado

Após as exibições dos curtas-metragens acima, houve um debate sobre as principais impressões dos alunos quanto aos roteiros, à iluminação, posições da câmera e efeitos. O debate foi bastante importante para que, mais adiante, quando eles tivessem contato com o texto sobre as técnicas de filmagem, pudessem relacionar a teoria à prática, porque eles próprios viram esses aspectos na tela. Além disso, foi possível integrar esse trabalho com o conteúdo programático regular do 1º ano do Ensino Médio, o qual contempla o aprendizado dos diferentes tipos de texto (resumo, resenha, editorial, artigo de opinião etc).

Após solicitada uma resenha sobre um dos filmes assistidos, uma apostila teórica sobre as características da reportagem foi entregue aos alunos, que leram e trouxeram dúvidas na aula seguinte. Através de duas gravações do programa semanal “Globo Repórter” (Rede Globo) foi possível a definição do formato pretendido do programa, uma vez que o modelo teórico passou a fazer mais sentido quando puderam imaginar a transposição de uma idéia para a prática, vendo um exemplo concreto de um programa de televisão.

II – Pré-produção

Um material teórico bem mais completo e denso sobre roteiro foi preparado e entregue aos alunos. Eles, ainda, sem divisão de grupos, leram e discutiram, em sala, sobre a técnica do roteiro. Os professores responsáveis pelo projeto prepararam três

²⁴ A MORTE DO REI DE BARRO. Direção: Plínio Uchoa e Marcos Buccini. 4 minutos – Recife - PE– 2005.

²⁵ ...PARA CONTINUAR. Direção: Marcos Luporini. 10 min – Campinas – SP. 2004.

²⁶ ESTRADA. Direção: Jorge Furtado. 17 min - 1995

pautas (anexo 17) e cada uma das classes ficou responsável por produzir uma reportagem jornalística de aproximadamente 12 min para compor o programa. Os temas foram sorteados entre as três classes e as pautas elaboradas procurando contemplar/abranger, concomitantemente, três aspectos: os conteúdos conceituais das diferentes disciplinas, a proposta do Estudo do Meio à capital e o momento político atual do país.

Em seguida, os alunos pesquisaram textos sobre os temas propostos nas pautas, e outros assuntos puderam ser abordados na produção do texto da reportagem. As classes foram divididas em grupos (de, aproximadamente, oito alunos) responsáveis pela criação de quatro vídeos de 3 min cada um. A seguir, houve a definição das funções para o trabalho de criação em vídeo:

- 2 Roteiristas
- 1 Câmera
- 1 Assistente de câmera
- 1 Assistente de áudio
- 1 Fotógrafo
- 1 trilha
- 1 editor

O levantamento de imagens contidas nos textos resultou numa listagem de itens que precisavam ser coletados (imagens paradas e em movimento). Também na etapa de preparação, foram pensadas as questões das entrevistas de acordo com o argumento de cada grupo. Assim, foi possível escrever o roteiro completo com a definição das cenas/imagens/som /músicas (planos de filmagem e efeitos de gravação). Antes da viagem, os alunos prepararam duas listas: uma, com os locais a serem registrados e, outra, com as perguntas que iriam fazer aos entrevistados na cidade. O material técnico, preparado com o auxílio do livro “Direção de câmera” de Watts

(1999)²⁷ serviu de base para uma oficina de especialização que aconteceu durante duas aulas. Cada aluno recebeu o material com informações específicas da função que teria dentro do grupo (anexo 18). A intenção era que fossem debatidas, em conjunto, dúvidas quanto ao manuseio dos equipamentos, exposição de luz, posicionamento do microfone, ângulos de filmagem, captação de som, etc. Os alunos leram em casa e, num dia marcado, trouxeram as dúvidas para o debate em sala de aula.

IV - Produção

Foram doze câmeras para filmagem, já que cada uma das três classes havia formado quatro grupos de alunos. Todo o trabalho de pré-produção visava à capacitação dos grupos para trabalhar de forma autônoma e registrar todas as imagens previstas por eles mesmos no roteiro. Como cada grupo tinha metas diferentes e não havia momento específico, inserido da programação do Estudo do meio, dedicado a filmagens para o programa de TV. Os alunos, então, foram filmando, à medida que surgiam as oportunidades de entrevista e palestras. Esse processo de filmagem e entrevistas foi bastante difícil, pois a professora teve que dirigir e acompanhar o trabalho de muitos alunos captando imagens diferentes ao mesmo tempo. Mesmo assim, as imagens previstas foram gravadas e, ainda que muitas delas tenham sido descartadas pela má qualidade do som e imagem, muitas outras de ótima qualidade foram obtidas. Ângulos interessantes, luz adequada e boa performance nas entrevistas foram pontos positivos que ficaram evidentes no resultado do projeto.

²⁷ WATTS, Harris. Direção de Câmera. São Paulo: Summus, 1999.

V- Pós -produção

Doze câmeras produziram aproximadamente dezesseis horas de imagens. Isso porque cada grupo voltou de Brasília com pelo menos uma fita inteira gravada. Mesmo tendo um roteiro para seguir, ficou difícil para os alunos responsáveis pelas câmeras se desvencilharem do já referido ‘olhar turístico’ que deseja, deslumbrado, registrar tudo o que vê.

O formato de gravação dos trabalhos foi bem diversificado (CD, DVD, MINIDV, HI-8mm) e isso atrasou um pouco o início da edição. Muitos alunos conseguiram converter as imagens em CD ou DVD em suas próprias casas. Outros tiveram que procurar empresas especializadas para entregar o material em vídeo e as fotos no prazo estipulado pela professora.

Do prazo de entrega do material captado até o fim da edição foram necessários quatro meses. Como era a primeira vez que os alunos gravaram imagens específicas de cada bloco de reportagem, as entrevistas também continham perguntas diferentes. Todas as fitas foram assistidas previamente pela professora (um momento importante do trabalho porque foi a primeira avaliação da qualidade e funcionalidade da etapa de pré-produção).

Esse processo de assistência às fitas (pré-edição) não contou com a participação dos alunos. A idéia era reduzir a quantidade de imagem a ser trabalhada por eles na edição, já que havia doze grupos e o programa de reportagem teria no máximo 45 min. Os alunos, ao ir a Brasília, ainda não tinham tido a percepção de que muitas cenas seriam desnecessárias e de que existe uma diferença entre o ‘registro turístico’ e o olhar de um operador/diretor de câmera que segue um roteiro pré-determinado. O ponto positivo no fato de haver muitas lentes registrando as informações foi o de, durante esse momento de pré-edição, poder perceber que muitas imagens feitas por um determinado grupo poderiam ser aproveitadas por outros.

O segundo passo foi eliminar cenas mal gravadas, as entrevistas cujo som havia sido prejudicado de alguma maneira, e transformar 60min de imagem em apenas

10min. Foi um trabalho grande de seleção e edição, já que todos os grupos se preocuparam em fazer as imagens previstas nos roteiros – às vezes, gravando *inserts* repetidos e palestras na íntegra.

Como o critério de seleção e pré-edição foi a qualidade do som e da imagem, muitas respostas boas, de conteúdo denso e interessante das entrevistas tiveram que ser preteridas em prol de outras melhores tecnicamente. O próximo passo foi reunir todo o material (fotos e vídeos) num só computador num espaço cedido pela escola.

Uma vez inseridas e distribuídas as imagens nesse computador, foi o momento de eleger os locutores dos textos do roteiro para gravarem as vozes num estúdio de áudio profissional. Apenas três alunos, eleitos democraticamente pelos próprios colegas de classe, fizeram a gravação dos textos para todos os doze grupos. O processo de gravação foi longo, mas o resultado foi bom.

Terminada a parte de gravação, houve uma oficina de edição. Dois encontros fora do horário de aula regular capacitaram os adolescentes a aplicar os principais comandos de corte, captura e finalização dos vídeos. Mesmo disponibilizando essa aula com explicações e exemplos de trabalhos de edição, muitos alunos sentiram dificuldades em usar os comandos sozinhos e, por isso, a professora teve que acompanhar todos os grupos. Essa falta de autonomia nessa fase do trabalho é bem compreensível já que foi a primeira vez que houve a participação efetiva dos alunos no processo de edição.

A gravação do âncora do programa em fundo *Chroma Key* foi um processo relativamente tranquilo. Agendamos um horário no estúdio de TV da Unicamp e, após a preparação do aluno, gravou-se junto com um técnico e um operador de câmera cedidos pela Universidade, a apresentação do programa de reportagem. Um processo menos demorado, já que apenas um aluno precisou ser orientado.

O primeiro dia de edição foi bem conturbado. Mesmo tendo ocorrido a reserva do micro para a edição do programa, a sala de informática não estava vazia. A aula da outra classe atrapalhou bastante e o encontro foi remarcado com o grupo.

Mudou-se o local do microcomputador para a sala dos professores e, só assim, houve mais tranqüilidade e silêncio para trabalhar. A princípio, uma hora para cada grupo pareceu tempo suficiente, mas ainda foi necessário editar muitas imagens posteriormente.

Por esse motivo, também, foi algo bastante difícil mensurar, com antecedência, o tempo necessário para cada grupo editar suas imagens; o que, na prática, aconteceu é que se marcaram doze encontros de uma hora cada um (fora do horário normal de aula) para que os grupos, acompanhados pela professora pudessem editar o vídeo, até que ele chegasse a, no máximo, 5 min.

3.5.2 - Avaliação do projeto

Sem dúvida, a produção do *ECCREPÓRTER* é uma síntese dos pontos positivos e negativos dos trabalhos anteriores. Com uma maior experiência, foi possível reformular alguns passos, acrescentar outros e reavaliar essas mudanças através do resultado final.

Um dos principais desafios das propostas de produção audiovisual é o de envolver todos os alunos na realização do projeto. Nesse trabalho, não só os alunos participaram ativamente das etapas de pré-produção, como foram os entrevistadores, os âncoras, os locutores, editores e diretores. Todo o trabalho de pré-produção, filmagem, gravação e edição foi feito pelos próprios alunos, que com esse vídeo, puderam tomar consciência do processo de aprendizagem audiovisual.

Um dos aspectos positivos e que facilitou muito os trabalhos na volta da viagem de estudo foi a boa preparação teórica e técnica dos alunos na pré-produção. Ter exibido e discutido alguns programas televisivos (como Globo Repórter e Jornal Nacional - Rede Globo) evidenciando posições de câmera, questões de iluminação e fotografia, posicionamento do repórter ao fazer as perguntas das entrevistas, etc foi imprescindível para a maior qualidade das imagens captadas e menor quantidade de

vídeo gravada. Mesmo sem se desvencilhar totalmente do ‘olhar turístico’, a preparação teórica prévia garantiu a captação de boas cenas.

A tomada de consciência sobre o processo de produção, também, foi promovida pela listagem de todas as etapas pelas quais eles iriam passar, entregue à professora com antecedência. Isso fez com que fossem para Brasília mais preparados, cientes de suas funções e, portanto, com objetivos definidos. O processo de pré-produção utilizou aproximadamente dez aulas distribuídas durante os meses de fevereiro e maio de 2007. Nas aulas de discussão do roteiro e das imagens que acompanhariam as várias versões do texto (anexo 20), os alunos trabalharam em grupos (quatro) produtivamente dentro do horário de aula. Como esse é um assunto que lhes interessa, muitos deles se envolveram bastante e até compraram livros especializados para estarem mais bem preparados ao chegar ao estudo.

As doze câmeras fazendo doze reportagens diferentes e a necessidade de se orientarem durante a gravação das imagens, todos os alunos fez com que muitos grupos gravassem a mesma palestra, a mesma entrevista com o político, os mesmos *inserts*. Além disso, houve problemas não previstos durante as gravações: baterias descarregadas, falta de fio de microfone, fitas insuficientes, má preparação das perguntas das entrevistas, microfone não funcionando, muito ruído ambiente, não assinatura da autorização de uso de imagem, sombra no rosto do entrevistado. Muitas fitas acabaram antes do previsto e vários grupos tiveram que emprestar mídias entre si ou mesmo ter que recarregar a bateria das câmeras no ônibus ou na sala de entrevista da Câmara dos Deputados.

Dada a inexperiência com a câmera, captação de som e iluminação, muitas imagens ficaram escuras ou com o áudio prejudicado. Outra questão cuja viabilidade na pré-produção poderia ter sido melhor trabalhada é a de fazer treinos de manuseio e uso dos equipamentos para que, durante a edição, não haja problema com a falta de imagem de qualidade disponível.

Um ponto positivo foi que vários grupos conseguiram entender o roteiro apenas como um plano do que seria registrado e aproveitaram várias ocasiões para fazer

perguntas novas e diferentes das previstas. Um deles pagou um taxista para dar uma volta ao redor do congresso enquanto fazia as perguntas e a filmagem das respostas. Ainda assim, alguns grupos ficaram presos ao roteiro e deixaram de gravar cenas interessantes por não estarem previstas e, deste modo, várias oportunidades de gravação foram perdidas. Houve, ainda, um grupo que não conseguiu gravar as imagens em Brasília (por não conseguir transformar imagens analógicas em digitais) e só fez a reportagem usando fotos e narração.

O que é inegável é que houve um envolvimento notável dos alunos durante a produção, mais intenso que em todas as outras experiências anteriores. Muitos vibravam ao conseguir entrevistas boas, vinham mostrá-las aos professores e se motivavam bastante para fazê-las na melhor forma possível. Alguns alunos não tiveram a desenvoltura necessária para reformular as perguntas, caso o entrevistado não entendesse ou desviasse da resposta procurada. Num próximo projeto, seria importante incluir esse tipo de orientação na apostila teórica e discuti-la antes da viagem.

O processo de gravação no estúdio continuou, assim como nos projetos anteriores, sendo um momento lúdico para eles, que, quando são levados a um ambiente profissional, passam por uma experiência diferente e inédita. Contudo, novamente, sem ter ensaiado bem o texto previamente (apenas liam um pouco antes de entrar na sala de gravação), demoram bastante para finalizar os trabalhos. Foi, também, necessário orientá-los quanto à velocidade da pronúncia das palavras, entonações, ritmo, dicção. Durante a gravação, os roteiros foram sintetizados ainda mais e retiradas várias frases e cenas inteiras. Mesmo assim, foram três horas de gravação em estúdio para, aproximadamente, 40 min de narração. Durante a gravação do âncora foi preciso também atuar dirigindo postura, dicção e entonação de voz. Muitos erros e improvisos nessa etapa, que durou 2h30min. Como o texto que o aluno teria que ler não estava completamente decorado, teve que ser transcrito de maneira improvisada para um papel grande posicionado no tripé, abaixo da câmera.

A edição foi um processo bastante complexo e longo, tanto pela quantidade de grupos filmando, quanto pela falta de estrutura necessária para editar doze vídeos

depois da volta da viagem. A escola não estava preparada com o equipamento adequado e seria bem mais difícil terminar os trabalhos se, durante o meio do processo, não tivesse chegado um computador com um processador um pouco mais eficiente, HD e memória maiores. Nos quatro primeiros trabalhos, o equipamento contava com 80GB de HD e memória de 252 Mb. Mais tarde, o microcomputador passou a ter um processador melhor (Intel Centrino Duo), 120GB de HD e 1GB de memória Ram.

Durante a edição, os alunos participaram mais como diretores de edição. Foi preciso adaptar tanto o texto da locução (frases longas e muito complexas) quanto a seleção das imagens pois os grupos gravaram muitos *inserts* bem parecidos. Muitas cenas foram escolhidas pela professora, principalmente a montagem (a ordenação).

Outro aspecto interessante e positivo do processo de pré-produção é que muitos grupos se lembraram de gravar o som ambiente em cada uma das locuções em que usaram o microfone para fazer perguntas nas entrevistas. Mesmo tendo sido sugerido aos grupos durante as aulas de preparação técnica, apenas um deles gravou as falas do roteiro junto com as imagens para facilitar o momento de edição e identificação dos *inserts*.

Quanto às entrevistas, os alunos se saíram bastante bem. Todas as perguntas previstas no roteiro deles foram feitas e não houve casos de a mesma pessoa ser entrevistada por grupos diferentes. O que houve foi que parte das respostas de um entrevistado pôde servir para compor o vídeo de um outro grupo. Especificamente nas entrevistas e palestras com os políticos, o problema foi a quantidade de câmeras ligadas gravando a mesma imagem. Essa questão foi resolvida no segundo dia, fazendo com que, a cada entrevista, fosse escolhido um câmera diferente para gravar.

Foi um processo muito complexo, dotado de inúmeras intervenções pedagógicas inéditas e que despendeu um pouco de tempo a mais da carga horária do professor. Durante o estudo, foi perceptível uma certa falta de logística que se deveu, em parte, ao ineditismo do projeto (100% de participação na maioria das etapas de produção) e à falta de adaptação dos organizadores do Estudo para esse novo formato de trabalho interdisciplinar.

Pode-se dizer que a avaliação do projeto teve um saldo positivo, já que os alunos tiveram impressões boas sobre o resultado do trabalho deles e também sobre seu próprio envolvimento também. Alguns sentiram falta de uma maior autonomia no processo de edição, mas reconheceram que, ainda, não seriam capazes de editar sozinhos sem ajuda da professora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das produções audiovisuais dos alunos deve levar em consideração que os processos aconteceram no âmbito escolar e, portanto, limitados tecnicamente. Apesar de existir uma preocupação estética presente, principalmente durante a pré-produção (oficinas, apostilas teóricas, cópias de livros especializados) o que importa, realmente, é comprovar que é possível produzir vídeos com os alunos e, assim, torná-los melhores espectadores e produtores de mensagens através de imagens e de sons.

Com exemplificação e fundamentação pedagógica, a pesquisa mostra algumas propostas de trabalho com o vídeo em sala de aula e como a sua inserção efetiva no programa curricular das disciplinas pode trazer benefícios pedagógicos. O procedimento de investigação trabalhou com duas instâncias metodológicas. Na primeira etapa, com o método prático: produção, por meio de projetos de trabalho interdisciplinar, de vídeos-documentários. A segunda instância metodológica visou formular, por meio da técnica de observação, uma análise comparativa a fim de discutir uma práxis pedagógica para a produção de audiovisual na escola.

Durante as produções, fizeram-se necessários vários ajustes baseados em hipóteses operacionais e funcionais em várias partes do trabalho. Assim, para que essa pesquisa fosse realmente funcional e obtivesse os resultados esperados não bastou apenas relatar os processos de produção. A análise contínua dos dados obtidos, entre um projeto e outro, possibilitou um aprimoramento contínuo para os trabalhos subsequentes.

As propostas, desde o início, procuraram ser objetivas e organizadas. Teóricas e práticas e, simultaneamente, experimentais, buscavam a máxima aplicabilidade em situações cotidianas, seja pelo domínio da linguagem audiovisual pelos alunos, seja pela rápida incorporação dos conteúdos abordados em cada produção.

Mesmo o último trabalho, que apresentou métodos melhor adaptados e se mostrou mais pedagogicamente condizentes com a realidade de sala de aula, com os

interlocutores e com a proposta de trabalho audiovisual, encontra-se ainda numa etapa de avaliação e teste.

Além de existir uma certa resistência quanto à incorporação da produção de vídeo como instrumento pedagógico na escola, uma vez que o tempo de trabalho, muitas vezes, ultrapassa o horário normal das aulas, as escolas, de modo geral, ainda não estão equipadas com a tecnologia necessária, e não estão preparadas para arcar com os gastos, que embora pequenos, existem. Claro que a insuficiência tecnológica dificultará o processo, mas apenas com os equipamentos básicos como câmera e microfone, já é possível aplicar o método e produzir uma reportagem em vídeo. Inegavelmente, pontos extremamente positivos são apreendidos de experiências como as relatadas neste trabalho de pesquisa. Partindo do fato de o equipamento usado (vídeo) ser acessível e de baixo custo, é possível concluir que o obstáculo financeiro não compromete a realização de projetos de ensino com imagens e das imagens. Mesmo sob a coordenação dos professores (que precisam indicar diretrizes e estratégias de ação), o aluno, ao mesmo tempo em que produz, pode se tornar um capacitador, já que, também, passa a compreender as etapas do processo e se torna o sujeito que as realiza.

Como a problemática e o tema são produtos de um trabalho coletivo, todo o grupo se sente parte do projeto e percebe que o roteiro pode ser adaptado e complementado ao longo da produção. Isso confere uma autonomia maior aos alunos, os quais passam a entender teoria e prática de uma maneira diferente e funcional, uma vez que transformarão a idéia e o texto escrito em imagens e sons.

Sem dúvida, o vídeo é um instrumento de ensino-aprendizagem dentro da sala de aula que contribui para o desenvolvimento de várias outras habilidades de comunicação e linguagem do aluno. E o vídeo-documentário, por ser uma técnica de observação do mundo cotidiano atual, pode fornecer a eles uma compreensão rápida do conjunto complexo de forças que movimentam a comunicação e as relações na sociedade moderna. Pode fazer com que conteúdos das disciplinas sejam abordados e, portanto, apreendidos de forma indelével.

O vídeo como instrumento de documentação, registro de eventos, de aulas, de estudos do meio, de experiências, de entrevistas, depoimentos, como também como meio de intervenção na realidade: interferir, modificar um determinado programa, um material audiovisual, acrescentando uma nova trilha sonora ou editando o material de forma compacta ou introduzindo novas cenas com novos significados. Como nova forma de comunicação, adaptada à sensibilidade principalmente das crianças e dos jovens é assumir a verdade de que os estudantes dessa faixa etária adoram fazer vídeo e a escola precisa incentivar o máximo possível pesquisas e cursos para desenvolver, também, mais essa habilidade. Assim, possibilita-se que o aluno se veja na tela para poder compreender conceitos, situações, para descobrir soluções e discutir polêmicas.

Os trabalhos analisados neste trabalho têm aspectos em comum, mas as estratégias e objetivos, bem diferentes entre si. Há, sim, um visível aperfeiçoamento de técnicas/tecnologias de roteirização, iluminação, captação e edição ao longo dos anos em que esse projeto foi realizado. Inegavelmente, o aparato tecnológico exerce uma influência determinante sobre o conteúdo; transforma o formato e a linguagem em grades invisíveis sobre as quais as pessoas passaram a se comunicar.

Embora os vídeos produzidos pelos alunos esbarrem em obstáculos que interferem nos quesitos técnico e estético, a construção simbólica da mensagem situa o indivíduo que a produz no lugar do sujeito socialmente diferente.

A produção do conhecimento que pode ser laico mas também científico, dialético, transversal, na medida em que se torna instrumento de influência e transformação da sociedade. A experiência de observação e formulação de um instrumento de análise em sala de aula se revelou eficaz sob três aspectos: primeiro, pela capacidade que a utilização dos vídeos tem para a desmistificação do uso das tecnologias emergentes, a familiarização com ferramentas de busca, acultramento às linguagens hipertextuais e interativas; segundo, pelas possibilidades que o vídeo agrega ao processo de ensino-aprendizagem (armazenamento de informações, interação e comunicação efetiva entre os indivíduos, uso de técnicas de animação, fotografia, vídeo,

som e hipertexto). Como último aspecto, a experiência aponta para a consolidação da construção da memória coletiva da sociedade.

Por fim, uma reflexão sobre experiências de aprendizado que não prescindem do aprender a aprender. A noção de aprendiz se funda na autonomia diante do conteúdo, do assunto, da mensagem formulada que, dialeticamente, se supera em forma e conteúdo numa relação pró-ativa na qual o suporte e a linguagem permitem que o sujeito passe a ser um competente receptor e produtor da informação.

REFERÊNCIAS

BABIN, Pierre e KOULOUMDJIAN, Marie-France. *Os Novos Modos de Compreender a geração do audiovisual e do computador* (título original: *Les Nouveaux modes de comprendre*. Paris: Éditions du Centurion, 1983). Tradução Maria Cecília Oliveira Marques. São Paulo: Paulinas, 1989.

Brasil. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: texto aprovado na Comissão de Educação, Cultura e Desporto*. São Paulo: Cortez: ANDE, 1990.

DUARTE Jr., João Francisco. *Fundamentos estéticos da educação*. Campinas: Papirus, 1988.

FRANCO, Marília S. *Escola audiovisual*. São Paulo: Biblioteca da ECA/USP, 1988. Tese de doutorado.

MORAN, José Manuel. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 7ª ed. Campinas: Papirus, 2003.

PFROMM NETO, Samuel. *Telas que ensinam: mídia e aprendizagem do cinema ao computador*. Campinas: Alínea, 1998.

PRETTO, Nelson. *Uma escola sem/com futuro, educação e multimídia*. São Paulo: Papirus, 2001.

SOUZA. Paulo Nathanael Pereira de. *Como entender e aplicar a nova LDB : lei 9.394/96*. São Paulo: Pioneira, 1997.

WOHLGEMUTH, Julio. *Vídeo Educativo: uma pedagogia audiovisual*. Brasília: Senac, 2005.

BIBLIOGRAFIA

ALFREDO, Alves. *et al. Como fazer um audiovisual*. In: Coleção Fazer. Petrópolis: Vozes, 1987.

ALMEIDA, Cândido Mendes de. *O que é vídeo*. In: Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ALMEIDA, Milton José de. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 1994.

AVELLAR, José Carlos. *Imagem e som, imagem e ação, imaginação*. In: Coleção Cinema. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BABIN, Pierre e KOULOUMDJIAN, Marie-France. *Os Novos Modos de Compreender a geração do audiovisual e do computador* (título original: Les Nouveaux modes de comprendre. Paris: Éditions du Centurion, 1983). Tradução Maria Cecília Oliveira Marques. São Paulo: Paulinas, 1989.

BAIRON, Sérgio. *Multimídia*. São Paulo: Global, 1995.

BERNADET, Jean-Claude. *O que é cinema*. 6ª ed. In: Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BORDENAVE, Juan Diaz e PEREIRA, Adair. *Estratégias de ensino-aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRAGA, José Luiz & CALAZANS, Maria Regina. *Comunicação e Educação: questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

Brasil. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: texto aprovado na Comissão de Educação, Cultura e Desporto*. São Paulo: Cortez: ANDE, 1990.

CARMO, Leonardo. *O cinema do feitiço contra o feiticeiro*. In: OEI - Revista Iberoamericana de Educación. São Paulo, 12 de mar de 1999. Disponível em: www.rioei.org/rie32a04.htm

CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação: a linguagem em movimento*. São Paulo: Editora Senac, 1999.

_____. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1991.

COMPARATO, Doc. *Roteiro - arte e técnica de escrever para cinema e televisão*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983.

CONCEIÇÃO, Angela Cristina Antunes. *Cinema e Literatura*. São Paulo, 05 de dez de 2007.

(www.cidade.usp.br/educar2002/modulo2/alunos/angela.conceicao/0001/tp1_annotacao.html).

COSTA, Antonio. *Compreender o cinema*. São Paulo: Editora Globo, 1989.

COSTA, Cristina. Coord: Adilson Citelli, Ligia Chiappini. *Educação, imagem e mídias*. In: Coleção aprender e ensinar com textos. São Paulo: Cortez, 2005.

COUTO, José Geraldo. Coord. Marllia da Silva Franco, Ricardo Picchiarini; Antonio Rebouças Falcão, Cristina Bruizo. *Cinema: uma introdução à produção cinematográfica*. 2ª ed. In: Lições com cinema. São Paulo: FDE. Diretoria Técnica, 1993.

DONDIS, Donis. A. *Sintaxe da linguagem Visual*. São Paulo: M. Fontes. 1991.

DUARTE Jr., João Francisco. *Fundamentos estéticos da educação*. Campinas: Papirus, 1988.

FRANCO, Marília S. *Escola audiovisual*. São Paulo: Biblioteca da ECA/USP, 1988.
Tese de doutorado.

_____ "A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais". In:
Coletânea Lições com cinema. São Paulo: FDE, 1993.

FERREIRA, Oscar e SILVA JÚNIOR, Plínio. *Recursos audiovisuais no processo ensino-aprendizagem*. São Paulo: EPU, 1986.

FERRÉS, Joan. *Vídeo e Educação*. 2a ed., Porto Alegre: Artes Médicas (atualmente Artmed), 1996.

FERRETI, Celso João. *O filme como elemento de socialização na escola*. São Paulo, FDE, 1992.

GADOTTI, Moacyr. *História das Idéias Pedagógicas*, São Paulo, Editora Ática, 1999.
_____ *A educação contra a educação*. São Paulo, Paz e Terra, 1992.

GARDNER, Howard. *Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas*.
Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

GIACOMANTONIO, Marcello. *O ensino através dos audiovisuais*. Tradução
Danilo Q. Morales e Riccarda Upgar. São Paulo: Summus/ EDUSP, 1981.

GUTIERREZ, Francisco. *A linguagem total - uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1978.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução Carlos Irineu Costa. Rio de Janeiro, 1993.

_____. *O que é virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1997.

MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *Pré-cinemas-Pós-cinemas*. Campinas: Papirus, 1997.

MACKENZIE, Norman. *et al. Arte de ensinar e arte de aprender: introdução aos novos métodos e materiais utilizados no ensino superior*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens - uma história de amor e ódio*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

MARCONDES, Beatriz. MENEZES, Gilda e THOSHIMITSU, Thaís. *Como usar outras linguagens na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2000.

MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MORRONE, Maria Lúcia. *Cinema e educação: a participação da "imagem em movimento" nas diretrizes da educação nacional e nas práticas pedagógicas escolares*. São Paulo: FE/ USP, 1997. Dissertação de mestrado.

MORAN, José Manuel. *O vídeo na sala de aula*. Revista Comunicação & Educação, ECA. São Paulo: Ed. Moderna, 1995.

_____. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 7ª ed. Campinas: Papirus, 2003.

_____. *Como ver televisão: leitura crítica dos meios de comunicação*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

PACHECO, Elza Dias. *Comunicação Educação e Arte na Cultura Infanto-Juvenil*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

PARRA, Nélio. *Metodologia dos recursos audiovisuais*. São Paulo: Saraiva, 1973.

_____ e PARRA, Ivone. *Técnicas audiovisuais de educação*. 5ª ed. São Paulo: Pioneira, 1985.

PFROMM NETO, Samuel. *Telas que ensinam: mídia e aprendizagem do cinema ao computador*. Campinas: Alínea, 1998.

_____. *Tecnologia da educação e da comunicação de massa*. São Paulo: Pioneira, 1976.

PLANQUE, Bernard. *Técnicas audiovisuais de ensino*. São Paulo: Loyola, 1974.

PRETTO, Nelson. *Uma escola sem/com futuro, educação e multimídia*. São Paulo: Papirus, 2001.

ROCHA, Antonio Penalves. *O filme: um recurso didático no ensino de história?*. São Paulo: FDE, 1992.

ROSANA, Regina Catelli. *Cinema e Educação em John Grierson*. São Paulo, 03 de fev. de 2008. Disponível em http:

www.mnemocine.com.br/aruanda/cineduquemgrierson.htm

SAMAIN, Etienne, org. *O Fotográfico: Linguagem e Cultura*. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANCHO, J. M. *Para uma Tecnologia Educacional*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SERRANO, Jonathas e Venancio Filho. *Cinema e educação*. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Sociedade da informação ou da comunicação*. São Paulo: Cidade Nova, 1996.

SOARES, Mariza de Carvalho. *A História vai ao cinema*. São Paulo, Editora Record, 2001.

SOUSA, Mauro Wilton, org. *Sujeito, O Lado Oculto do Receptor*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/Universidade de São Paulo/Brasiliense, 1995.

SOUZA, Paulo Nathanael Pereira de. *Como entender e aplicar a nova LDB : lei 9.394/96*. São Paulo: Pioneira, 1997.

TARKOVISKI, Andrei. *Esculpir o tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TURNER, G. *Cinema como prática social*, São Paulo: Ed. Summus, 1997.

WATTS, Harris. *Direção de Câmera: um manual de técnicas de vídeo e cinema*. São Paulo: Summus, 1999

WOHLGEMUTH, Julio. *Vídeo Educativo: uma pedagogia audiovisual*. Brasília: Senac, 2005

ANEXOS

Anexo 1 – Texto-base para o roteiro de Brésil, Brazil

“Moto Contínuo”

“- Modernité!" Ordem do Imperador DO Brasil; ou melhor, NO Brasil.

Ou, os dois: DO-NO. De um país-capital.

Entre os subúrbios e os cafés da Rua do Ouvidor. Entre o pobre Morro do Livramento e a luxuosa Corte. Cento e cinquenta mil escravos malcheirosos, sob a inexperiente luz a gás. “Coquettes” desfilando sobre o novo calçamento da avenida larga, vestindo a última moda de Paris. Pura lã. Puro afã de trinta e cinco graus! “– Não faça hora! Ponha o fraque e o chapéu! “La Musique” já começou”.

O tempo é indivisível. Mas o Futuro acelera e pede pressa...

“O Navio Negreiro” aportou. À direita: A República. E em caras de presidente, SEM mais grandes beijos de amor, desnudar Azevedo, azedo mel; pálido fel romântico. Azar! “*Por ti morrerei sorrindo!*” O Brasil já era outro...

Nativositalianosjaponesesesapanhoisportuguesesalemaesinglese.

Enxadas e ferramentas na mão. De-obra. E aqui, há uma troca. Em troca de trocados! Quem diria! Quem acreditaria?... Só um Brás Cubas redimido! Não, Gullar! A vida é suja, é dura e, sobretudo, **singular!**

E o trem (Zinho caipira) ao longe só

Cada vez mais veloz,

Não pára.

Paralelo. (x) Duelo.

Contra o tempo, contra o vento, sem lenço e sem documento. Diante; distante dos olhos do ex-escravo e do fazendeiro de café, novo dono da estrada de ferro. Fazendo barulho, legando o entulho, batendo panela. E a bela São Paulo (re) nasce.

No caminho, TINHA uma pedra; não tem mais!

E entre seus Martinelli's ineditamente altos escondiam-se cento e quarenta mil operários. Fabricando e testemunhando os recentes cabos telefônicos. "Trins" harmônicos. E o homem se endereçou: foi à esquina comprar jornal.

Heterogeneidade – Cidade – Liberdade.

Trilogia complexa, perplexa diante a Paulicéia Desvairada, incontrolável, em todas as direções. Inovações ilimitadas tantas quantas pessoas no espaço limitado. Era o futuro, puro, eu juro! E já havia chegado.

"-Rápido. É preciso arrumar a casa, a modernidade ligou!".

Ardilosa,

manhosa,

matreira.

Urbana.

Estranha: cheiro da poluição - "le parfum" do status. Coexistência de classes distintas; tão distantes quanto antes.

Novidade. A NOV(a) idade chegara. Esse era o Brasil do vinte. Dos automóveis e do progresso. Dos Croissants à francesa. Chá das cinco sobre a mesa. Ou Coca-cola para os "boçais"?

STOP! Já gritava Drummond, Paciência...!

Nova era...Mas...quem era? Uma? Nenhuma. Nula. Identidade idêntica à idade.
Busca de uma entidade, um ente da nação. País do Futurismo de Marinetti
passaria sem passado.

O velho elo. Velo-te Meu Brasil

Do presente, que busca no pretérito seu futuro!

Eis a hora da Evolução. Da RE-(e)volução. Do furo na mão!

Herança e rebelião. Juntos na devoração crítica de um passado que nos era “outro”.
Era pouco?

Eram loucos!

“-Canibalizar! Ponha o **sobretudo**. Falemos **sobre nada!!!!**”.

“Ybaka”, “iasy”, “ara” “piá”. “I Jucapirama” para a língua européia.

Ãh? Não entendi!

É **TUPI** – guaraná – guarani. Sem erudição. Natural e
Neológica prestes a se endereçar. Para onde não importa. Desnuda e muda tudo. Põe às
avessas, às pressas! A antiga já está morta. Abre a porta que mais furos virão! FUturo,
FURO tua mão.

Na tela um demônio, no pincel um anjo...

A **B** A poru

Ta **R S I L** a

, em construção. Um futuro inventado... mas... NACIONAL!

“Anita Desvairada?” Vaiada na multidão fechada para o “não”... o sim, o Não...!

Lou-cos li-vres! Louvres, nunca mais!

“Pau-Brasil”. Oswald será o presidente da “China”, *Made in Brazil*.

“- Não será – será – não será – **SERÁ!**”.

ERRAdo seria ERRAdicá-lo. Corre que os Verde-Amarelistas não titubeiam:
AntOLOGIA DA Anta. Que há de mais brasileiro?

Ora, A Nação!

1930, ano da Revolução. O literário é mais intimista, mas também denuncia o social. Prosa. Cor-de-rosa ou radical?

O Nordeste em declínio. Miséria na população. “*Angústia*” de quantas “*Vidas Secas*” que desfilam no sertão. “*O país do Carnaval*” também já produziu “*Cacau*”, com muito “*Suor*” e exploração. “*Alguma poesia*” sempre trás “*O sentimento do Mundo*”.

“- Tom Jobim? Dá o tom pra mim?”. Jaz o Jazz, que a Bossa é nossa!

”*A máquina*” e “*O arquivo*” em exibição. O cinema expandiu:

Hollywood no Brasil!

E o pobre pra assistir? “-Cinco Paus!”.

Angustia das Senhoras de Veludo

“*Rio 40 graus!*”.

Mas, Brasília, o que vai escolher?

De Jango, NADA! ANDA,...

MANDA!

A ditadura não só é dura como também dura 21 anos. Nem ao menos existia usura, apenas punição. Instalou-se a censura, venda obscura para tanta expressão. AI – 5 sem Elis, feliz. Choram “*Marias*” e “*Clarices*”; “*Buarques*” e “*Velôsos*”, nos solos do Brasil... Após,

Paulatina, a b e r t u r a. Tropicalismo, Jovem Guarda que, de tão jovem, ainda vive. Retaguarda.

Questão de Ordem: Mundo Binário:

De um lado

a Coca-cola.

De outro, o Muro.

“- O que acontece lá fora?”.

BUMMMMMMMMMM!

Nascerenasceremorredenasceremorredenascedesmorre....nasce!

Outra nova era. É o que se espera? Quiçá!

Livre comunicação:

Chips – Globalização.

Mas ainda há **pedras** no meio do caminho:

O que é real? Tempo – Espaço Virtual.

Marinetti ou Internet?

Então, se perpetuar já foi o lema, eis o nosso (**novo**) dilema:

Somos cifras ou pessoas?

Qual é nossa identidade? (“Grande” novidade...).

A história é moto contínua e continua.

Mais uma vez, o Futuro acelera e pede pressa.

Um novo ti-ti-ti no país-capital.

Outros tempos. Outros DO – NOS do país tropical.

“- Modernity!”

Anexo 2 – Funções no set de filmagem - Brésil, Brazil

O set de filmagem “Brésil, Brazil” – Diretor de fotografia e cinegrafistas

Função	Responsável	Funções Principais
Diretor de fotografia	Gilmar Piton	Iluminação (intensidade da luz) e efeitos
Operador de câmera	Mário André e Daniel Moraes	Cinegrafista – operação da filmadora
Assistente de câmera e maquinista (eletricista, produção)	Bruno	Montagem do tripé, plataformas, caboman, responsável pela organização dos detalhes da cena.

O set de filmagem “Brésil, Brazil” – Diretores: Geral e de Produção

Função	Responsável	Funções Principais
Diretores gerais	Fabianna, Rachel Marques e Mariana Guidi	Roteiro e construção das cenas
Diretor de produção	Milena Freitas	Supervisor-geral: coordena as atividades de filmagem. Marca datas e horários; fiscaliza cenários e figurino e demais funções do set
Produtores	João Paulo e Fabianna	Escolha do elenco e montagem das cenas que serão filmadas (cenário e ator)
Assistentes de produção	Anna Carolina	Auxiliar do produtor
Técnico de edição e efeitos especiais	Felipe Burgos	Edita e faz a montagem final do filme.

As três primeiras funções acima participam de todas as cenas com camcorder e organizam as cenas com fotos. E precisam ter o roteiro como base para o trabalho. Seguirão as indicações de plano de filmagem e de tempo de gravação.

Tarefa:

1. Ler o material sobre “Técnicas de Filmagem” e anotar dúvidas e questões.
2. Definir, num primeiro momento, os melhores planos para as filmagens das cenas.
3. As cenas que serão gravadas pela camcorder são: 6, 7-8, 9, 10, 11, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 43, 46, 47, 50, 52, 53, 57, 58, 59, 62-63, 65, 67, 70, 71, 74, 75, 78, 85. Total 40 cenas!!!
4. Abaixo estão as indicações do roteiro que devem preencher. Bom trabalho.

O set de filmagem “Brésil, Brazil” – Sonoplastia/ cenário/ maquiador

Função	Responsável	Funções Principais
Técnico de som	Amanda Mariana Guidi	Definir a trilha sonora do curta Operar os gravadores e microfones
Maquiador e cabeleireiro	Muriel	Maquiar os atores de acordo com as indicações da cena
Cenógrafo	Clara Roque Érika Carlos?	Criar, projetar e acompanhar a montagem dos cenários da ação do filme. É importante senso prático e bom gosto conjugados.
Figurista	Priscila Mariagnez Maria Gabriela	Escolhe o vestuário do elenco. Faz a combinação de cores, escolhe os acessórios, enfeites, sapatos de acordo com as indicações do roteiro e da época.

As funções acima serão dos bastidores. O trabalho deve ser cuidadoso para que a caracterização do ambiente da época seja coerente com a história. Devem ter o roteiro como base para o trabalho.

Tarefa:

1. A partir dos dados fornecidos pela produção (quem são os personagens, o que estarão fazendo e onde estarão), devem definir os detalhes das roupas e objetos que estarão nas cenas.
2. Maquiadora e cabeleireira deve anotar que tipo de caracterização será exigida para cada personagem.
3. Técnicos de som deverão definir o som principal e secundário de cada cena.
4. As cenas que serão gravadas pela camcorder são: 6, 7-8, 9, 10, 11, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 43, 46, 47, 50, 52, 53, 57, 58, 59, 62-63, 65, 67, 70, 71, 74, 75, 78, 85. Total 40 cenas!!!
5. Abaixo estão as indicações do roteiro que devem preencher. Bom trabalho.

Anexo 3 – Primeira versão do texto do roteiro - Brésil, Brazil

CENAS

1. Estamos na cidade de São Paulo, capital do Estado de mesmo nome, que fica na região sudeste do Brasil, a 760, 23m de altitude em relação ao nível do mar, mais exatamente na latitude $23^{\circ} 32'51''$ e longitude $46^{\circ} 38'10''$ sul.
2. São Paulo foi fundada 54 anos, após a chegada dos portugueses no Brasil, por dois jesuítas, José de Anchieta e Manuel Nóbrega, no dia 25 de janeiro, e recebeu esse nome em homenagem ao dia do santo católico: São Paulo.
3. Os nativos de São Paulo chamam-se paulistanos.
4. Os paulistanos são descendentes dos imigrantes europeus que vieram para o Brasil durante o século XIX (?).
5. Japoneses, alemães, chineses, italianos, franceses e, é claro, portugueses.
6. Portugueses são pessoas de pele branca, oriundas de um país na Europa chamado: Portugal.
7. Além da pele, existem muitos aspectos que diferenciam um português de um índio. Um deles é a língua.
8. Língua é um órgão oblongo, achatado, musculoso e móvel da cavidade bucal que, dentre outras funções, é responsável pelo paladar, pela deglutição e, no caso dos humanos, pela articulação das palavras.
9. Os primeiros nativos da terra brasileira, há aproximadamente 500 anos, foram os índios.
10. Índios são pessoas de pele vermelha que vivem em comunidades e caçam e pescam para sua subsistência.
11. Índio também é o nome de um elemento químico metálico, branco-prateado, de símbolo IN , família 3^A, cujo número atômico é 49...
12. Aquele homem sentado é Oswald de Andrade. Ele um brasileiro, mas não é índio; nem português.

13. Língua é o código adotado por cada grupo de pessoas para que se estabeleça a comunicação.
14. A língua do índio é o tupi e a do português, é claro, o português.
15. A utilidade de uma língua também está no fato de preservar a cultura . É a língua que garante a identidade a um povo.
16. O planeta Terra conta com cerca de 6.500 línguas diferentes, mas não com 6.500 culturas diferentes. As culturas são descaracterizadas pela imposição da língua de outro país. Isso garante o poder e o domínio cultural.
17. O poder é outra diferença entre um índio e um português.
18. A língua portuguesa foi imposta aos índios no séc XV pelos portugueses.
19. O brasileiro, num primeiro momento, é fruto da mistura entre índios e portugueses
20. Português é a língua que aquele homem está usando para escrever. Ele se chama Oswald de Andrade, como sabem. Oswald é um poeta Moderno.
21. Poetas são pessoas que usam a língua para, além de se comunicarem e preservarem a cultura, como forma de arte.
22. Durante os séculos, o conceito de Arte não foi o mesmo; daí, as diferentes escolas literárias.
23. Uma delas é o Modernismo, escola de Oswald, o homem sentado na mesa. Outra é o parnasianismo, escola de Olavo Bilac.
24. Olavo Bilac também é poeta e brasileiro mas é parnasiano.
25. Parnasiano é um termo da língua portuguesa derivado do francês “Parnasse”, que era o nome do monte onde os poetas se reuniam para louvar o Deus Apolo da mitologia grega.
26. Como vêem, a influência de uma língua na outra é um fato.
27. Parnasianismo é um escola literária do séc XIX no Brasil, originária da França, que retoma a cultura da Grécia e é escrita em Português.
28. Português é a língua que Oswald está usando para escrever o primeiro Manifesto Moderno contra essa descaracterização da cultura brasileira. Ele propõem que voltemos ao tupi que seria a verdadeira língua do Brasil.
29. Tupi era a língua falada pelos índios que foi substituída pelo português, no século XV.

30. O Modernismo é um escola literária do séc XX que busca preservação da cultura brasileira corrompida pela cultura da Europa desde o século XIX e pela crescente industrialização no começo do século.
31. Europa é de onde vieram os portugueses do século XVI que substituíram o tupi pela língua portuguesa.
32. E também é lá que está a França do século XIX que substituíram a língua portuguesa pelo francês e o inglês.

Anexo 4 – Primeira versão do roteiro do vídeo - Brésil, Brazil

BRÉSIL, BRAZIL

1. Estamos na cidade de São Paulo, capital do Estado de mesmo nome, que fica na região sudeste do Brasil, a 760, 23m de altitude em relação ao nível do mar, mais exatamente na latitude 23° 32' 51'' e longitude 46° 38' 10'' sul.
2. São Paulo foi fundada 54 anos após a chegada dos portugueses no Brasil por dois jesuítas, José de Anchieta e Manuel Nóbrega, no dia 25 de janeiro, e recebeu esse nome em homenagem ao dia do santo católico: São Paulo.
 - Foto "São Paulo" - santo
3. Os nativos de São Paulo chamam-se paulistanos; mas,
 - Fotos 3x4 de vários paulistanos por todo da bandeira de SP.
4. Os primeiros nativos da terra brasileira, há aproximadamente 500 anos, foram os índios.
 - Imagem de um índio (em movimento)
5. Índios são pessoas de pele vermelha que vivem em comunidades e caçam e pescam para sua subsistência.
 - Imagem de índios parados (pele) / um tritão / caçando na floresta.
 - Índio em carne e ovo (aluno - personagem)
6. "Índio", aliás, também é o nome de um elemento químico metálico, branco-prateado, de símbolo IN, família 3A, cujo número atômico é 49...
 - Professor ministrando química e mostrando tabela periódica
 - Foto no elemento químico "IN" - índio
7. Os paulistanos são descendentes dos índios, dos negros (africanos) e dos imigrantes que vieram para o Brasil durante o século XIX.
 - Vários personagens representando imigrantes (alunos - atores)
8. Japoneses, alemães, chineses, italianos, franceses e, é claro, portugueses.
 - Gravar um homem/mulher: japonesa; brasileira; chinesa; francesa e português (bigode) - Câmera em deslocamento para a direita para no
9. Portugueses são pessoas de pele branca, predominantemente católicas, oriundas de um país na Europa chamado: Portugal.
 - Foto no português (semem outras pessoas) / camisa bigode / Igreja no fundo - mapa de Portugal
10. Eles foram um dos primeiros a tomar contato com os índios, há aproximadamente 500 anos.
 - Índio e português ao lado
 - Abraça o índio
11. Além da pele, existem muitos aspectos que diferenciam um português de um índio. Um deles é a língua.
 - Os dois mostram as línguas
12. Língua! Um órgão oblongo, achatado, musculoso e móvel da cavidade bucal que, dentre outras funções, é responsável pelo paladar, pela deglutição e, no caso dos humanos, pela articulação das palavras.
 - Imagens científicas; músculo; pessoa comendo, engolindo e falando
13. Palavras são conjuntos de sons articulados (fonemas), de uma ou mais sílabas que têm significação. Através da combinação entre elas é que se estabelece linguagem.
 - Boa point: fonema → sílabas → morfemas → palavra
 - LINGUAGEM

Anexo 5 – Roteiro final “BRÉSIL, BRAZIL”

cena	Imagem	Plano	Efeito	Tempo	Áudio
					Principal Secundário
1	Imagens de muitas pessoas andando Imagens da cidade de São Paulo, do estado, do país (do pequeno para o grande), risco para o mar, aparece a latitude e longitude do lado do mapa.		Trecho do Vídeo “Caras” Imagem de satélite Bandeira de São Paulo Estado de São Paulo Mapa do Brasil Latitude e longitude (PP)		Estamos na cidade de São Paulo, capital do Estado de mesmo nome, que fica na região sudeste do Brasil, a 760, 23m de altitude em relação ao nível do mar, mais exatamente na latitude 23o 32’51’’ e longitude 46o 38’10’’ sul
2	Fotos: Pe. Anchieta e Manuel da Nóbrega, da bandeira de SP E do santo São Paulo		Cena 2 – figuras		São Paulo foi fundada 54 anos após a chegada dos portugueses no Brasil por dois jesuítas, José de Anchieta e Manuel Nóbrega, no dia 25 de janeiro, e recebeu esse nome em homenagem ao dia do santo católico: São Paulo.
3	Fotos 3x4 de 30 pessoas		Fotos 3x4 aparecendo na tela		Os nativos de São Paulo chamam-se paulistanos; mas
4	Foto de um índio (olhando para a frente)		Cena 4 - figuras		Os primeiros nativos da terra brasileira, há aproximadamente 500 anos, foram os índios
5	Imagens de tribos de índios (dançando, pescando, cozinhando...)		Trecho de vídeo		Índios são pessoas de pele vermelha que vivem em comunidades e caçam e pescam para sua subsistência
6	Professor ensinando química, mostrando a tabela periódica	PD	Zoom out : elemento; tabela; professor		“Índio”, aliás, também é o nome de um elemento químico metálico, branco-prateado, de símbolo IN , família 3A, cujo número atômico é 49...
7-8	Homens e mulheres caracterizados como imigrantes	PA	Travelling em semi - circulo		Os paulistanos são descendentes dos índios, dos negros (africanos) e dos imigrantes que vieram para

					o Brasil durante o século XIX. Japoneses, alemães, chineses, italianos, franceses e, é claro, portugueses
9	Foco no português Fotos de uma igreja católica e de Portugal, atrás do português	PP	Zoom in no Português Fotos: Lisboa e Igreja católica		Portugueses são pessoas de pele branca, predominantemente católicas (a mesma religião do santo São Paulo), oriundas de um país na Europa chamado: Portugal.
10	Índio e português ao lado;	PC	Travelling vertical rápido		Eles foram um dos primeiros a tomar contato com os índios, há aproximadamente 500 anos
11	Os dois mostrando a língua	pp	Close -up		Além da pele, existem muitos aspectos que diferenciam um português de um índio. Um deles é a língua.
12	Fotos científicas da língua: músculo, deglutindo e falando Imagens de pessoas comendo, engolindo, falando...		Fotos de línguas (Jorge) Trechos de cenas		Língua! Um órgão oblongo, achatado, musculoso e móvel da cavidade bucal que, dentre outras funções, é responsável pelo paladar, pela deglutição e, no caso dos humanos, pela articulação das palavras
13	Detalhar o processo de formação da palavra “Linguagem”		Exibição PPOINT		Palavras são conjuntos de sons articulados (fonemas), de uma ou mais sílabas que têm significação. Através da combinação entre elas é que se estabelece linguagem.
14	Mapa-múndi aparecendo várias línguas, uma sobre a outra		Mapa-múndi Exibição PPOINT		A linguagem só é possível porque cada grupo de pessoas adota um código comum para se comunicar entre si.
15	Duas pessoas conversando – pára: mostra foto de uma língua – volta nas duas pessoas conversando.	PC	Zoom out e depois zoom in para as pessoas Foto da língua		Esse código comum entre os falantes, assim como o órgão oblongo, achatado, musculoso e móvel da cavidade bucal, também é chamado de “Língua”!

16	Português fala “Como vai?” e índio fala “Como vai?” em tupi	P corte	Em “x” gravar as falas das pessoas		A língua do índio “brasileiro” é o tupi e a do português, é claro, o português
17	Pessoa chega até a mesa e roda o globo; imagens de culturas diferentes	PM	Travelling diagonal a partir dos pés		A língua, além de ser um importante instrumento de comunicação, também é imprescindível para a preservação da cultura de um povo. E é porque esse povo usa uma língua em comum que existe o sentimento de nação. A língua é essencial à identidade de um país
18	Planeta Terra ou mapa com várias setinhas aparecendo sobre os países		ppoint		O planeta Terra conta com cerca de 6.500 línguas diferentes, mas não com 6.500 culturas diferentes. As culturas são descaracterizadas pela imposição da língua de um povo sobre outro. Isso garante o poder e o domínio cultural.
19	Português influenciando o índio (roupas e religião)		Trecho de filme		A língua portuguesa foi imposta aos índios no séc XV pelos portugueses, os quais tentaram subjugar a cultura nativa em detrimento à européia
20	Todos os personagens da cena 7-8 aparecem juntos de mãos dadas.	PM	Câmera alta – detalhe das mãos		Assim, nossa cultura nada mais é do que uma junção de várias culturas: européia, indígena, africana e asiática. Talvez, por isso, se diga que o Brasil tem uma diversidade cultural muito grande...
21	Um homem sentado à mesa, escrevendo. Bandeira de SP	PM PD	Câmera alta atrás, dá uma volta Detalhe mão e foto bandeira		Aquele homem sentado é Oswald de Andrade. Ele não é índio; nem português. É paulistano
22	Oswald levanta e gesticula lendo a poesia...	PA	Travelling vertical , levanta junto com a câmera		Oswald é um poeta
23	Pessoa numa lousa branca organizando palavras	PD	Detalhes nas palavras Zoom out		Poetas são artistas da linguagem...usam a língua não só como instrumento de comunicação, mas como

					matéria-prima artística. Fazem arte com palavras
24	Várias fotos de textos, pinturas, esculturas, construções modernistas.		Fotos de obras de arte		Arte é o nome dado à atividade que supõe criação de sensações ou estado de espírito de caráter estético, carregados de vivência pessoal e profundidade
25	Um quadro barroco, um classicista e um moderno		Fotos de obras de arte		Durante os séculos, a relação do Homem com o mundo foi diferente e isso trouxe como consequência sensações e estados de espírito de caráter estético carregados de vivência pessoal e profundos diferentes também.
26	Mais quadros de várias épocas distintas		Fotos de obras de arte		O contexto e a percepção do mundo mudava e a Arte acompanhava
27	Linha do tempo com as escolas literárias.		Foto das escolas literárias		Daí, as diferentes escolas literárias
28	Aparece a palavra “modernismo” e volta para Oswald sentado	PM	PPOINT Imagem parada		Uma delas é o Modernismo, escola de Oswald, o homem paulistano sentado na mesa escrevendo em português.
29	Aparece a palavra “Cultura Brasileira”		PPOINT		O Modernismo é um escola literária do séc XX que busca em sua essência a preservação da cultura brasileira
30	Oswald abraçando o índio de lado	PC			Para Oswald e para os modernistas, esta cultura brasileira deveria estar muito mais próxima da cultura indígena do que qualquer outra, por ser a primeira e, portanto, a verdadeira cultura brasileira.
31	Português influenciando o índio e fotos de fábricas vão aparecendo na cidade				Para ele, esta “cultura brasileira” foi corrompida pela cultura da Europa desde o início da colonização, acentuando-se com o crescente processo de industrialização no final do século XIX

32	Oswald escrevendo; mostra o papel escrito “Manifesto moderno”	PM PD	Oswald de frente De trás, foco na palavra		Oswald, nesse exato momento, está escrevendo o primeiro Manifesto Moderno contra essa descaracterização da cultura brasileira. Ele propõem que voltemos ao tupi que seria, em tese, a verdadeira língua brasileira
33	Índio falando “Como vai?” em tupi		A mesma cena anterior		Tupi era a língua falada pelos índios
34	Mostra lousa branca com três palavras (tupi, africano e português). Ela pega as palavras, põe num saco em cima da mesa e tira a palavra “português”.	PM	Zoom in nas três palavras, detalhe da mão, abre PM – DETALHE palavra		O Tupi, as línguas africanas e asiáticas e o português são as línguas que formaram o “português brasileiro” até o século XIX
35	Mais tipos de língua na lousa. A pessoa vai pegando e colocando num saco. Pega a palavra “Cultura Francesa”.	PD	VEZES 2 (FF) e foco na palavra		Nesse momento, outras línguas e culturas se incorporaram à sociedade brasileira como, por exemplo, a cultura francesa.
36	Torre Eiffel ; aparece a palavra “parnasianismo” Depois da palavra “parnasianismo”, volta a imagem para Oswald sentado		Torre Ppoint A mesma imagem de Oswald sentado		França é, dentre outras coisas, o país - origem do parnasianismo, a escola literária anterior ao modernismo de Oswald
37	Parnasianismo – Parnasse – foto de Apolo Livro fechando saindo pó. Capa: mitologia grega	PD	Foto Apolo Começa na mesma altura e sobre: de cima fecha o livro		Parnasianismo é um termo da língua portuguesa derivado do francês “Parnasse”, que era o nome do monte onde os poetas se reuniam para louvar o Deus Apolo da mitologia grega.
38	Oswald fazendo gestos de confirmação. Roupas quentes no sol e pessoas tomando chá...	PC	TOMANDO CHÁ		Como vêem, Oswald tinha razão: não havia nada de brasileiro...
39	Imagem da Família Real embarcando para o Brasil		FOTO – IMAGENS		A influência francesa no Brasil começou com a vinda da Família Real portuguesa ao Brasil, no século XIX, no meio de uma crise política e econômica na Europa

40	Imagens de modernidade (automóveis, fábricas, telefone...)		Trechos de filmes		O advento da Revolução Industrial na Inglaterra promoveu a substituição do comércio pela indústria e a aceleração da modernidade
41	Três pessoas representando a “Liberdade” “Fraternidade” e “Igualdade”; Rei desdenhando e mostra um francês e um inglês unidos	PM PP	Travelling horizontal rápido Rei e inglês - detalhe		Isso, somado à projeção dos princípios liberais da Revolução Francesa, criou uma situação desconfortável para Portugal: era um país dependente e monárquico ao lado de duas potências em busca do desenvolvimento capitalista.
42	Desenhinho de um barco chegando em SP e mudando a rota para o Rio.		Foto região sudeste ppoint		E no dia 29 de novembro de 1807, a frota composta por 15 navios da esquadra real, aportou no Brasil e se instalou não em São Paulo, mas no Rio de Janeiro
43	Rei português bate o cajado no chão	PD	Câmera baixa		O Brasil, até então colônia, tornou-se assim, sede oficial do governo português
44	Mapa das capitanias hereditárias. Fazer aparecer uma coroa em SP e depois no RJ		Cena 44 -imagens		O Rio de Janeiro surgiu quando, em 1534, D.João III, rei de Portugal, dividiu o Brasil em capitanias hereditárias, dois lotes foram doados a Martim Afonso de Sousa. O primeiro, que não foi colonizado, reverteu à Coroa, com o nome de Capitania do Rio de Janeiro. O segundo desenvolveu-se com o nome de São Vicente.
45	Antes e depois da Baía da Guanabara. Foto de São Sebastião		Cena 45 - imagens		O nome “Rio de Janeiro” deve-se à primeira expedição portuguesa que veio explorar a costa brasileira e que, ao entrar na barra da Baía de Guanabara, confundiu-a com a foz de um grande rio, chamando-a de Rio de Janeiro. Este nome, desde então, passou a designar as terras que ficavam em torno daquela baía. São Sebastião do Rio de Janeiro em homenagem ao rei-menino de Portugal D. Sebastião e ao santo do

					mesmo nome, que se tornou o padroeiro da cidade
46	Foto do santo São Paulo. Pessoa fazendo o sinal da cruz em sinal de respeito aos santos	PM	Foto do santo De lado, olha para a câmara		São Sebastião, assim como São Paulo, é um santo católico
47	Homem abrindo o jornal : Le Monde	PA	Câmera baixa – foco no nome		Os nativos do Rio de Janeiro chamam-se cariocas; um termo carioca - cari=branco + oca=casa , ou seja, casa de branco, é uma alusão a casa de pedra mandada erguer por Gonçalo Coelho, na expedição portuguesa de 1503, o primeiro desembarque de europeus em terra do Rio de Janeiro
48	Imagens de modernidade (bonde, automóveis...)		Cena 48 - imagens		Trezentos anos depois, chega a Família Real portuguesa. A Corte trouxe com ela, além das 15 mil pessoas, uma concepção de progresso: a evolução dos transportes coletivos (o trem e o bonde assinalaram o desenvolvimento dos subúrbios e dos novos bairros residenciais); A iluminação a gás, a partir de 1854, depois a implantação da eletricidade; as comunicações, com muitas introduções de novos processos, como o telégrafo, o correio domiciliar, o telefone... e , claro, a cultura européia
49	Fotos de biblioteca, do museu, de livrarias com atrações francesas		Cena 48 - imagens		Instauram-se museus, teatros, bibliotecas – ícones da promoção da arte e da cultura...da Europa
50	Duas pessoas se encontram e um fala: Bom Jour, madamme...	PA PM	Câmera cruzada		Mudam-se os costumes, o modo de vestir e, principalmente, fala-se francês
51	Palavra “parnasianismo”		ppoint		A capital do Brasil tornou-se, então, um reduto da divulgação da cultura francesa que, na literatura, é representada pelo

					parnasianismo.
52	Palavras na lousa sendo mudadas Rolar um poema de Bilac na tela	PD	Veze 2 (ff) Ppoint - poema		Parnasianismo é a escola literária anterior ao modernismo, que se pautava em princípios estéticos europeus e que era alvo das críticas dos modernistas
53	Oswald falando: - “Ordem e progresso pra quê?”	PD	Escrevendo, olha p/ câmara e diz:		(fala de Oswald) - “Ordem e Progresso”, pra quê?
54	Explicação de positivismo – power point		ppoint		O termo “Ordem e Progresso” foi extraído da fórmula máxima do Positivismo: "O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim", que se decompõe em duas divisas usuais - Uma moral, 'Viver para outrém' (altruísmo - termo criado por Comte), ou seja, por o interesse alheio acima de seu próprio interesse, e outra estética, 'Ordem e Progresso', ou seja, cada coisa em seu devido lugar para a perfeita orientação ética da vida social.
55	Faixa branca da bandeira e depois a bandeira toda.		Ppoint Bandeira Brasil		Essa é a inscrição da faixa branca que atravessa a bandeira nacional brasileira. A bandeira, assim como a língua, é também um símbolo da identidade de um país.
56	Fotos de bandeiras nacionais antigas		Cena 56 - imagens		Em 13 de maio de 1816, o Brasil teve sua primeira bandeira nacional. E outras depois... Mas...a quinta e última bandeira do Brasil veio com a Proclamação da República
57	Foto de D. Pedro I com a bandeira, assinando um livro	PD	Cena 57 – d. Pedro. ROSTO E MÃO		Foi instituída pelo decreto 4, artigo 1º de 19 de novembro de 1889 da Constituição Federal
58	Olavo Bilac sentado pensando. Ao lado dele bandeiras do RJ e	PM	ZOOM OUT		Este homem é Olavo Bilac. Ele não é de São Paulo; é do Rio de Janeiro, cidade sede

	SP				do governo português no século XIX. Ele escreveu o Hino à Bandeira
59	Olavo lê seu poema e gesticula também	PM	Câmera acompanha - travelling		Olavo também é poeta, assim como Oswald
60	Palavra “Parnasianismo”, rolar o hino à bandeira e a palavra “Europa”		Ppoint, letra do hino da bandeira		Olavo Bilac é o principal poeta do parnasianismo. E assim como o autor, O hino ao maior símbolo de soberania do Brasil é poema parnasiano; e, portanto, segue princípios estéticos europeus Som do hino ...
61	Cenas em movimento : de modernidade Palavra “parnasianismo”.		Trechos de filmes ppoint		E o verdadeiro “progresso” para século XIX era sinônimo de modernidade e modernidade era sinônimo de cultura européia. Cultura européia na literatura é sinônimo de parnasianismo
62 - 63	Olavo senta e Oswald começa o manifesto (leitura)	PM PD PP	Várias posições diferentes para a câmera		Parnasianismo é e escola literária com que Oswald está combatendo em seu manifesto: Leitura do manifesto
64	Quadros modernistas e poesias da 1ª fase rolando na tela		Quadros e encarte da semana		Após 1922, os efeitos deste manifesto foram concretos na arte do Brasil.
65	Vários artistas de aproximando de Oswald	PM PG	MESMA ALTURA , LUGARES DIFERENTES. CÂMERA SUBJETIVA		E, a partir da década de 1920, seguindo os passos de Oswald, surgem artistas que tentam combater essa influência européia no Brasil. Os poetas que se seguiram tiveram a preocupação de perpetuar os objetivos nacionalistas da Semana de Arte Moderna.
66	Fotos dos poetas		Fotos dos poetas		Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Drummond, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Jorge Amado, Érico Veríssimo, José Américo de Almeida,

					Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, José Lins do Rego, João Cabral de Mello Neto...
67	Livro de história do Brasil em branco (folhear)	PD	MÃO se aproximando e livro fechando		Historiadores de um Brasil sem história brasileira...esforços quase vãos...
68	Mapa do Brasil, cheio de bandeiras espetadas		Ppoint: mapa com alfinetes. Cena 68		Ontem e Hoje, dominado. Por europeus desde o século XV impondo sua cultura, povoando cidades, influenciando a arte, os costumes, impondo sua língua
69	Propaganda: scanner – país sendo “chupado” pelo Tio Sam.		Tio sam		E por americanos, que no século XX, por causa da influência econômica, make sure that Brazil belongs to them
70	Faixas com inscrições americanas	PD	Flashs nos nomes dos lugares		Faixas (inscrições americanas): som!!!!
71	Oswald volta a falar...	PM	Câmera baixa , câmara alta e mesma altura		Fala de Oswald
72	Palavras em tupi e em português		ppoint		Do Tupi ao Português, do Francês ao Inglês...
73	Palavras: “modernité”, modernity e modernidade		ppoint		Modernidade, Modernité ou Modernity?
74	Pessoas saindo de lojas no shopping e comendo no Mc	PG PD	TRAVELLING E CLOSE NOS NOMES		That’s the American way of life.
75	Tira o guaraná da mesa e bota a Coca no lugar dele	PD	Troca as garrafas, câmara meio baixa		Do guaraná à Coca-Cola
76	Uma Carmem Miranda e uma Merlin Moroe		trechos		De Carmem Miranda a Marilyn Monroe.
77	Um Tom Jobim e um Elvis		trechos		De Tom Jobim a Elvis Presley.
78	Jeans, jaqueta e gel no cabelo	PA	Travelling vertical Passa gel olhando		Jeans, jaquetas de couro, lambretas, essa é a nossa juventude transviada.

		PD	no espelho		Roberto Carlos ou James Dean? Que tal ambos?
79	Ronaldinho com as duas camisas da seleção (Madrid e Brasil)		fotos		O Brasil brasileiro? Ou o Brasil de importação?
80	Imagens de FHC, LULA, MST, conflitos atuais		Cena 80/83		Seria, finalmente, o Brasil moderno? Moderno de chumbo, de sangue...?
81	Chico Buarque dando declaração		trechos		Deixa a banda passar, diriam uns;
82	Caetano cantando		trechos		Ou vamos negar tudo? Vamos tropicalizar! A “Revolução Caraíba”: O Brasil para o Brasil. Vamos caminhar contra o vento? Mas...sem documento
83	Imagens históricas do Brasil em 64,75,80,85,90,95...		Cena 83		Abertura, anistia, redemocratização, recessão. Que país é esse?
84	Muro de Berlim caindo; rappers, hip hoppers; funkeiros; imagens de artistas atuais		trechos		Cai o Muro: globalização, neoliberalismo e mais americanização. Na periferia, do rap nova-iorquino, ao hip hop paulistano e ao funk carioca. Na elite, de New Kids, Backstreet Boys, Five, Shakira a Kelly k, Sandy e Wanessa Camargo.
85	Oswald fala para a câmera; tupi or not tupi,...	PM PD	Olha para o lado E diz:		Tupi or not tupi, that is the question!

Anexo 6 – Controle de captação de imagens – Brésil, Brazil

ROTEIRO CURTA-METRAGEM - "BRÉSIL, BRAZIL"		
cena	Imagem de computador – data show	responsável
1	Imagens da cidade de São Paulo, do estado, do país (do pequeno para o grande), risco para o mar, aparece a latitude e longitude do lado do mapa.	Quidi falta power point (lat+long) ⊗
2	Fotos: Pe. Anchieta e Manuel da Nóbrega, da bandeira de SP E do santo São Paulo	Bruno ok
3	Fotos 3x4 de 30 pessoas	!! 5ª.
4	Foto de um índio (olhando para a frente)	Eduar ok
9	Fotos de uma igreja católica e de Portugal, atrás do português	Fábio ok
12	Fotos científicas da língua: músculo, deglutindo e falando	Tiago livro forja !!
13	Detalhar o processo de formação da palavra "Linguagem"	POWER POINT ⊗
14	Mapa-múndi aparecendo várias línguas, uma sobre a outra	Ana Tiago POWER POINT ⊗ MARCIA
15	Foto de uma língua	Tiago !!
16	Planeta Terra ou mapa com várias setinhas aparecendo sobre os países.	PLANETA TERRA !! ou MAPA-MUNDO POWER POINT
21	Bandeira de SP	ok
24	Várias fotos de textos, pinturas, esculturas, construções modernistas.	Valéria APARECE ou mais !!
25	Um quadro barroco, um classicista e um moderno	maria mais !!
26	Mais quadros de várias épocas distintas	maria !!
27	Linha do tempo com as escolas literárias.	lesquien! !!
28	Aparece a palavra "modernismo"	POWER POINT ⊗
29	Aparece a palavra "Cultura Brasileira"	POWER POINT ⊗
31	Fotos de fábricas vão aparecendo na cidade	FRANCO ok

Anexo 7 – Decupagem e distribuição de dias de filmagem - Brésil, Brazil

ROTEIRO CURTA-METRAGEM - "BRÉSIL, BRAZIL"

Dia 1

7-8	Homens e mulheres caracterizados como imigrantes	ok	
9	Foco no português	ok	
10	Índio e português	ok	
11	Os dois mostrando a língua	ok	
16	Português fala "Como vai?" e índio fala "Como vai?" em tupi	ok	
20	Todos os personagens da cena 7-8 aparecem juntos de mãos dadas.	ok	
30	Oswald abraçando o índio de lado	ok	

ROTEIRO CURTA-METRAGEM - "BRÉSIL, BRAZIL"

Dia 2

6	Professor ensinando química, mostrando a tabela periódica	ok	
12	Imagens de pessoas comendo, engolindo, falando...	ok	
15	Dois pessoas conversando – pára: mostra foto de uma língua – volta nas duas pessoas conversando.	ok	
17	Pessoa chega até a mesa e roda o globo; imagens de culturas diferentes	ok	
23	Pessoa numa lousa branca organizando palavras não usar.	—	} usar palavras na tela apenas
34	Mostra lousa branca com três palavras (tupi, africano e português). Ela pega as palavras, põe num saco em cima da mesa e tira a palavra "português".	—	
35	Mais tipos de língua na lousa. A pessoa vai pegando e colocando num saco. Pega a palavra "Cultura Francesa".	—	
37	Livro fechando saindo pó. Capa: mitologia grega	ok	
46	Pessoa fazendo o sinal da cruz em sinal de respeito aos santos	ok	
47	Homem abrindo o jornal : Le Monde	ok	
50	Dois pessoas se encontram e um fala: Bon Jour, madamme... não	—	
52	Palavras na lousa sendo mudadas. não	—	

Anexo 8 – Divulgação - Brésil, Brazil



Anexo 9 – Divulgação na mídia - Brésil, Brazil

CADERNO
CORREIO POPULAR
CAMPINAS, QUINTA-FEIRA, 11 DE SETEMBRO DE 2003

Curta-metragem é lançado no Sesc

ADRIANO GIACHINI
Do Correio Popular
correio@spopular.com.br

Produzido em Campinas, durante uma oficina com alunos do ensino médio do colégio Ave Maria, o curta-metragem *Brésil, Brasil - Afinal, Quem Somos Nós?* será exibido hoje, pela primeira vez ao público, às 20h30, no Teatro do Sesc. A estréia oficial aconteceu em julho, durante a 10ª *Semana Cultural Ave Maria*, somente para estudantes e funcionários.

Com 15 minutos de duração, o vídeo conta a história do Brasil através das mudanças na língua portuguesa. Segundo a professora Fabianna Miranda, coordenadora do projeto (ao lado do também professor, João Paulo Hidalgo), o roteiro foi desenvolvi-

do com base em um texto criado pelos alunos no ano passado para participar de um concurso que tinha como tema *A Modernidade e as Transformações do Século XX*. "Eles chegaram à conclusão, através dele, que o nosso País não tem identidade e que isso pode ser visto, principalmente, através do nosso vocabulário", explica.

Todo o processo de produção foi feito pelos alunos que participaram, inclusive, da gravação e edição de cenas. De acordo com a professora, foi feita uma intensa pesquisa para resgatar palavras que hoje não são mais utilizadas. Ela lembra que foram fundamentais no processo recortes antigos de matérias publicadas no *Correio Popular*. "Através do jornal ficou mais fácil analisar, por exemplo, a influência de outros idiomas no nosso".

Brésil, Brasil tem pretensões pedagógicas e acredita a professora, pode ser utilizado em escolas públicas e particulares da região para que se conheça mais da história do país. O modo de filmagem, analisa, é semelhante ao utilizado no curta

Ilha dos Flores (estréia de Jorge Furtado, diretor do longa *O Homem Que Copiava*), devido a soma de idéias. "Porque um assunto puxa o outro", explica. O curta está inscrito em diversos festivais do País, entre eles, o Festival Amazonas Filmes, Curta Brasil.

Brésil, Brasil - Afinal, Quem Somos Nós?
- Exibição do curta, hoje, às 20h30, no teatro do Sesc Campinas (Rua Dom José I, 270, Bonfim). Entrada franca.

Fabianna Miranda, coordenadora do projeto: "Eles (os alunos) chegaram à conclusão que o nosso País não tem identidade"

Anexo 10 - Exemplo de atividade da apostila teórica – Pobre Vila Rica

Atividades

Após a leitura atenta do texto, faça os seguintes trabalhos:

1. Trace uma linha do tempo que tenha início no final do século XVII e fim no início do século XIX, e contextualize os eventos contidos no texto.
 - a. Insira nela todas as referências temporais citadas pelo texto – com legenda
 - b. Complete-a, também, com fatos históricos externos a ele.

2. Construa uma tabela – dividida em quatro colunas (“quem”, “quando”, “onde”, “porque”) e organize os dados do texto.
 - a. Insira nela todas as referências de nome e local citadas pelo texto
 - b. Tente completar as quatro colunas, e se não for possível de imediato, faça um levantamento das suas dúvidas e as encaminhe ao professor.
 - c. Qual é a posição de Vieira em relação à escravidão? Com quais argumentos ele consegue defender a sua opinião?
 - d. Segundo Vieira, por que as minas causam mais ruína que riqueza?
 - e. Explique a expressão: “o que se tira do Brasil, tira-se do Brasil”
 - f. Identifique elementos no texto que nos permitam reconhecer a tensão nas relações colônia x metrópole.

3. Com o objetivo de aumentar o campo de estudo, apresente uma lista com os assuntos relacionados ao tema (mais abrangentes ou mais particulares) que possam ser trabalhados previamente à viagem.
 - a. Insira nela, todas as referências do texto
 - b. Sugira assuntos não citados – mas que tenham relação com o tema
 - c. Após reunidas as informações anteriores, pesquise – em grupo – sobre um dos assuntos levantados a presente o trabalho por escrito e oralmente (texto e seminário)
 - d. Crie 3 questões dissertativas e dois testes sobre o assunto pesquisado
 - e. Após o seminário, proponha as questões para o restante da classe e avalie seus conhecimentos.

4. A partir das leituras feitas em casa e em aula, faça um levantamento das imagens que precisam ser coletadas para o documentário em vídeo (paradas e em movimento)
Construa uma tabela – 2 colunas – na qual você indique o que é necessário captar e como será feita a coleta (figura JPG, vídeo, foto, scanner de foto...)

Anexo 11 – Transcrição das fitas - NÓS

Transcrição Fita – 2

Ônibus andando
Índio
Sol no Planalto

A) Palestra

Reeleição do Lula
Sociedade se organiza para reclamar direitos
A mudança depende da ação da sociedade
No governo Collor, faziam o que queriam: impeachment
Rap Rude – playboy
Melhor do Brasil é o Brasileiro

O problema existe há muito tempo
Cpi- oportunidade de mudança
Limpeza :
sei pelo jornal – não sei
A imprensa erra 99% das vezes
Repórter: mediador : a informação passa pelo seu filtro
Visões diferentes
Quanto mais desinformada a sociedade melhor
Lula é a figura do brasileiro: a gente se viu lá em cima
Quedas são naturais: l o que fez as pessoas desacreditarem?

Comunica-se mal tudo o que se faz no governo
Governos vão e vêm: o Estado fica
Governo se aproveita do Estado: sou funcionário do Estado
O estado somos nós: legislativo Judiciário nação
3 poderes: poder de fazer algo

B) Pedro Simon

Jovens : Vão se tomar pais e mães
O Brasil tem condições
Elites x povo: por isso não acontece mudança
Eleição do lula: campanha do bem – o lula tem história
3. tempo do gov. FHC: FMI está mais constante
Ouvir o povo para fazer transformação
Tempo para o coletivo: o coletivo sou eu tb!
Jovens: futuro ou presente
Vereadores 22 anos: pureza da intenção
Brasil: segundo no raking de injustiça social
Deixem parte para o coletivo
Papel unitário do cidadão

Hierarquia : senadores deputados
Oligarquia café com leite
Ditadura
GVARGAS
JÂNIO
GOLPE 64
JK

(entram Heloísa e Suplicy) : cpi : número de votos

direitos de todos os cidadãos: 3 a 4 anos se desen
cérebro
O Brasil é pra mim tb

Comecei a fazer política na idade de vocês
Sou viciado em política
Faço a minha parte
Voto obrigatório
Política no Brasil é uma vergonha

C) Heloisa Helena

Ética: é ter vergonha na cara e amor no coração
0, 05% detem 40% da riqueza
o governo gasta mais da metade do orçamento pút
juros: saem do orçamento público
Explicação da dívida pública

Empresarial: lucro – repassa para a mercadoria e d
Amoral: política econômica no Brasil
Dilinqüentes de luxo
Carga tributária maior que o salário
32% de imposto

acesso ao conhecimento
combater interesses particulares
expulsão do partido
História com Lula
Reforma da previdência
Fmi

O que é o Estado?

Transcrição Fita – 3

Ruas – flanelinha.
Índio.
Manifestação.
Igreja.
Memorial JK

Itamaraty
Torre de tv
China

Anexo 12 – Gravações em câmera – NÓS

Gravações em câmera – etapas de filmagem	
Etapa 1: Entrevistas historiador/ cientista social/ sociólogo	
	Mais de um profissional – cortes nas falas entre os entrevistados
④	Entrevista – cont (Fim da ditadura e expectativas – pontos positivos: participação popular)
①	Imagem líderes igreja/ bairro / comunidades * Mãe (vinda / ouca)
④	Entrevista com um cientista social "Com o ritmo de vida imposto para a sobrevivência diária de boa parte da população não se vê interesse na participação; os escândalos que aparecem todos os dias tiram a credibilidade da classe política; não há a tentativa de inclusão das pessoas na vida do país".
	Discorrer sobre a participação política atual do povo brasileiro.
Etapa 2: externas	
	<ul style="list-style-type: none"> • muito além é difícil? • repetição? • infra-estrut. escola
	<ul style="list-style-type: none"> • entender? • o que se aprendeu? muito? • E se lembra algo do ano passado?
①	Entrevistas sobre a escola (classes sócias diferentes)
	Escola estadual (2)
	Entrevistas Professores (escola particular e pública)
	5 professores <i>para do aluno / maiores difícil?</i>
②	Imagens escritório
	Ecc /
②	Imagens fila desemprego
	centro
	Restaurantes — ③ <i>Salvador / MC / ricos</i>
	Fridays / Montana/ galleria / mc...
②	Entrevistas: Você entende de política? (perguntas de política do Brasil)
	Centro / escolas estaduais
②	Entrevista: O Brasil é um país democrático ? por quê?
	Centro / escolas estaduais , galleria
③	Entrevista: Qual o papel do cidadão?
	Centro / escolas estaduais galleria
②	Entrevista: Diante de tantas desigualdades, violência e corrupção, onde está a democracia no Brasil?
	Centro / escolas estaduais galleria
②	Entrevista: pessoa falando de política (sem saber)
	Centro / escolas estaduais galleria
②	Pedestre olhando manchetes banca de jornal
	centro
②	Cenas de propaganda política
	Postes muros - carro
②	Entrevistas: "uma palavra: defina 'política'!"
	Centro / escolas estaduais , galleria
②	Entrevistas: (o que vc fez para ter esse remédio grátis...)
	Farmácia popular / postinho de saúde
②	Imagem povo nas ruas, andando
	Centro / shopping
Etapa 3 : ação – personagens - cenários	
⑤	Folhas ao vento
	Ventilador + folhas de papel
⑤	Depoimentos de alunos sobre a questão.
	Preparar textos das falas – revisar
⑤	Ler com a câmera: texto da declaração dos direitos do Homem.
	Conseguir um livro que contenha esse texto para usar na gravação.
	Pilha de jornais com manchetes de corrupção. (jogar um em cima do outro)
	Reunir jornais com manchetes de corrupção
⑤	Folhear a Constituição
	Conseguir um livro da constituição brasileira
⑥	Imagem povo nas ruas, andando
⑥	Cenas de propaganda política
①	Imagem aluno estudando

Seg

Terc

Qua

Qui

Sex

* cientista social
(à noite)

* Escola mãe
* ecc à tarde
↳ (fundado)
↳ professores.

Anexo 13 - Roteiro final - NÓS

NARRAÇÃO	IMAGEM	SOBRESCRITO IMAGEM	TRILHA SONORA
	Blecaute (fundo preto)		Sons ditadura – repressão Pessoas correndo/ gritando
	Flash’s fotos - repressão	“BRASIL - REGIME MILITAR”	
	Entrevista (Ditadura – censura – repressão)		
O país assistiu à supressão dos direitos constitucionais e uma forte censura da imprensa e a intensificação da luta armada nas cidades e no campo em busca da derrubada do governo.		(Estatísticas do regime: número de mortos, de partidos extintos, de jornais censurados)	
	Entrevista (Fim da ditadura e expectativas – pontos positivos: participação popular)	(Estatísticas do pós-regime: i liberdade imprensa, fim da censura músicas	

<p>O cenário é a Praça da Sé, centro da cidade de São Paulo. O Brasil ansiava pela democratização e pelas eleições diretas. Movimentos se espalhavam por todo país, mas a campanha das diretas somente conquista as ruas depois do histórico comício de 25 de janeiro.</p>	<p>Multidão – Movimento Diretas-já (VHS)</p>		
<p>A eleição de Tancredo Neves para a Presidência marca o fim do Regime Militar e o início da Redemocratização do país. E foi por isso que, apesar de indireta, sua escolha foi recebida com entusiasmo pela maioria dos brasileiros. Tancredo não chega a assumir o cargo. A Presidência é ocupada pelo vice, José Sarney. Em 1989, pela primeira vez após 29 anos, o país vai às urnas para eleger um presidente por voto direto.</p>	<p>Foto Tancredo Neves Foto aclamação da população Foto Velório Foto de uma urna de eleição Foto Sarney Foto constituição (sobreposta à anterior)</p> <p style="text-align: center;"><u>Folhear a Constituição</u></p>	<p>O voto direto Constituição de 1988</p>	
<p>Fernando Collor de Mello ganha as eleições, assume a Presidência em janeiro de 1990 e é afastado pelo Congresso em 1992 num processo de impeachment até então inédito.</p>	<p>Foto Collor Foto Caras-Pintadas</p>	<p>Impedimento de um presidente</p>	

<p>Em seu lugar assume o vice-presidente Itamar Franco, em 29 de setembro de 1992. Governa interinamente até 29 de dezembro e, a partir daí, em caráter definitivo, até as eleições de 1994. O terceiro presidente, Fernando Henrique Cardoso, foi eleito em 1994 e reeleito em 1998. Fernando Henrique cumpriu dois mandatos e transmitiu, democraticamente, a faixa presidencial ao seu sucessor em <u>1º de janeiro de 2003</u>.</p>	<p>Foto Itamar</p> <p>Foto FHC (ao lado)</p> <p>Fotos de notas de real</p> <p>Foto Lula (ao lado)/ depois zoom ao centro do plano</p>	<p>Escolhas</p>	
<p>Assume a presidência <u>Luiz Inácio Lula da Silva</u>, depois de perder 3 eleições. Foi o primeiro presidente originário das classes populares (ex-torneiro mecânico, sindicalista, foi migrante durante a infância, e passou fome). Os dois primeiros anos do governo Lula foram marcados pela busca da governabilidade com o equilíbrio econômico e fiscal para diminuir a miséria e a fome do país.</p>	<p>Fotos lado a lado de Lula nas eleições anteriores</p> <p>Fotos Lula (antes da presidência e candidaturas)</p>		
<p>Momentos mais democráticos, outros menos.</p>	<p>Imagem de vitórias populares e de perseguições políticas - Tela Dividida</p>		
<p>Brasília foi o palco dessa história política</p>	<p>Congresso</p>		

<p>Sua construção , durante o governo de Juscelino Kubisheck expressava o ideal utópico de progresso de modernidade. O projeto desenvolvimentista de JK era fruto de uma campanha social pautada pelo otimismo e pelo projeto de integração e de planificação da ordem nacional</p>	<p>Fotos Construção Imagens trabalhadores (VHS)</p>		
<p>Brasília foi inaugurada em 1960 sob a égide da democracia, do populismo, do nacionalismo. Sob o lema da participação popular. Mas acabou tendo que sediar decisões autoritárias, o fechamento do congresso nacional, cassação de direitos políticos e perseguição e tortura das pessoas contrárias ao regime.</p>	<p>Fotos de presidentes do Regime (zoom out) Imagens repressão (VHS)</p>		
<p>Contudo, parece que a conquista da democracia para um povo que viveu muitos anos sob o controle do regime militar, não representa um grande valor.</p>	<p>Imagem povo nas ruas, andando</p>		
<p>Durante os últimos 50 anos, experimentando tanto a ditadura quanto a democracia, o país cresceu.</p>	<p>Entrevistas: Brasília (pró-governo)</p>	<p>(Dados desigualdade)</p>	
<p>O Brasil encontra-se entre as dez maiores economias do mundo, contudo ocupa a 66ª posição no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). (Dados sobre desigualdade)*****☺</p>	<p>Fotos : Propagandas do governo Federal (pra aprender...pra isso não tem hora...)</p>	<p>(dados de crescimento)</p>	

É um país riquíssimo ...entretanto tem um sério problema de distribuição dessa riqueza	Fotos pobreza		
Uns estudam, outros não. Nas escolas, parte significativa dos alunos do segundo grau não conseguem entender um simples e pequeno texto, e, por vezes, têm sérias dificuldades para escrever o próprio nome.	<u>Imagem aluno estudando</u> Foto menores nos semáforos Entrevistas sobre a escola (classes sócias diferentes) Entrevistas Professores (escola particular e pública)	Dados escola pública Dados sucesso no vestibular Dados intercalados Salários – diferença (intercalado)	
Alguns trabalham, alguns não (entrevistas)	Imagens escritório <i>IMAGENS FILA DESEMPREGO</i>	Dados mercado de trabalho	
Muitos moram, muitos não.	Fotos mansões Fotos favelas	Número casas/ número de habitantes SP	
Quase todos comem e vários não.	Fotos mendigos / lixão <u>Restaurantes</u>	Dados fome	
Um povo desacreditado. Que não se vê na política. Não se vê parte do Estado. E que por isso escolheu, na última eleição, alguém que se mostrava diferente. Como um representante das classes menos favorecidas. Da grande massa da população.	Fotos Rostos povo Fotos posse do Lula		

Entretanto, desde Abertura política e, com ela, a promessa de um país democrático, poucas foram as mudanças: um número ínfimo de beneficiados e a maioria do povo relegada, sem escolas, sem moradia, sem lazer e até mesmo sem comida. Sem condições mínimas de ser politizado.			
	Entrevistas: Você entende de política? (perguntas de política do Brasil)		
Nesse país, o voto obrigatório acaba sendo a única via de acesso do povo ao poder.	<i>Cartaz do “VOTA BRAZIL!”</i>	Lula foi eleito com mais de 60% dos votos	
O voto é, sim, um importante instrumento democrático. Mas não deveria ser o único meio de participação política do brasileiro.			
	Heloísa e Márcia Lopes (trechos) – discursos diferentes		
Política é debate, conflito, troca, participação	<u>Debate no senado</u>		
Mas como pensar em política num país onde a maioria não tem conhecimento e muitos nem condições de tê-lo?			
	Entrevista: O Brasil é um país democrático ? por quê?		

	Entrevista: Qual o papel do cidadão?		
	Entrevista: Diante de tantas desigualdades, violência e corrupção, onde está a democracia no Brasil?		
Numa Democracia o povo tem o poder de votar e escolher representantes incumbidos de tomar decisões para o bem-comum	Fotos de sujeira de eleição, papéis na rua, postes...	Dados \$ com limpeza urbana em eleições	
A democracia tem como "regra do jogo" o exercício público do poder comum. Daí a importância da <i>transparência</i> das ações.	Pilha de jornais com manchetes de corrupção. (jogar um em cima do outro)		
Isso porque a democracia se baseia no princípio da confiança e da boa-fé e ela perde seu caráter mais importante quando a esfera do público perde transparência e se vê permeada pelo <i>segredo</i> e pela <i>mentira</i> , que é o que ocorre quando a palavra esconde e <i>engana</i> , ao invés de <i>revelar</i> .	<u>Manchetes de jornal - corrupção</u>		
Mas num país em que a maioria da população é de analfabetos políticos, o voto acaba se tornando a única via de acesso do povo ao poder.	Urna – votação Entrevista: pessoa falando de política (sem saber)		

<p>Um indivíduo que reconhece seu papel como cidadão e a possibilidade de participação no Estado democrático passa a ter a sua disposição uma série de canais de controle e influência das instituições político-sociais voltadas para o todo. Estes canais vão do direito de votar ao direito de ser votado; da liberdade de expressão à possibilidade de assumir cargos políticos.</p>	<p>Imagem líderes igreja</p> <p>Foto líder MST</p> <p>Logos de ONGS</p>		
<p>Quando a política é entendida somente em sua versão institucional, ligando-se diretamente ao aparato estatal, e, ao mesmo tempo, em um nível micro (política sindical, política da Igreja), ocorre uma politização da sociedade. É assim que Brasília, centro do poder, continua sendo uma “ilha” de difícil acesso para grande parte do povo.</p>	<p>Fotos Brasília</p> <p>Fotos Plano Piloto</p>		
	<p>Onde está o Poder:? (entrevistas – 4)</p>		
<p>O poder , o ESTADO é uma instituição que age personificada ou simbolicamente (pessoas públicas, obras,, leis, planalto, terno, hino, segurança, ritos, bandeira, e pelo cidadão)</p>	<p><u>Fotos – homens de terno, prédios</u></p> <p>Imagens: seguranças do presidente e arriamento da bandeira</p> <p>Povo andando</p>		

O cidadão TORNAR-SE PARTE DO Estado; cobra dos representantes eleitos ações para o bem comum	Manifestações em Brasília Imagem índio		
	Entrevistas: Trechos de entrevistas falando de corrupção.	Dados CPI'S	
Os casos de corrupção não são casos inéditos. O brasileiro sempre vivenciou situações similares na história política do país. No entanto, ainda assim, permanece como que espectador diante de tanto roubo e escândalo envolvendo dinheiro público	Pedestre olhando manchetes banca de jornal Foto: Capa de Caras Foto: Capa Veja		
	Entrevista: trecho Frossard "Sejam ousados como os canalhas"		
O problema é que para ousar, para participar ativamente da vida pública é necessário ter acesso a informações, ao conhecimento.			
		DADOS POSITIVOS E NEGATIVOS (economia, política externa, políticas sociais)	
A principal fonte de informação no Brasil é a imprensa – Ela é o centro da esfera pública. Instrumento importante da democracia porque garante que a informação chegue aos cidadãos.	Foto Globo, outras emissoras (logos) Foto antena de rádio Foto capa de revistas, jornais		

o <i>direito à informação</i> , tal como previsto no artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948, está correlacionado à liberdade de opinião e de expressão, objetivando assim a igualitária participação da cidadania na esfera pública	Ler com a câmera: texto da declaração dos direitos do Homem.	Artigo 19	
(exemplos de manipulação de informações ou de fontes diferentes de notícia)	Fotos de fontes diferentes da notícia: (exemplos de manipulação de informações ou de fontes diferentes de notícia)		
É dessa forma que o povo é mantido à parte do processo político	<u>Cenas de propaganda política</u> Fotos de santinhos, lixas de unha, batons, réguas...de políticos		
E se forma a opinião de que o caos é inerente à vida pública			
	<u>Entrevistas: “uma palavra: defina ‘política’!”</u>		
O cidadão é forçado a ficar em uma posição reativa, quando não passiva. Melhoras em suas condições de vida são vistas mais como dádivas do Estado, do que resultado da sua participação pública			
	Entrevistas: (o que vc fez para ter esse remédio grátis...)		

	Entrevista com um cientista social “Com o ritmo de vida imposto para a sobrevivência diária de boa parte da população não se vê interesse na participação; os escândalos que aparecem todos os dias tiram a credibilidade da classe política; não há a tentativa de inclusão das pessoas na vida do país”.		
A <i>democracia</i> regida pelo princípio de legalidade, do controle e da responsabilidade do poder, exige que os governantes sejam expostos à luz pública para o efeito específico das avaliações dos governados.	Manifestações congresso <u>MAGENS senado, plebiscito</u>		
Ao longo da história do Brasil a democracia que deveria ser uma conquista popular tem sido construída pelas mãos e olhares das elites	<u>Fotos D. Pedro's, Presidentes, corruptos</u>		
Orgulhamo-nos de morar num país democrático, e defendemos a democracia. Votamos e pagamos impostos.	Urna, manifestações, Foto fachada da receita federal		
Elegemos representantes, porém não cobramos promessas.	Fotos de candidatos a cargos políticos		

<p>Sobrevivemos num mundo de imagens coloridas que preenchem as ruas da cidade e as televisões. A sujeira da rua mistura-se com o <i>glamour</i> das vitrines. Mendigos caminham par e passo com executivos. Paradoxos insolúveis pelos quais somos pouco tocados. Eles não nos motivam a participar ainda.</p>	<p>Fotos mendigos Fotos executivos Imagem mendigo pedindo na frente da Igreja</p>		
	<p>Toniquinho — O senhor mudará a capital do país para o Planalto Central, como está previsto nas Disposições Transitórias da Constituição? JK — Acabo de prometer que cumprirei, na íntegra, a Constituição e não vejo razão para que esse dispositivo seja ignorado. Se for eleito, construirei a nova capital e farei a mudança da sede do governo.(vhs)</p>		
<p>Brasília, a <i>meta-síntese</i> de JK parece não ter cumprido plenamente o ideal de modernidade, de igualdade defendida pelo Estado ao longo dos anos em que foi a capital do Brasil .</p>		<p>1960 - 2005</p>	
	<p><u>Fotos de personalidades</u> Depoimento de Lúcio Costa, Niemeyer (vhs)</p>	<p>Depoimentos escritos</p>	

Nesses anos de democracia a lição talvez tenha sido a de que ser cidadão é mais do que exercer o direito de votar apenas de 4 em 4 anos	<u>Foto Urna</u>	X	
É mais do que eleger um representante do povo e esperar pacientemente que ele seja a solução de mazelas tão antigas do povo.	Foto Lula com faixa presidencial		
É estar consciente de que grande parte do povo brasileiro está à margem do processo político e de que Brasília deveria representar melhor as necessidades coletivas da nação e menos interesses de poucos.			
	Folhas ao vento Imagens Brasília		
	Depoimentos de alunos sobre a questão.		

Anexo 14 – Projeto de produção – Videoclipes

1. PREPARAÇÃO

I – DIVISÃO DOS GRUPOS

1.	2.	3.
4.	5.	6.
7.	8.	9.
10.	11.	12.
13.	14.	15.

II – CONSTRUÇÃO DO PARÁGRAFO

III – ESCOLHA DAS PALAVRAS

IV – CONSTRUÇÃO DO PARÁGRAFO – RELAÇÃO ENTRE AS PALAVRAS-CHAVE

V- PROPOSIÇÃO DA QUESTÃO

VI – LEVANTAMENTO DAS IMAGENS

VII – ENTREVISTAS - QUESTÕES

VIII – LOCAÇÕES

2. PRÉ-PRODUÇÃO

I – DIVISÃO DE FUNÇÕES

CÂMERA (1)	
EDIÇÃO (2)	
TRILHA (2)	
ENTREVISTAS (4)	
FOTOS (4)	
ROTEIRO (2)	

3. APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Após reunir as imagens, apresentar o projeto e o filme finalizados.

Anexo 15 – Atividade de preparação – Videoclipes

O DIÁLOGO

Paulo Freire

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.

O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade.

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim ?

Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros "isto", em que não reconheço outros eu?

Como posso dialogar, se me sinto participante de um "gueto" de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são "essa gente", ou são "nativos inferiores"?

Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar?

Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela?

Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho?

A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles . Neste lugar de encontro , não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais.

Não há também, diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direitos dos homens.

A fé nos homens é um dado a priori do diálogo. Por isto, existe antes mesmo de que ele se instale. O homem dialógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. Esta, contudo, não é uma ingênua fé. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, Ter este poder prejudicado. Esta possibilidade, porém, em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a ele, pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder. Está convencido de que este poder de fazer e transformar, mesmo que negado em situações concretas, tende a renascer. Pode renascer. Pode constituir-se. Não gratuitamente, mas na e pela luta por sua libertação. Com a instalação do trabalho não mais escravo, mas livre, que dá a alegria de viver.

Sem esta fé nos homens, o diálogo é uma farsa. Transforma-se, na melhor das hipóteses, em manipulação adocicadamente paternalista.

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma realização horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é conseqüência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. Por isto inexiste esta confiança na antidualogicidade da concepção "bancária" da educação.

Se a fé nos homens é um dado a priori do diálogo, a confiança se instaura com ele. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo. Se falha esta confiança, é que falharam as condições discutidas anteriormente. Um falso amor, uma falsa humildade, um debilitada fé nos homens não podem gerar confiança. A confiança implica no testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. Não pode existir, se a palavra, descaracterizada, não coincide com os atos. Dizer uma coisa e fazer outra, não levando a palavra a sério, não pode ser estímulo à confiança.

Não é porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero.

Se o diálogo é o encontro dos homens para ser mais, não pode desfazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu que fazer, já não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso.

O texto acima serve de base para a discussão que definirá os temas das curtas. Leia-o atentamente e responda às questões a seguir:

1. Construa um parágrafo que resuma a idéia do texto.

Em grupo:

2. Escolham cinco palavras-chave relacionadas ao tema e justifique a escolha de cada uma em, no máximo, 10 linhas.
3. Relacionem as palavras entre si. Produza um parágrafo que demonstre essas relações.
4. Proponham uma questão a ser investigada pelo grupo com base nos textos produzidos a partir dessas discussões (tema)
5. Façam um levantamento de imagens que poderiam melhor embasar a teoria levantada.
6. Formulem as perguntas que poderiam encaminhar uma melhor discussão do tema. (entrevistas)
7. Com base no roteiro de visitas, façam uma lista dos locais que serviriam de cenário para as gravações.
8. Dividam as funções de cada um no grupo.

Projeto do vídeo

Os grupos, após lerem o material teórico sobre a produção de vídeo, deverão apresentar um projeto de realização do trabalho no qual constem:

- Sinopse;
- Justificativa;
- Roteiro de abordagens
- Roteiro de entrevistas
- Etapas da pré-produção
- Etapas da produção
- Divisão de funções

Avaliação: apresentação do projeto, execução do projeto e produto final (curtas)

Anexo 16 - Proposta de atividade – Videoclipes

Projeto – Produção de vídeo

Objetivos

- Usar o vídeo, no espaço escolar, como um instrumento de leitura crítica do mundo, já que seu caráter multilinguístico permite uma maior aproximação à prática e à produção dos próprios alunos.

Etapas do projeto

- Introdução ao roteiro
 - Linguagem audiovisual: ponto de vista e construção de conceitos e vozes
 - Sonoplastia/iluminação/Cenário e Figurino
- Repertório de documentários de curta-metragem
 - Técnicas de gravação e edição
 - EDIÇÃO

Avaliação: O aluno será avaliado em todas as etapas acima. No conceitual, através de produções escritas; no procedimental, pelo o seu trabalho prático; e no atitudinal, pelo envolvimento, participação respeito e colaboração.

Parte I – ROTEIRO

O Roteiro de Cinema

Diferentemente dos vídeos domésticos o roteiro de cinema é feito de uma maneira técnica, recheado de ganchos, expectativas e tramas. É preciso lembrar que os espectadores enxergam por meio da câmera, por isso, os planos, as tomadas o a narração devem ser bem aplicados. No cinema, não há intervalos comerciais, o que favorece a atenção. O cinema é uma linguagem puramente visual reforçada pelos diálogos.

Etapas de um roteiro:

- Escolha do Tema (Assunto)
- Pesquisa de dados
- Produção do texto base
- Decupagem – definição das imagens
- Divisão de funções
- Filmagens
- Montagem
- edição

Forma física do Roteiro Final

Cena	Imagem	Plano	Tempo	Som
0	Espaço		20	Principal
0	Títulos		30	Abertura
1	Chão e rua	PG	5	Som ambiente
2	Criança brincando	PA	40	Música suave
3	Sai de casa	PC	40	

Anexo 17 – PAUTAS – ECCRepórter

PROPOSTA DE PRODUÇÃO – ECCREPÓRTER

A classe receberá um tema para a produção do PROGRAMA “ECCREPÓRTER” que terá duração de 20 minutos. O programa terá de 4 a 5 blocos de aproximadamente 5 min (reportagens) cujos temas serão **sugeridos** pela equipe de professores responsáveis pela produção. Após recebido o tema, haverá a divisão dos grupos e a definição das funções de cada aluno no trabalho de **criação** em vídeo. Os temas foram sorteados entre as 3 classes e a pauta foi elaborada pelos professores contemplando os conteúdos conceituais das diferentes disciplinas, a proposta do Estudo do Meio e o momento atual do Brasil. O programa deve ser desenvolvido necessariamente sobre o tema proposto. Contudo, a pauta poderá sofrer algumas alterações, mediante justificativa, se o grupo julgar relevante.

TEMA – bloco 1 – 1.A

ARQUITETURA DO PODER

1. Resgate das relações de poder
 - ⇒ Processo de construção de Brasília e mudança da capital
 - ⇒ Críticas e apoio ao projeto
 - ⇒ Quem vai e por que vai à Brasília nesse momento
 - ⇒ Quem fica e onde fica no Distrito Federal
2. Brasília: sede de poderes
 - ⇒ Democracia e ditadura: como se dão as tomadas de decisões nesses dois momentos diferentes, quem participa, quem decide efetivamente
 - ⇒ Alteração da ocupação do espaço nesses dois momentos: o que acontece com a PRAÇA DOS TRÊS PODERES, EIXO MONUMENTAL, GRANDES COMEMORAÇÕES CÍVICAS, POSSE DOS PRESIDENTES
3. Arquitetura de políticas públicas: GRANDES TEMAS em diferentes momentos

- ⇒ Educação, meio-ambiente, energia, habitação, saúde, violência: na democracia e na ditadura
 - 4. Arquitetura de homens públicos
 - ⇒ virtudes, atuações, limites e os projetos.
- TEMA – bloco 2 – 1.B

CIDADANIA PELOS CORREDORES DE BRASÍLIA

1. Diálogos constitucionais e a Cidadania Legal
 - ⇒ Ser cidadão no governo JK, ditadura, na abertura política e a Constituição de 1988
2. Vida em sociedade
 - ⇒ Benefícios e problemas
 - ⇒ Cidadania a partir de 1988 – todos cidadãos
 - ⇒ Que sociedade queremos?
 - ⇒ Pacto social real e o Pacto social ideal
 - ⇒ O Brasil real e o Brasil ideal
 - ⇒ 100% democracia x 100% pertencimento?
 - ⇒ Panorama sobre os grandes temas nacionais
3. Espaço de atuação e diálogos
 - ⇒ Existem?
 - ⇒ Quais?
 - ⇒ Quem?
 - ⇒ Como?
 - ⇒ Onde estão os cidadãos de Brasília: diferentes esferas de pertencimento (homens públicos, funcionários públicos, políticas públicas, manifestações públicas)
4. Cidadania além de Brasília
 - ⇒ ONGS
 - ⇒ Movimentos sociais
 - ⇒ Ações cotidianas

TEMA – bloco 3 – 1.C

POR TRÁS DAS ‘CÂMARAS’

1. Contextualização da relação do Estado e da Mídia
 - ⇒ Criação do DIP
 - ⇒ Democratização do Estado brasileiro, com ênfase na cobertura da mídia durante os anos JK (Plano de Metas, Transferência e construção da capital, Inauguração de Brasília)
 - ⇒ Governos militares (“Anos de chumbo”)
 - ⇒ Censura, torturas, mortes, manipulação da imagem
 - ⇒ Imprensa alternativa
 - ⇒ Restauração da democracia
 - ⇒ (Não) Cobertura das DIRETAS JÁ
 - ⇒ Morte de Tancredo
 - ⇒ Governo Collor
2. Espaços da mídia no espaço democrático
 - ⇒ SECOM
 - ⇒ MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES
 - ⇒ Assessorias de imprensa
 - ⇒ Atribuições de funções e papéis na informação do cidadão
 - ⇒ “HORA DO BRASIL”
 - ⇒ TV SENADO, TV CÂMARA, TV JUDICIÁRIO
 - ⇒ Sala de imprensa – Palácio do Planalto
3. Da notícia ao fato, do fato à notícia
 - ⇒ O trabalho dos homens da mídia em Brasília
 - ⇒ À espera do “grande fato”
 - ⇒ QUEM e O QUE é foco e QUEM e O QUE vira notícia
 - ⇒ Comparação/ análise entre o que aconteceu em Brasília e o que virou notícia
4. Mudando o foco
 - ⇒ Refazer cenas clássicas da mídia (o que aparece ao fundo das reportagens)
 - ⇒ Buscar novos protagonistas e pessoas que não estão na mídia, mas fazem a diferença
 - ⇒ Novas abordagens para os grandes temas: educação, meio ambiente, homem público, violência, crise aérea, etc.

Anexo 18 – Divisão de funções – ECC Repórter

	1A (Arquitetura do poder)	1B (Cidadania em Brasília)	1C (Por trás das câmeras)
ROTEIRO	BEATRIZ ALIN	MARINA LUÍZA	FERNANDA ANNELIZE
	GIOVANA FERNANDA	LÍVIA SOUZA LÍVIA RETT	LAURA MARCELA LARISSA
	SAMUEL FERNANDO	JOÃO IVAN	MATHEUS FREDERICO GABRIEL M.
	NICOLE RAFAELA	VITOR T. GABRIEL C.	MARIANA C. LÍVIA E LIA
CÂMERA	SARAH	VIVIANNA	RAELLE
	LUCAS	NICOLLI	MARIANA R.
	RODRIGO	ARTHUR	GABRIEL M.
	TALITA	GUILHERME	ARTHUR
ASSISTENTE DE CÂMERA	PAULA	BEATRIZ	GABRIEL
	ISABEL	CARLA	LARISSA
	MARCELO	GABRIEL R.	ELISA VINÍCIUS
	M. PAULA	PEDRO	VITOR
SOM DIRETO	GABRIELA	LILIAN	PATRÍCIA
	RAFAEL	FERNANDA	TAÍS
	WARLEN	VITOR A.	MATHEUS
	CAROL	GUILHERME	MONIQUE
FOTOS	BEATRIZ	BRUNA	ISABELA
	GIOVANA	LÍVIA	LAURA
	SAMUEL	ÍTALO	LUCAS
	NICOLE	GUSTAVO GABRIEL	LÍVIA LIA
TRILHA	MILIE	TAÍS	FERNANDA
	RAFAEL	LUÍZA	MARCELA
	VITOR	AUGUSTO	LUCAS
	CAROL	GUILHERME	MONIQUE
EDIÇÃO	PAULA	BIA LILIAN	GABRIEL
	ISABELA LEONARDO	CARLA	ANA JÚLIA
	DIEGO MARCELO	GABRIEL	ELISA
	M. PAULA	DANIEL	MARIANA C.

Anexo 19 -- Controle de entrega dos DVDS E CDS – ECC Repórter

1 A	DVD	CD	DATA ENTREGA
GRUPO 1			
GRUPO 2			
GRUPO 3			
GRUPO 4			
1 B	DVD	CD	DATA ENTREGA
GRUPO 1			
GRUPO 2			
GRUPO 3			
GRUPO 4			
1 C	DVD	CD	DATA ENTREGA
GRUPO 1			
GRUPO 2			
GRUPO 3			
GRUPO 4			

Anexo 20 -- Exemplos de esboços de roteiro - ECC Repórter

VERSTO (2)

Acho que falta vocês imaginarem o programa acontecendo. O roteiro ainda não tem o texto pronto para locução.

ECC

Roteiro: Brasília Sede de Poderes

grupo (2)

Jibrona / Fernanda = Roteiro.

	Texto	Imagem	Câmera	Trilha
(1)	Brasília: arquitetura brilhante e detalhada, contém símbolos que representam a marca da cidade planejada por Oscar Niemeyer.	Foto do Plano Piloto, fotos da estrutura geral da cidade em preto e branco. Fotos coloridas também. (atuais)		
Mar dual dentro tandem, seria seu maior símbolo. Dual	Seria seu símbolo inconfundível? (Introdução da comparação entre os símbolos atuais -- Praça dos Três Poderes, Panteão, Congresso, Obra "Os Guerreiros", Palácio da Alvorada, Palácio do Itamaraty. -- e os símbolos de anos atrás (ditadura e democracia). Mudança que representa progresso nacional.)	Fotos de todos os símbolos encontrados, Praça dos Três Poderes, espelhos d'água, bandeira, Congresso etc.	Câmera na posição de baixo para cima filmando os símbolos possíveis. como assim?	
(2)		→ isso precisa virar texto. Ou, se não virar e só houver fotos, qual o áudio que irá acompanhar?		
(3)	Ditadura: citações sobre o poder de Getúlio Vargas (Estado Novo) (como era a relação com o povo, símbolos durante esse período, imagem que a população tinha sobre isso.) Quem era herói na ditadura? O que é um herói?	Fotos de Getúlio Vargas, de lutas e manifestações realizadas pelo povo (preto e branco), fotos de palestras do período etc. Foto do Superman.	Câmera parada e reta (caso haja manifestação dos dias de hoje para ser filmada).	
Aqui é texto!!	Democracia: período de igualdade social, símbolos dessa igualdade? Simbologia do povo, era presente, não era? E o herói? Havia ou não havia?	Fotos da população em passeatas, manifestações. Fotos que mostrem a união social, pessoas de mãos dadas etc.		
(4)	Praça dos Três Poderes: homenagem ao período Republicano, valor para a população, atualmente e antigamente. Presença de praças antigas, simbologia da praça para o povo. Sede de Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.	Fotos da Praça. Filmagem da população passando na praça e sem perceber os símbolos presentes. Entrevistas com pessoas comuns (Qual é - para você - o significado da Praça dos Três Poderes?) e com	Câmera em plano médio, filmando bem o rosto dos entrevistados.	
(5)		O que a praça dos 3 poderes representa?		
	Aqui está narrado. Em forma de locução!			

legal a forma da pergunta!

Reveram o texto que explica o significado!

7

8

pa. vocês não invertem a ordem e colocam depois da cena 5? e! mais lógico!

10

11

12

	políticos (Conte para nós o real significado da Praça dos Três Poderes.).		
6	Bandeira Brasileira: Significado das cores (amarelo, verde, azul, faixa branca e estrelas). Importância nacional. Simbologia da bandeira que é hasteada quando o presidente se encontra no Palácio.	Foto da bandeira. Filmagem do Palácio do Planalto, foto na bandeira.	Câmera em plano médio, zoom na bandeira do Palácio.
7	Congresso Nacional: espelhos d'água, símbolo do poder político.	Filmagem dos espelhos d'água. Entrevistas com as pessoas que passam por lá (Para você, qual é a intenção desse córrego d'água em frente ao Congresso?; O que isso simbolicamente significa?).	Câmera de cima para baixo.
8	O Panteão da Pátria Tancredo Neves homenageia todos os que se destacaram em a favor da pátria brasileira, sejam brasileiros ou não.	Fotos do Panteão. <u>Filmagem tb.</u>	
9	A obra "Os Guerreiros" conhecida também como "Os Candangos", de Bruno Giorgi, homenageia os candangos que trabalharam na construção de Brasília. A escultura é considerada um dos símbolos da cidade. Está localizada na Praça dos três poderes.	Fotos da obra e filmagem do local. <u>pa? só foto?</u>	Câmera de baixo para cima. ?
10	Palácio da Alvorada, repetição de colunas, idéia de movimento e agitação. <u>texto?</u>	Fotos Palácio. <u>pa? Foto? Filmem!!!</u>	Câmera de baixo para cima.
11	Palácio do Itamaraty, obra "Meteoro" de Bruno Giorgi representa cinco continentes.	Fotos obra, Entrevistas aos políticos (O que representa a obra de Bruno Giorgi no Palácio do Itamaraty, "Meteoro"?).	
12	Vias Exclusivas de Brasília	Filmagem das vias	Câmera no Plano médio.

o que simboliza me Usei? consegue mostrar outros símbolos aqui? Suaviz?

	representam com seus carros o progresso.	e fotos das vias lotadas de carros.		
13	Presença de grandes quadras residências representa a igualdade a todos.	Fotos das grandes quadras e filmagem do local.	Câmera no Plano Médio.	
14	Importância de Brasília, cidade simbólica tanto nos dias de hoje como nos dias de antigamente. O povo tem conhecimento de tais símbolos da cidade? A população sabe do planejamento da cidade com tais mínimos detalhes? O povo tem esse conhecimento? E hoje, será que há um herói? <i>Esta meio solto!</i>	Fotos da cidade, de Oscar Niemeyer. Pedacos de entrevistas e palestras com políticos -- caso haja -- (Quais são os símbolos mais importantes de Brasília em sua opinião?; Você conhece todos eles e seus significados?). Filmagem da população passando por símbolos e nem os percebendo.	Câmera de baixo para cima na filmagem da população e plano médio nas entrevistas e palestras.	

Grupo: Giovana
Fernanda
Leonardo
Izabel
Lucas
Rafael

1ºA

*Acho que vocês precisam repensar o texto da concepção.
Sinto também que falta clareza na tese, na polêmica que vocês levantam.
Tem pouco caráter investigativo. Parece só uma ilustração dos símbolos.
As perguntas das entrevistas estão boas.*

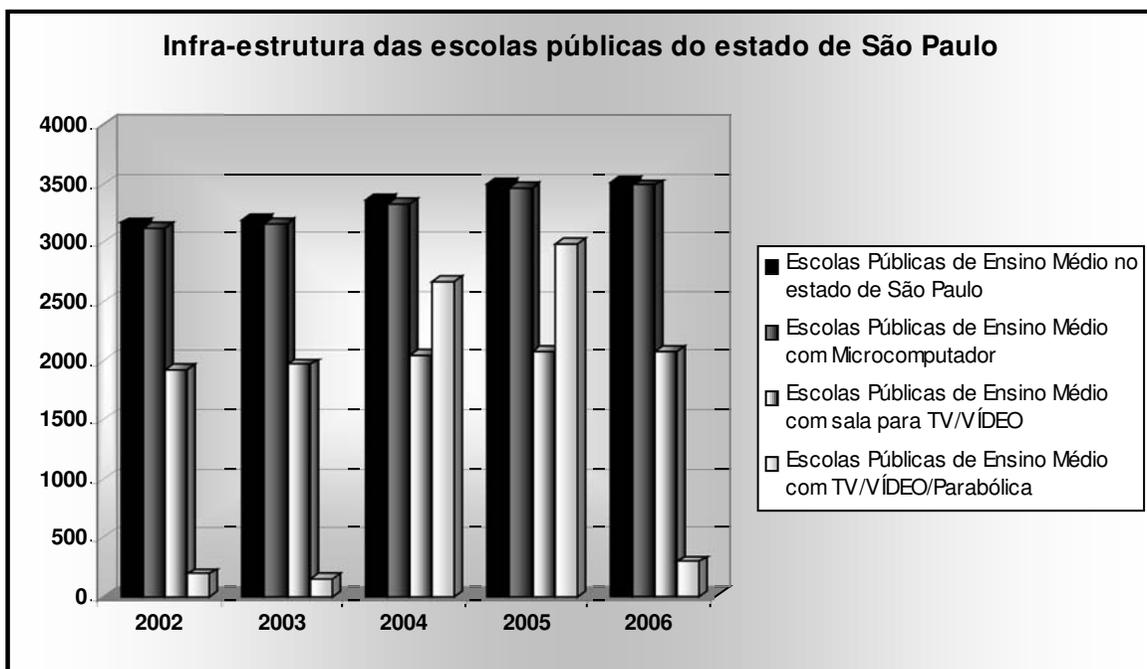
VERSÃO ①

Escola Comunitária de Campinas
 Disciplina: Português e História
 Professoras: Fabiana Saad Ezarch e Fabianna Miranda

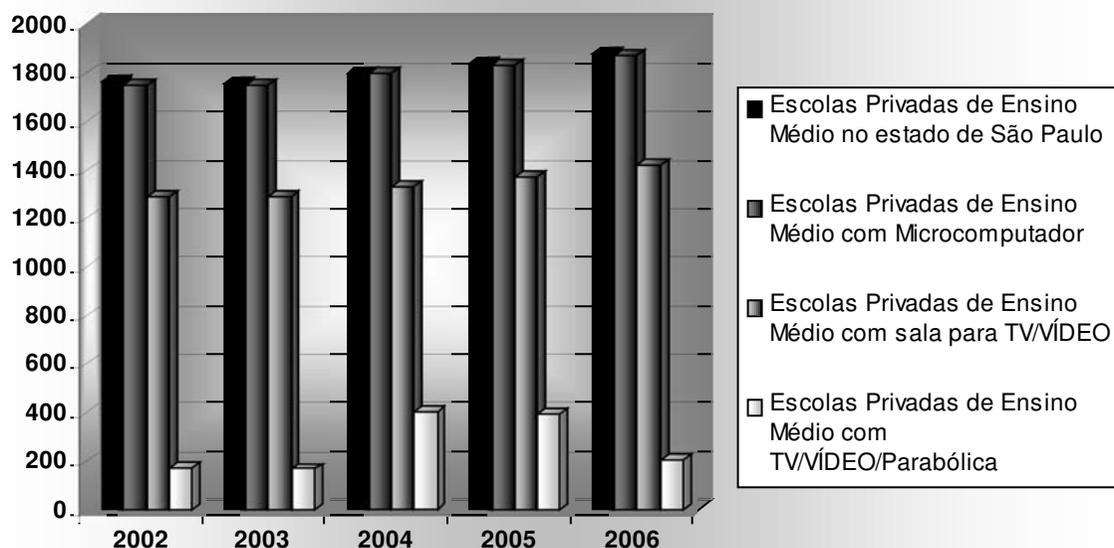
Roteiro: 4. Arquitetura de homens públicos
 Grupo: Carolina, Maria Paula, Stela, Talita, Rafaela e Nicole

Texto	Imagem	Posição de câmera	Trilha sonora
<p>Os homens públicos são homens comuns eleitos, através do voto popular, e que passam a dedicar suas vidas, seu trabalho ao país, e a representar cada pessoa.</p> <p><i>Os políticos são pessoas comuns que se tornam políticos através do voto popular. Uma vez eleitos...</i></p>	<p>→ Homens públicos em sessão. → Homens públicos exercendo. → Bandeira do Brasil. → Praça dos 3 poderes</p> <p><i>nom!</i></p>		
<p>Eles têm um bom salário, devido a sua importância para o país. Além de privilégios durante seu governo. Mas será que o tempo de trabalho deles coincide com tamanho salário? Eles ganham mais do que professores estaduais, mas será que trabalham a mais também?</p> <p><i>Seu trabalho vale a pena? Como o salário de professores estaduais, mas será que trabalham a mais também? Muito infom!</i></p>	<p>→ Comparação entre salário de professores, funcionários com o de homens públicos → Cenas como a do "dinheiro na cueca" → Viagens do Lula → Gabinete vazio</p> <p><i>legal!</i></p>	<p><i> Perguntem: "Quanto % do seu salário é benefício estatístico de 2 de salários, através dos anos."</i></p> <p><i>Legenda: impostos</i></p>	<p><i>benefício</i></p>
<p>Mesmo recebendo um salário avantajado, muitos não cumprem com sua política de governo. É o que vimos nos últimos governos. Mesmo assim, ano após ano recebem o voto da população.</p> <p><i>Seja por que são corruptos, escândalos, corrupção, roubo, lavagem de dinheiro, remuneração ao cargo e o que vem...</i></p>	<p>→ Propostas feitas pela maioria dos candidatos e o que realmente cumprem → Candidatos eleitos e depois reeleitos → Atos de corrupção (mensalão, etc) → Pessoas votando</p>	<p><i>→ difícil de gerar</i></p>	
<p>Como será que a população escolhe o candidato que irá nos representar? A mídia tem forte apelo ao voto e manipula a maior parte da população.</p> <p><i>Mostre os meios de escolher...</i></p>	<p>→ Entrevistas com pessoas respondendo a essa questão → Pessoas na rua → Candidatos da última eleição → Programas e matérias que manipulam o voto (revista Veja, Globo)</p> <p><i>→ Filmes, programas de governo x</i></p>	<p><i>→ Coloque a pergunta!! (preveja a resposta) no noticiário</i></p> <p><i>→ como fazer?</i></p>	
<p>Os homens públicos têm uma rotina de trabalho como a maioria dos trabalhadores, devendo cumpri-la, diariamente, com direito a férias e um salário a altura. Não deveríamos permitir que nosso país fosse mal representado.</p> <p><i>→ não fale a sua opinião.</i></p>	<p>→ Rotina de trabalho → Como trabalham → Entrevistas</p> <p><i>→ formule a pergunta ao político.</i></p>		

Anexo 21 -- Gráficos INEP



Infra-estrutura das escolas privadas do estado de São Paulo



Total de escolas públicas de Ensino Médio no Brasil

